

Envelhecendo para a “Vida”

Jair de Oliveira Freitas

Titular da Academia de Medicina de São Paulo

Envelhecendo para a “Vida”

Santos – 1979

Aos meus pais: Adão e Elisabeth
À minha mulher: Cecília
Aos meus filhos: Jair e Paulo Augusto
Renato e Antônio Cláudio
Marcelo e André Luiz
Ricardo e Maria Cecília
Às minhas netas: Miranda e Carolina

Gens Una Sumus

Disce ut semper victurus, vive ut eras moriturus.

(Isidoro de Sevilha, 560-636)

A meus inesquecíveis mestres, colegas e alunos, solidários na ciência e na arte de nossa vocação de serviço e amor, vivendo le goût de soigner et le besion de guérir.

A todos meus irmãos na Fé, que comigo firmemente crêem gravitar na órbita da Verdade, centrifugamente dirigidos ao Caminho que nos conduzirá à Vida.

Que seu constante, humilde, e tantas vezes heróico testemunho, possa cada vez mais frutificar, através dos séculos, motivando e estimulando outros irmãos que, infensos à Graça, ainda se encontram centripetamente auto-limitados pelo mundo.

A todos os demais, homens de boa-vontade, com fraterno amor e total respeito à parcela de Verdade que neles vislumbro no exercício, cada um, da liberdade que a todos nos deu o Criador.

J. de O. F.

Índice

Introdução

“... e na hora de nossa morte, amem.”

Tanatologia e tanatofobia

Entre as ondas

Tanatognose e ressuscitação

A vertigem das alturas

A dor e a estética da morte

Morte na estrada

O mingau do soldado

Em torno à responsabilidade médica

Entre as nuvens

O envelhecimento patológico do mundo

“Suicídio?”

Da imortalidade

Gerontologia e geriatria

Morrendo aos trinta

Fisiopatologia do Envelhecimento

A mente senil

O envelhecimento do homem

Conclusão

Introdução

O ponto de vista cria o objeto.

(Saussure)

NASCEMOS, aprendemos e amadurecemos – adaptando-nos, isto é, acomodando-nos ao ambiente ou assimilando-o, como diz PIAGET. Depois, inevitavelmente envelhecemos e morremos. Do ponto de vista biológico, este haveria de ser nosso limitado evolucionar natural no planeta, nosso devir ontogenético, no trajeto vetorial que percorremos, geração por geração, nas misteriosas linhas da filogenia da espécie. Nascendo e transitando pela morte, pesado tributo pagamos, quais os antigos romanos, aos deuses da entrada e da saída – adeona e abeone – para, através de dor e sofrimento efêmeros, envelhecemos, rumo à nova vida, definitiva.

Neste desprezioso e livre ensaio, propomo-nos, basicamente, focalizar determinados aspectos biológicos e médicos de envelhecimento do homem. Por força de nossa especialização profissional, cuidaremos, sobretudo, das duas últimas etapas biológicas da vida humana: o envelhecimento e a morte. Se assim nos expressamos, é porque – digamo-lo já, tout court – é nossa convicção pessoal que a vida se continua além da morte. Temo-lo como absolutamente certo e pacífico, à luz da razão e da fé – símbolo, esta, de uma “função natural do homem”, a religião, como dizia C. G. Jung.

Menos aos doutos e especialistas – por desnecessário – de que ao homem comum, nosso despreparo, do ponto de vista acadêmico, em biologia e filosofia, maior ainda em teologia. O autor é, simplesmente, um profissional médico, militando na clínica há quase vinte e oito anos, a lidar com a vida humana e com a morte diuturnamente, num plano estritamente pragmático – isto é visando a preservar uma e adiar outra.

Se ao leitor comum nos pareceu útil esta advertência – e leitor comum também somos nós – com equanimidade procuraremos receber possíveis críticas de doutos e especialistas em ciências biológicas: enfoque excessivamente religioso ou dogmático; seletividade algo mágica ou pouca objetividade, na abordagem do tema

central; hipertrofia de posições valorativas pessoais, etc. Eventuais críticas de autores ou de idéias, sem melhores explicações ou demonstrações adicionais, de nossa parte, também poderiam vir a fazer parte do acervo contraditório. Na realidade, se esta nossa antecipação visa, sobretudo, a elidir polemizações, sabemos bem que a inevitável contradição é apanágio do cristianismo autêntico, integral, quando afirmado, sem rebuços, em determinados contextos sociais e culturais. Negamos seja o nosso um trabalho científico, embora contenha dados sobre determinados ramos das ciências biológicas, por nós compilados, seletiva e resumidamente. Por outro lado, menos autênticos seríamos se fugíssemos ao risco de expor, embora sinteticamente, nosso ponto-de-vista, nossa opinião, relativamente a determinados conceitos ou idéias. De fato assumiremos, aqui e acolá, posições exclusivamente pessoais, reflexos, como deixamos entendido, de uma cosmo-visão cristã, através de uma ótica humanística global.

Assim, se frequentemente nos deixarmos ir à deriva, ao longo destas páginas, fugindo a balizamentos rigorosamente técnicos, esperamos contar com a benevolência dos filósofos e cientistas – na hipótese de se abalancharem eles à leitura de um ensaio-livre em que o autor, de modesto índice bovário, jamais pretendeu fazer passar por colocações filosóficas ou científicas seu pensar específico, sua crítica pessoal e absolutamente livre – exceto, talvez, das imponderáveis influências catatímicas e dos condicionamentos culturais dos autores...

Resumidamente: gostaríamos que o texto pudesse, na realidade, representar para o leitor comum e complacente nada mais que simples partilha de dados referentes a determinados aspectos das ciências biológicas – uma compilação ou calepinação, um trabalho de “vulgarização científica”, enfim.

Algumas destas páginas talvez ressumbrem evidente preocupação escatológica. Julgamo-las, entretanto, escoimadas de qualquer espírito sectário religioso, intolerância ou radicalismo. Isto porque – apraz-nos enfatizá-lo – perfilhamos, através da graça e com nossa consciência iluminada pela fé, um posicionamento que, sem abrir mão da apologética, é basicamente o de um humanismo cristão – mais explicitamente, um catolicismo de sentido ecumênico, mas não sincretista, aberto ao

diálogo universal. Como dizia HUYGUE, “o católico é aquele homem que vê em todo homem não a etiqueta do incrédulo ou protestante, judeu ou comunista, mas o irmão que CRISTO coloca em seu caminho para receber seu amor.” cremos, outrossim, que o “reino de Deus” já se encontrará entre nós, aqui e agora, na medida em que procurarmos inserir a presença salvífica de CRISTO no contexto de toda nossa vida terrena, do nascimento até à morte – entendendo esta última como simples fenômeno da transição, imanente à vida, pois o que realmente importa é a segunda morte, a escatológica. (Apc 2, 11; 20,6; Apc 17, 8.11). Se tem sido dentro desses parâmetros que temos procurado “construir” nossa vida – pessoal, familiar, profissional e espiritual – lamentavelmente com maiores que – das do que ascensões, serão também esses os limites de definir, coerentemente, o sentido geral desta publicação e a mensagem de que eventualmente possa ser portadora.

Não duvidamos de que talvez fosse mais próprio ao médico cuidar da vida e das doenças, do que cuidar da morte... Já rezava a antiga divisa de nossos confrades farmacêuticos:

Morbi autem, non eloquentia sed remediis, curantur, curam-se as doenças com remédios, não com discursos... Nisto concordaríamos apenas em parte, pois ainda cremos, até certo ponto e em determinados casos, na eficácia do diálogo psicoterápico de apoio ou mesmo catártico-analítico – embora não necessariamente no divã psicanalítico, apenas...

Não é o discurso sobre a vida mais fácil do que o outro, sobre a morte. SZENT-GYORGYI, notável bioquímico húngaro, “Prêmio Nobel” de 1957, afirmava sem rebuços:

La vie, en tant que telle, n'existe pas.

Personne ne l'a jamais vue...

Le nom vie n' a pas de sens, car une telle chose n'existe pas.

A estas palavras do ilustre descobridor da “vitamina-C”, é quase inevitável que nos recordemos daqueles não menos ilustres cirurgiões que jamais puderam encontrar a

alma na ponta de seus bisturis, ou dos frustrados astronautas soviéticos que, libertos da lei da gravidade, mas não dos condicionamentos ideológicos, não conseguiram lobrigar Deus no espaço...

ANDRÉ LWOFF, também galardoado, em 1965, com o “Prêmio Nobel” de medicina, afirma nada ser mais difícil do que definir a vida – propriedade, manifestação ou estado dos organismos vivos. Sobre esses últimos, dá-nos sua proposição:

... un système spécifique, complexe et organisé.
Un organisme n'apparaît jamais 'de novo' et pro-
vient toujours d'un organisme identique préexis-
tant... La reproduction d'un système complexe
contenant des macromolécules (entre outras, áci-
dos nucléicos e proteínas) est par conséquent ca-
ractéristique de la vie. Et un tel complexe, unité
indépendante de structures et de fonctions intégrées
capable de donner naissance à un complexe iden-
tique, ne peut être qu'un organisme, un organisme
vivant. ().

Satisfariam esses conceitos, universalmente, aos teólogos, filósofos, biólogos e físicos? Se um organismo provem toujours de um organismo idêntico preexistente – de onde provirá este? MARIE FRANÇOIS XAVIER BICHAT (1771-1802), jovem médico e brilhante mestre da anatomia descritiva, atraído a Paris pela Revolução Francesa, definia a vida como o conjunto de forças que resistem à morte. Já CLAUDE BERNARD (1813-1878), o grande biólogo e fisiologista francês, humildemente afirmava a impossibilidade de defini-la, talvez por isso falando de uma força de natureza especial – dos “fenômenos da vida”, e não em vida propriamente dita.

Do ponto de vista metafísico e anti-reducionista, enquanto transcendente à matéria, como manifestação divina – Javé vive (SI 18, 47) – jamais poderemos penetrar-lhe a essência. Já no sentido meramente descritivo de algumas de suas propriedades, pode ela ser entendida na acepção de “fenômenos” ou “conjunto de fenômenos”, ou

ainda “princípio de ação de fenômenos” que se observam nos seres vivos, suficientemente organizados, desde seu nascimento até á morte: a nutrição e a reprodução, basicamente. (LALANDE)

À ótica mecanicista ou reducionista, de um ponto de vista estritamente biológico, LE DANTEC tentou esquematizar-lhe a fórmula – a “fórmula da vida elementar”:

$$V_1 - M = a V_2 - R$$

onde, analogamente às fórmulas químicas,

V_1 = quantidade de corpo com estrutura, composição e propriedade definidas;

M = meio apropriado;

a = coeficiente maior que 1;

V_2 = quantidade igual do mesmo corpo, não substancialmente idêntica ao primeiro, na sua totalidade;

R = resíduo da operação.

Para o filósofo inglês HERBERT SPENCER (1820-1903), evolucionista e positivista, “a vida é a adaptação contínua de relações internas a relações externas”, ou, na linguagem moderna de H. SELYE, poderia ela ser definida pelo stress, cuja ausência implicaria na morte. São inúmeros os conceitos, satisfazendo a todos os paladares reducionistas, desde R. BEUTNER (vida como uma das propriedades do carbono), até J. M. FORD e J. E. MONROE (vida como célula com ácidos nucléicos)...

Deixemos, entretanto, de momento, as diversas e por vezes divergentes acepções da vida – que, com MAINE DE BIRAN, entendemos tríplice, no homem: animal ou fisiológicas; humana, na vontade livre e consciência de si próprio; espiritual ou divina – para cuidarmos da morte, com nossas excusas a SPINOZA:

Homo líber de nulla re minus quam de morte cogitat, et jus sapientia non mortis, sed vitae meditatio est.

À tanatofobia generalizada dos tempos modernos gostaríamos de procurar oferecer, nas páginas que se seguem, modesta reflexões ou colocações que poderiam ter, eventualmente, algum alcance psicoterápico – digamo-lo assim – no convite à meditação biológica e também “filosófica” do curso de nosso existir terreno, do nosso envelhecimento para a terceira e última idade, para a verdadeira e definitiva Vida. Como dizia ORTEGA Y GASSET, “o conceito de idade não é de substância matemática. A idade é, dentro da trajetória vital humana, um certo modo de viver – por dizê-lo assim, é dentro de nossa vida total, uma vida com seu começo e seu término: começa-se a ser jovem, como se começa a viver e se acaba de viver.” De nosso envelhecer pessoal, que já atinge a marca dos cinqüenta e dois anos, pouco mais de trinta e três deles temos passado em íntimo convívio com as doenças e com a morte. Computamos nesse total seis anos de aprendizado regular e “formal” de medicina, desde os anfiteatros de anatomia, passando pelas enfermeiras de hospitais, até as salas de cirurgia e de necropsia – acrescidos de mais de vinte e sete anos de prática efetiva e aprendizado “real” da arte médica, na militância diuturna e penosa da clínica-geral e da cardiologia, além do desenvolvimento de variadas atividades didáticas.

No decurso desses longos anos, com humildade aprendemos a conhecer de perto e profundamente respeitar o mistério da morte. Já nas emanações de formol dos cadáveres de indigentes anônimos, que dissecávamos, aos dezoito anos de idade; no silêncio, maculado de gemidos, das madrugadas frias dos hospitais e maternidades; no bulício organizado das enfermeiras e salas de curativos, nas unidades de emergência e de terapia intensiva; no estridente lamento das sirenas das ambulâncias, rasgando a noite dos subúrbios cariocas; na violência criminosa de certas delegacias de polícia e presídios; na miséria de prostíbulos e “saídas de gafeira”; nas catástrofes dos desabamentos e das enchentes, no trânsito assassino das cidades e das estradas; nos barracos das favelas e dos morros, e nas mansões das metrópoles; nos rictus de dor e desespero da trágica solidão dos suicidas; na invencível náusea das necropsias e exumações, nas marés altas das praias desertas; na paz dos átrios e das clausuras dos conventos – sempre a defrontamos, para contra ela ingentemente lutarmos, ou para constató-la, simples e desgraçadamente. E não menos vezes, naturalmente, nos movimentados, ruidosos e

socialmente descontraídos velórios dos “favorecidos pela fortuna”, como também no silêncio da vigília lutuosa dos lares humildes, e ou na paz comovente dos cemitérios. Irmã da vida e, como esta, misteriosa – sempre atuante, presente ou iminente, onde houvesse amor, paz, esperança.

Durante toda nossa longa atividade profissional, sob as condições mais diversas e adversas, temos sempre buscado aceitar, entendendo-a sobrenaturalmente, a inevitável transição pela morte, quando esgotados os recursos técnicos disponíveis à ocasião, nas mais diversificadas situações e patologias. Sofrendo-a sempre embora, em nosso próximo, parentes, amigos e clientes, não pudemos deixar de aceitá-la, como expressão fisiológica da condição humana e da suprema vontade divina, imprescritível – a marcar, inexoravelmente, a insuficiência da atividade terapêutica do médico. À luz do plano superior dos desígnios da Providência – que ser criado algum, menos ainda o médico, mero e limitado instrumento daquela, pode atrever-se a perscrutar ou antecipar – parece-nos não se possa falar em termos de “vitórias” ou “derrotas” do médico, quando, com ciência e consciência, se devota ao acharnement thérapeutique, de que nos fala J. R. DEBRAY. Dispensados por ele todos os cuidados a seu alcance e desejáveis na circunstância, conforme os dados científicos atualizados à ocasião de sua intervenção terapêutica, cabe-lhe – e só então – pronunciar e viver o humilde Fiat, ante a morte de seu paciente. Restar-lhe-á sempre, entretanto, a imensa e gratificante possibilidade de ter podido aliviar e consolar – divinum opus – quando impossível a cura. Em síntese, é a conduta que permanentemente temos procurado inculcar aos nossos alunos, entre os quais se inclui um filho: o sagrado respeito à vida, de que nos falava ALBERT SCHWEITZER (1875-1965) – médico alsaciano e também teólogo protestante que se refugiou em Lambaréné, na África, para viver caridade de CRISTO e a música de BACH – no diuturno aprendizado do respeito à dor e ao sofrimento do próximo.

Não se limitaram, entretanto, a esses aspectos profissionais nossos contactos de vizinhança ou intimidade com a morte. Em verdade, já muito antes nos era ela extremamente familiar, por força, tanto, de múltiplos eventos e vivências, como de circunstâncias e condicionamentos vários, como poderão revelar curtos flashes autobiográficos que resolvemos inserir no presente texto.

Terão eles, certamente, descolorido matiz, exceção feita aos olhos do próprio autor, que intensamente os vivenciou, incorporando-os ao acervo de suas reminiscências e, talvez, condicionamentos marcantes. Intercalados de permeio aos capítulos deste ensaio, consigam talvez amenizar a aridez do tema... ou do próprio texto, sem prejuízo da preocupação precípua do autor – a dissolução do medo e da angústia existencial, no pathos da ambivalência “esquizo-fisiológica” do homem moderno, mais do que nunca perplexo ante o difícil mundo que vem construindo ou ... destruindo, dentro e fora de si, ao longo dos anos de sua vida nesta planeta. Na realidade, vê-se ele incapaz de sozinho libertar-se do mundo e ligar-se, desde já, a seu destino eterno, numa coerente decisão filosófica e metafísica adequada à sua vocação natural e básica – enquanto criado exclusivamente pelo Amor e para o amor, isto é, para a vida do espírito. Não para o prazer, mas para a laetitia.

Ao eventual leitor ateu, cético ou agnóstico – seja por miopia intelectual, condicionada ou não, na interpretação exclusivamente “histórica” da essência e do ser, seja por mecanismo obscuro e defensivo da repressão, narcizando-se alienadamente na hipertrofia da auto-estima – pelo menos há de restar-lhe, ao longo destas páginas, um fraternal e sempre oportuno convite à meditação das velhas, mas ainda salutares palavras de mestre SENECA:

Mortem venientem nemo hilaris excipit
nisi quid ad illam diuse compuserit

- ou seja, cuidar sempre da morte, para nunca temê-la, pois morrerá alegre quem muito antes estiver preparado...

Se, como disse alguém, é ela a maior e peculiaríssima angustia do homem, talvez tenha sido esta, em última análise, a melhor motivação dessas linhas – uma justificativa fundamental médica, para um simples ponto de vista.

Santos, 13 de abril de 1979
Sexta-feira Santa
Rua de Castro Alves, nº 85

“... e na hora da morta, amém.”

“... e na hora da morta, amém.”

Foi em Piraju, cidade do interior de São Paulo, para onde nos mudáramos, deixando a terra natal, Belo Horizonte. Natal, apenas, das quatro crianças, pois o pai era mineiro de Nova Lima e a mãe, baiana de Nazareth das Farinhas – o que não impediu, graças às andanças de vovô Paulo e vovô Brito, que Adão e Elisabeth já estivessem enamorados antes dos catorze anos de idade, na bucólica Capela de Nova Betim...

Daquela feita, não houve para mim – o terceiro filho – nenhuma vivência de morte iminente, propriamente dita. Somente medo, quase beirando pelo pânico, em alguns momentos, mas não os medos comuns a uma criança de cinco anos de idade – nada de bichos papões, lobisomens, sacis, bruxas, ciganos ou trovoadas. Medo que não experimentara, ou do qual não me lembro, quando, em Belo Horizonte, com menos de três anos, sorrateiramente desci, sozinho, mais de seis quarteirões da Rua Além Paraíba, para ir aninhar-me, lá em baixo, na praça, no berço de outra criança, xará minha – deixando em pânico meus pais, por longas horas.. e com saudades do cheirinho de leite fervente e dos jasmims da varanda de casa.

Medo de algo que ainda não poderia compreender, nem estar preparado a enfrentar: a derrocada de meu mundo particular, gente matando gente, noite e dia... Pela primeira vez, a vida como realidade perigosa.

O pai, gerente da agência local do Banco do Brasil, permanentemente ausente de casa, naqueles dias, face à situação excepcional da cidade, tumultuada, sem água e luz, praticamente abandonada. A mãe, após trancar os quatro filhos pequenos, a dar voltas na escuridão em torno a casa, espalmando o cabo de madrepérola do “Colt-32” do marido – para afugentar eventuais marginais ou assaltantes, que se locupletavam nos empórios e padarias.

Era a Revolução, em 1932. Fuzilaria cerrada, mineiros e gaúchos entrando na cidade e paulistas resistindo, à saída. Balas ricocheteando às paredes da casa, estilhaçando vidraças.

Era um tiroteio miúdo, de fogo cruzado, noite a dentro, obrigando-nos a dormir no chão, debaixo das camas.

O medo chegando e aumentando, a angústia difusa, ainda não bem conscientizada, de poder vir a morrer ou perder a mãe, o pai, os irmãos, a casa – o aviãozinho que Papai Noel trouxera...

Tarde da noite, dormida aos sobressaltos, a oração conjunta, com mãe, os dois irmãos mais velhos e a irmãzinha:

“... rogai por nós, pecadores, agora
e na hora de nossa morte, amém.”

- e também pelo pai, ausente, na escuridão barulhenta lá de fora. Ainda imaturos os sistemas de negação ou repressão, tinha início o envelhecimento emocional da criança, no inesperado e brutal processo de incorporação da morte e da violência à vida infantil.

Já dia claro, porém, recomeçavam as fugidas até à rua e os gritos aos aviões, que voavam baixinho:

- Pedregulho... na cabeça do Getúlio!
- Viva a ditaduura!
- Viva São Paaaulo!

Era a deliciosa e lúdica confusão política que só as crianças podem estabelecer e entender, nos intervalos do medo, único instinto, talvez, que ainda garante paz, entre as crianças crescidas e más do nosso mundo...

Ou então, saíamos a ganhar biscoitos e cartuchos vazios dos soldados. Sorrindo, apontavam-nos seus velhos fuzis. Muitos deles, lenços encarnados ao pescoço, barbudos, com grandes chapelões. Outros, uniformes rotos e sujos, calçando tamancos ou chinelos. Geralmente à tardinha, depois do rancho dos milicianos, que

se espalhavam pelas ruas e calçadas, vinha, às vezes, o som ruidoso das violas, dos violões, dos cantos. E também o de uma ou outra marchinha, nada belicosa:

- O teu cabelo não nega, mulata...

Ou então:

- A – E – I – O – U, dabiliú, dabiliú,
na cartilha da Juju...

Mas havia uma revolução em curso. À noite, novamente a recitação da “Ave Maria”. E a Virgem ficou sendo a minha protetora e primeira namorada – a mais fiel – pela vida em fora...

Outra revolução, somente em 31 de março de 1965. Muito pior.

Tanatologia

E

Tanatofobia

O amor expulsa o temor, quando é perfeito amor.

(I, JOÃO, IV, 18)

Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

(SÃO PAULO, I Cor., XV, 55)

...medo da mão, meda das igrejas...

medo da morte...medo do depois da

morte e então morremos de medo e

sobre nosso túmulo nascerão flores

amarelas e medrosas.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“Congresso internacional do medo”)

Tanatologia

E

Tanatofobia

-1-

Religião e alienação

Para os materialistas, sobretudo para aqueles que programam e estruturam o ateísmo num determinado sistema político, encontram-se o homem inserido no tempo terreno, apenas, com seu horizonte vital tragicamente limitado. Fora do contexto espiritualista e religioso, a única solução aparente para a angústia existencial decorrente desta ótica historicista, individual e coletivamente, seria a alienação – o tempo dos homens circunscrevendo-se aos tempos da história. Culpemos somente a semântica, se a proposição puder parecer contraditória. Visando à maior clareza de pensamento, parece-nos necessária, a este ponto, uma tentativa de definição de alguns termos teóricos, antes de prosseguirmos, buscando explicitar seu significado para nós, sobretudo porque alguns deles, em acepção distanciada ou contrária à de uso corrente pelos especialistas, poderão afigurar-se controvertidos ou polêmicos. Como em outros tópicos, se não conseguirmos este objetivo, adequadamente, esperamos que o sentido geral deste nosso ensaio, em parte explícito na introdução, possa suplementar nosso pensamento, nos pontos obscuros. Em livro de inestimável valor (), mestre LEONIDAS HEGENBERG, depois de advertir as dificuldades de definir, pois “face a essa grande variedade de definições, não é difícil que certa confusão se instaure, agravada pelo fato de a própria noção de definição apresentar-se, algumas vezes , de modo obscuro” – assim conclui algumas de suas considerações gerais:

Afinal, as definições são, de hábito, artifícios
mnemônicos, aproximações mais ou menos
grosseiras, que se prestam bem para uma
'primeira' análise dos termos, sob o prisma

dos significados, mas que exigem, nos casos dignos de nota, suplementação praticamente interminável – que resulta, freqüentes vezes, do exame de casos paradigmáticos de emprego dos termos em questão.

Com essas ressalvas, vejamos algumas das dificuldades significativas dos termos que de início usamos: historicismo e alienação. Em recentes considerações sobre o primeiro termo, o ilustre mestre J. P. MONTEIRO revela sua preferência em cuidar do problema da “obscuridade do conceito de historicismo”, em certos círculos, “como uma questão de dicionário”, um deles recomendado, o excelente AURÉLIO, “pois lá encontramos a questão toda esclarecida” (). Ocorrem-nos, entretanto – aos não especialistas e apedeutas – algumas observações, mescladas de dúvidas, à margem da magnífica exposição do insigne professor, cujo conciso e brilhante diagnóstico diferencial – lexicográfico – aplaudimos, sobretudo pelo que contém de alerta a determinados meios intelectuais e universitários de nosso país, excessivamente impregnados de dúbio historicismo, frequentemente mais “pragnático” do que especulativo ou relativista...

Como nos diz outro ilustre professor, MACEDO DANTAS, cuidando “Da obsolência em nossa língua” (), não é raro o fenômeno de “certo em face do dicionário, errado para os especialistas” – cientistas e técnicos. A nosso ver, não deve apenas gravitar a questão em torno da “evolução histórica” dos verbetes, em seu significado, no interstício que medeia entre as várias re-impressões ou edições dos léxicos, enciclopédias, vocabulários e calepinos. O natural fluir da língua, digamo-lo assim, o necessário “ter-sido” das palavras ou termos teóricos, num contexto histórico, fruto do dinamismo constante da semântica – poderia estar bem menos à raiz dos desencontros significativos, nas várias definições fornecidas pelos dicionários, mesmo os melhores e os mais modernos, do que a reconhecida atitude “irracionalista”, preconceituosa e reducionista que ainda assumem alguns filósofos, na crise geral da razão e da lógica que envolve tão grandes círculos do pensamento moderno, conforme a oportuna denúncia do grande especialista E. W. BETH (). Seria o pluralismo, nas perspectivas gerais abertas pelo emérito jurista e filósofo

MIGUEL REALE (), a solução correta, como antídoto ao sectarismo e aos preconceitos ideológicos, em filosofia?

Dir-se-ia que o recurso aos bons dicionários especializados – técnicos e críticos – pudesse, talvez, minimizar os riscos de uma “cultura” excessivamente lexicográfica. Parece-nos óbvio, entretanto, que ainda assim persistiram, em certo grau, os perigos de uma nesciência massificada, coletivamente, distribuída, através de cartilhas, dicionários e enciclopédias “oficiais”, ao consumo obrigatório de universitários, escritores e “cientistas políticos e sociais”, conforme as conveniências táticas ditadas pelas frase “evolutivas” do “processo histórico” de determinada sociedade... Já TOMAS DE AQUINO temia o *hominem unius libris*.

Não obstante, enquanto a maioria dos filósofos profissionais, sociólogos, psicólogos e outros especialistas não se puseram de acordo quanto a terminologia, abandonando, alguns, o reducionismo e o sistemático desprezo à lógica e à matemática, bem como à metafísica, seria de louvar-se fossem seus textos procedidos de vocabulários sucintos e suficientemente claros, buscando cada uma traduzir o real significado dos termos teóricos, felizes ou infelizes, de que lança mão em seus herméticos discursos. Talvez se pudesse fugir, então, à algavaria e esquizolalia tão freqüentes – pelo menos aos ouvidos dos poucos iniciados – e, talvez, mais acertadamente escolher entre historicismo, historicidade e historismo – três termos altamente equívocos, também evitando o último, talvez... Neste ínterim, outra alternativa não restaria ao estudioso senão fechar o dicionário, “descer do veículo e caminhar com as próprias pernas”, como sugere, salutarmente, o ilustre escritor e jornalista L. C. Lisboa (), ao tratar das chamadas “idéias prontas” – isto é, no caso especial do termo “historicismo”, ir até às fontes legítimas do desenvolvimento histórico da postura epistemológica: de GIOVANNI BATTISTA VICO a HEIDEGGER e JASPERS, com ponto de partida em SANTO AGOSTINHO e BOSSUET.

E que poderíamos dizer, também, do ambíguo termo “ideologia”, com base nas definições de dicionários, como bem lembra MACEDO DANTAS, além das observações críticas que discursa o excelente texto de J. P. MONTEIRO, a que nos referimos? Como dirigir e absorver adequadamente outros tantos termos, como

“psicologia genética”, “reacionário”, por exemplo, se formos abastecer-nos às mesmas fontes? Já dizia DESCARTES (1596-1650) que se concordassem sempre os filósofos, sobre o significado das palavras, quase todas suas controvérsias desapareceriam...

Considerações similares poderiam sobrevir-nos ao pensarmos os significados, também altamente equívocos, do termo “alienação”, de que tanto se usa e abusa, hoje em dia, quer nos catecismos e encíclicas dos corifeus da “religião” marxista, quer em grande parte dos discursos teológicos modernos, preocupados com a libertação do homem, mas diretrizes do “Concílio Vaticano II” e das assembléias de Medellín (1968) e de Puebla (1979). EMMANUEL MOUNIER (1905-1950), filósofo francês e editor da revista Espirit, com o seu personalismo, fruto do consórcio do cristianismo com o socialismo, já almejava “uma vitória decisiva sobre todas as formas de opressão e alienação, econômica, social e ideológica”, para uma verdadeira libertação do homem. () “Libertação” – outro termo altamente ambíguo e equívoco, em suas conotações sócio-políticas e teológicas, amplamente usado pelos adeptos de sistemas antípodas, nos dias que correm... Felizmente, a igreja de JOÃO PAULO II, através da encíclica Redemptor Hominis, na postura de guardião da liberdade do homem, vem ordenar o caos, verberando o neo-colonialismo comunista tanto quanto os abusos do sistema capitalista e da escravidão do homem à produção e aos produtos.

Alienatus é o que já não se pertence. Do primitivo sentido jurídico, de venda ou cessão de bens a outra pessoa, sofreu o termo a evolução metafórica atual. Repudiado pela linguagem médico – científica, como já queria PIERRE JANET (), no significado de distúrbio psíquico – sorte que também já deveria ter merecido a vitanda expressão dos códigos, “loucos de todo o gênero” – é o termo empregado pelos marxistas no sentido concreto ou histórico-social de “libertação das contingências históricas alienantes, há quase cinqüenta anos, quando vieram a lume os “Manuscritos da juventude”, de KARL MARX.

Como deixamos dito no início deste tópico, não podemos entender o termo na acepção que lhe emprestava L. FEUERBACH (1804-1872), postulando ser “o único

Deus do homem o próprio homem – homo homini Deus – e considerando a religião uma das formas mais perigosas de alienação:

A realidade ilusória, pela qual o homem se despoja de algo que essencialmente lhe pertence.

Modificara o filósofo alemão, materialista e ateu, o original conceito hegeliano de alienação, vendo-a, já, na medida do próprio homem:

Processo pelo qual a consciência se perde nos objetos, até ao ponto de julgar serem estas realidades distintas e independentes na própria consciência.

Na realidade, entretanto, com o crescente estremecimento que se observa no namoro dos intelectuais modernos, sobretudo europeus, com o marxismo, e, por outro lado, grandemente depurados os tempos contemporâneos do materialismo arrogante e do exclusivismo reducionismo científico – setores cada vez mais influentes e atuantes da psicologia e do pensamento cristão (R. NIEBUHR, P. TILLICH, JUNG, RANK, KIRKEGAARD, BROWN, etc.) atestam, cada vez mais, a indeslindabilidade entre a ciência e a fé, entre a psicologia e a religião.

E tampouco a entendemos nós no sentido de “alienação social” do homem, como queria o sociólogo alemão KARL MARX (1818-1883), outro discípulo e conterrâneo de JORGE GUILHERME FREDERICO HEGEL (1770-1831), vendo a religião como “o suspiro da criatura acabrunhada pela desgraça, a alma de um mundo sem coração, assim como é também o espírito de uma época sem espírito, o ópio do povo” – como deixou dito na sua “Contribuição à crítica da filosofia do direito, de Hegel.”

É outra a ótica do cristão, para quem não tem a morte conotação trágica, na medida em que entende o tempo como duração dos seres mutáveis e a eternidade como duração dos seres imutáveis: tempus e aevus, como distinguiam os escolásticos.

() Cremos, em verdade, que não se aliena o homem, em Deus: pelo contrário desaliena-se, re-ligando-se, com lucidez e racionalidade, através da auto conscientização e da religião, à sua fonte primeira, à sua origem e essência. Como dizem os teólogos, somente a conversão religiosa lhe poderá dar a verdadeira visão, tanto de si como da realidade concreta, dos outros e do mundo. Basicamente, a filosofia cristã do “é dando que se recebe” contrapõe-se à malfadada soberania na relação de posse, do “ter”. Alienam-se, sim, aqueles que, no relacionamento com o mundo e com o próximo, buscam exclusividade, num patologicamente centrípeto e limitado horizonte vital, a progressiva posse da natureza, do mundo e do próprio homem, como hoje observamos nos modelos marxistas-leninistas e neo-fascistas, onde o culto do poder atinge seu clímax trágico no genocídio, na tirania e na escravidão do Gulag.

No pensamento de GABRIEL MARCEL, existencialista de formação cristã absoluta, que se opõe à “posse”. Assim dizia, contrapondo-se ao existencialismo marxista de SATRE, ao cuidar do tema da alienação – “da qual somente estariam isentos os santos e as crianças”:

“Parece-me que a noção de indisponibilidade implica sempre a da alienação. Ter capitais indisponíveis é tê-los parcialmente alienados. Isto é perfeitamente claro quando se trata de bens materiais.”

Ainda na opinião deste filósofo e teatrólogo francês, o mesmo seria válido no respeitante às idéias e convicções, conforme comenta A. THILL (). Mero administrador, não tem o cristão posses, efetivamente, “pois seus verdadeiros bens são transcendentais, imperecíveis, incorruptíveis.” Não se pertence, nem lhe pertence o mundo, em que vive em estado de peregrinação. É também, o de que nos avisa o evangelista:

“Guardai-vos e acautelai-vos de toda a avareza, porque a vida de cada um não consiste na abundância dos bens que possui.” (LUCAS, XII, 15)

Inexistente, pois, no cristianismo verdadeiro, a angústia existencial, nem poderá a prece cristã semelhar “o suspiro de criatura acabrunhada pela desgraça, alma de um mundo sem coração.” Como dizem os teólogos, iluminado pela fé, através da graça, permanentemente disponível na caridade, tem o cristão a alegria constante da esperança, fruto da redenção. Em permanente comunhão com o Criador, deve gozar de constante e verdadeira paz, com integral auto-realização durante sua vida terrena, já que Deus é a própria alegria – fruitio sui ipsius – de que deverá o homem participar na visio Dei da vida eterna. () Conforme SÃO TOMÁS DE AQUINO, doctor communis:

“O excessivo desejo dos bens temporais provem de nos amarmos minimamente, a nós próprios.”

E se na vida colocamos nosso bem temporal máximo – porque nos amamos – passamos a temer a morte. Na realidade, é na ausência de Deus, pois, que se aliena o homem, tanto no plano individual como no filosófico, com os arquétipos mitológicos, os mitos do éternel retour, toda a metafísica da reencarnação...

A anti-metafísica que impregna as filosofias historicidades de HEGEL, MARX e AUGUSTO COMTE (1788-1857), negando ao homem o livre-arbítrio, haveria de preparar o materialismo e gnosticismo dos tempos modernos. Elevadas aos altares a razão e a história, mas brumas do racionalismo antropocêntrico e do irracionalismo panteísta, passou-se do idealismo de HEGEL ao materialismo dialético, isto é, a dialética hegeliana transformando-se, com os pés na terra, na dialética marxista – “sem os pés plantados no chão, não mais no ar”, como diz o filósofo e católico convertido J. MARITAIN, discípulo de HENRI BERGSON (1859-1941), notável intuicionista francês, “Prêmio Nobel” em 1927.

Eliminada a perspectiva do cristianismo, a inevitabilidade trágica de thanatos levou à divinização da matéria e ao cientificismo da história – na mesma ótica de desespero ateu que preparou a “religião da humanidade” de COMTE.

Em contraposição, aceita o cristianismo a irreversibilidade do tempo, o livre-arbítrio, a intervenção do homem na história. A vida é “construída”, pois, e dissolve-se a tanatofobia. No pensamento dos teólogos, já vai o cristão construindo a sua morte durante todo o seu tempo terreno, preparando-se para apocalipse, com os instrumentos da graça e da fé. Apocalipse que já é, para Deus, que não tem passado, nem presente, nem futuro, simplesmente “é”, em Sua eternidade. ()

Jamais poderia esta atitude lúcida, que ultrapassa os limites acanhados do intelectualismo e do mecanismo, receber o apodo de obscurantista ou induzir o homem e a sociedade ao imobilismo reacionário. Promanada do consórcio entre a fé e a razão, é ela, pelo contrário, essencialmente dinâmica. Tendo como meta a justiça e a paz entre os homens, profliga e incentiva o progresso científico e tecnológico da humanidade, através da história, como instrumento absolutamente necessário para que se possa alcançar a referida meta.

Entretanto, como acentuam os neo-tomistas, também absolutamente necessário é que se re-humanize o homem, que deve voltar “ao limo da terra”, que se impregne de um sentido de existência terrena linear – “vectorial”, e não “cíclico”.

Ainda recentemente, comentava o ilustre jornalista e escritor L. C. LISBOA:

“Os chineses antigos começavam suas orações com a frase: -Senhor, reforma teu mundo começando por mim. Sem este começo, tudo mais é impraticável, uma vez que a revolução depende sobretudo do revolucionário, isto é, de quem a faz e orienta. O oposto seria o carro adiante dos bois, a inversão da realidade, o fracasso pela impossibilidade.” ()

Na realidade, também é esta a visão histórico-escatológica de cristão. Naturalmente, a reforma do mundo só poderá promanar da reforma do homem: a ascese, processo dinâmico e constante, luta de altos vãos e estrondosas quedas, através da conversão, pela livre aceitação da dor, do sofrimento, da doença, do envelhecimento e da transição pela morte – o fiat ante a irreversibilidade e limitação da vida física atual, primeira etapa da grande viagem da qual não há retorno.

Basicamente, é também este o fulcro do pensamento de M. ELIADE, ao tratar do mito do éternel retour:

“O horizonte dos arquétipos e da repetição não pode ser impune ultrapassado, a menos que se dê adesão a uma filosofia da liberdade que não exclua Deus. Foi, aliás, o que se verificou quando o horizonte dos arquétipos e da repetição foi pela primeira vez ultrapassado pelo judeu-cristianismo, que introduziu na experiência religiosa uma nova categoria: a fé... uma nova fórmula de colaboração do homem com a criação.”

E, mais adiante:

“O cristianismo descobriu simultaneamente a liberdade pessoal e o tempo contínuo (em lugar do tempo cíclico)... dando-nos a certeza de que as tragédias históricas têm uma significação trans-histórica, ainda quando “tal significação não seja sempre visível à humanidade, em sua condição presente”.()

Atitudes ante a morte

Ao LONGO de mais de vinte e sete anos de exercício da clínica geral, em consultório, hospitais e serviços de atendimento de urgência, jamais um paciente nos solicitou, diretamente, que abreviássemos sua vida – mesmo em casos que evoluíram com grandes sofrimentos físicos e morais, ou, ainda, tendo o enfermo plena consciência da gravidade ou incurabilidade do quadro mórbido, como, por exemplo, durante a evolução impiedosa de certas doenças neoplásicas malignas. Evidentemente, entre todos eles, portadores de doenças orgânicas, sômatopsíquicas e funcionais – em ampla diversificação nosológica – incontáveis neuróticos e vários psicóticos houve, encaminhados a tratamento especializado. Dentre eles, alguns pelo risco latente de suicídio, outros após terem tentado cometê-lo, ativamente. Diversa será, talvez, a experiência dos colegas neuro-psiquiatras, sabendo-se que, segundo P. KIELHOLZ (), 12% dos pacientes com depressões involutivas senis chegam ao suicídio. Mas – repetimo-lo – na ausência de distúrbio psíquico grave, jamais nos solicitou um paciente, de maneira direta, a eutanásia, ativa ou passiva, a pesar da relativamente alta freqüência dos “desejos de morte” dos deprimidos senis ou dos traumatizados psíquicos. Estabelecida, solidamente, a imprescindível empatia – condição lenitiva básica para os distúrbios afetivos – controlada a dor física e “estabilizado” o psiquismo, através de psicoterapia de apoio, sempre ao alcance do clínico geral, ou de ansiolíticos e antidepressivos criteriosamente ministrados – prevaleceu, em nossos pacientes de internista, a instinto de conservação da vida, diluindo-se na cronicidade evolutiva o medo do sofrimento e da morte.

Em contraposição, em determinados casos de mau prognóstico, sobretudo na evolução de quadros mórbidos malignos, tem sido com lamentável freqüência que nos temos defrontado com as perguntas tipificadas e estereotipadas da falsa compassividade de familiares e amigos do enfermo grave – v. g., “Dr., para que mais exames? Para que mais soro e sangue, se está sofrendo tanto?” Ou então: “Não se poderia desligar o oxigênio ou o respirador, para encurtar o sofrimento? “Vão dissecar outra veia do coitado?” É quando, ante o médico – cujo dever, naturalmente,

é o de conservar a vida, nunca o de extingui-la – que tentará “explicar o óbvio” ao compassivos familiares ou amigos do enfermo, caem, na maioria dos casos, as máscaras da “piedade” dos acompanhantes, ante a conduta terapêutica rigorosamente ética do profissional. Embora desprovido de “bola-de-cristal”, será ele pressionado a prognosticar, com rigorosa exatidão, a evolução da moléstia, os riscos de acidentes iatrogênicos, etc. – além de dever, com humildade franciscana e beneditina paciência, explicar aos acompanhantes, por exemplo, que o estado de coma acarreta a perda da sensibilidade; que a sede da desidratação ou o choque da anemia aguda só se podem interromper com líquidos, soros, plasma, sangue; que o sofrimento da dispnéia inclemente só poderá ceder, muita vez, com traqueostomia, respiradores, oxigênio, cardiotônicos; que sem a colocação de uma sonda nasogástrica poderá morrer o paciente de inanição, de fome...

Nessas situações, revela-se, sobretudo, o medo da “morte do outro”, identificando-se perante, o amigo ou acompanhante com o paciente em estado grave ou terminal: angústia e depressão algumas vezes, auto-piedade muitas vezes – quando não a estafa, o cansaço ou o incômodo gerado pelas longas noites de vigília... ou pelo montante de despesas médico-hospitalares... Caem algumas máscaras, ante as muitas faces do homem, no sofrimento e na morte. Sofrimento real, infelizmente, em tantos casos, dos parentes e amigos – e não do paciente, em estado de coma ou de choque e devidamente assistido, medicado, sedado... Sem dúvida, o mesmo tabu, a mesma tanatofobia que comanda as inumações e cremações apressadas, bem como poderia explicar, em parte, o comportamento descontraído, alienado, às vezes quase lúdico, de certas pessoas – geralmente de bom nível social – em movimentados velórios onde não faltam, por vezes, madrugada a dentro, o parolar sobre ao mais diversos assuntos, as anedotas, as risadas, a música – até mesmo as bebidas alcoólicas...

Configura-se, em última análise, a presença incômoda, inconveniente, “chocante” ou “vergonhosa” da morte, em determinados meios sociais elitistas e hedonistas. Busca-se, desesperadamente, esquecer-la, minimizá-la, escondê-la, de todas as maneiras possíveis. Coerentemente, como faz notar PHILIPPE ARIES (), coincide esta atitude ante a morte – dita “invertida” – com a generalizada e crescente tendência,

em alguns setores religiosos da sociedade urbanizada moderna, ao abandono do luto.

Da eutanásia ao genocídio

À guisa de ilustração dos variados comportamentos do homem ante a morte, transcreveremos, dos jornais do primeiro trimestre de 1978, trechos do noticiário de dois eventos que tiveram ampla ressonância nos meios médicos de todo o mundo, sensibilizando, também, círculos religiosos, jurídicos e filosóficos. Delinearam-se dois casos particulares da figura da eutanásia – termo vulgarizado pelo chanceler FRANCIS BACON, no século XVII. Naturalmente, a complexa problemática suscitada transborda os limites dos parâmetros ético-morais do exercício da profissão médica, para refletir-se em toda a cultura da sociedade moderna, com extrapolações e desdobramentos, em conceitos de “homicídio piedoso”, “morte compassiva”, etc. – como também de “pecado”, extoto generes suos, à luz da moral natural e teológica, para os católicos.

Os dois episódios – que talvez se pudessem qualificar de eutanásia física e passiva – a nosso ver espelham tanto o “medo da vida” como a ausência do “medo da morte”, em comportamentos humanos assinalados em faixa etária diversa e com protagonistas de diversa qualificação: três adultos, supostamente hígidos e de bom nível intelectual, de um lado; de outro, uma anciã e uma criança. A idosa senhora, possivelmente, e o menino, certamente, em etapas finais de doenças tidas como incuráveis, à luz dos critérios terapêuticos e conhecimentos médicos da época, em centros avançados.

Na África do Sul, CHRISTIAN e MARIUS BARNAD autorizavam (sic) os médicos assistentes de sua genitora, com noventa e dois anos de idade, internada em hospital de Joanesburgo, a interromperem a alimentação artificial em que se vinha mantendo, resultando o óbito, poucos dias após. Ignoramos, no caso, se apenas se tratava de grau extremo de senescência, ou se haveria qualquer outra condição patológica, dolorosa ou não, associada.

Em outro extremo do mundo, uma linda criança brasileira, possivelmente superdotada e iluminada, expirava sorrindo, aos sete anos de idade, em Santa Barbara, Califórnia, uma vez atendido o seu pedido à mãe: que fosse interrompido o fornecimento de oxigênio, porque “não precisava daquilo”. Segundo o noticiário da imprensa, em janeiro de 1978, ocorreu o óbito após dois anos de sofrimento particularmente penoso e insuportável, motivado por processo leucêmico evolutivo.

Teria a criança deixado, gravado em fita, o seguinte comentário: “- Às vezes os médicos querem salvar a gente de qualquer maneira, tentam tudo para curar-nos. Não me sinto bem, estou doente demais para viver”. Sua mãe, ainda conforme as notas publicadas (), teria declarado: “-Desliguei o aparelho e ele então segurou a minha mão, deu um grande sorriso, dizendo: chegou a hora. E nos deixou”.

Acrescentam os jornais que o menino teria feito gravar, durante o ano anterior ao de sua morte, diversas frases em que afirmava aceitar a morte - “porque estou muito doente e quando a gente morre o espírito vai para o céu, a gente não sofre mais estas dores e estes sofrimentos”. Em outro trecho, após pedir não fosse seu corpo cremado, pois poderiam “confundir suas cinzas com cinzas de madeira, dizia: “- Quando eu morrer, gostaria de ser sepultado num jardim de flores. Primeiro me colocarão num caixão e depois na terra, no cemitério. Mas quero ter um jardim pequeno em cima de mim”.

Quais os conceitos da vida e de morte, para uma criança? O problema da representação da morte, nesta faixa etária, tem sido amplamente estudado, por diversos autores, sobretudo em relação com o suicídio infantil. O que se passaria, realmente, na dinâmica da personalidade de uma criança de sete anos, para quem a vida já não é apenas amor e satisfação? Segundo A. GESSELL, “aos quatro anos, a idéia da morte é muito limitada e não supões emoção especial alguma. Por volta dos seis anos, começam as reações afetivas ante a morte e o temor da morte da mãe, sem crer na possibilidade da própria morte sua. Perto dos sete anos, pensa na morte como uma clara experiência humana, mas somente de maneira vaga lhe ocorre pensar que há de morrer um dia. Por volta dos oito, já é capaz de aceitar o fato de que todos, inclusive ela própria, não há de morrer, e por volta dos nove, aceitará, com todo realismo, o fato de ter que morrer mais adiante”.()

Para outros estudiosos, citados por J. DE AJURIA GUERRA, para as crianças, “a idéia da morte passa do concreto ao abstrato, do particular ao universal, do sincrético ao sintético”. () Também segundo H. WALLON, mencionada pelo mesmo psiquiatra espanhol, “o problema do crescimento, da vida e da morte escapam à criança, pelo menos até os nove anos”.

Não nos compete – nem podemos ou devemos – emitir juízos de valor, julgamentos ou opiniões superficiais em determinados quadros comportamentais, tanto por ignorantia elenchi, naturalmente, como por respeito ao livre-arbítrio e à consciência da criatura humana, quando em insuportável estresse emocional, em circunstâncias peculiaríssimas, de extremos desespero e sofrimento. A decisão, evidentemente, será função de inúmeros fatores e de quadros vivenciais particularíssimos – que devem ser respeitados, simplesmente, em seu contexto misteriosamente doloroso. Por outro lado, o estudo da eutanásia, ativa ou passiva, direta ou indireta, occisiva ou lenitiva – objeto de outra publicação nossa – buscando analisar os problemas éticos-morais que suscita ao praticien, foge aos objetivos que nos propusemos nestas linhas.

Não obstante, não deixaremos de reafirmar, na qualidade de cristão e médico, nosso veemente repúdio à prática da eutanásia ativa e direta. Sobretudo para o médico, jamais poderá haver desvios, transigências ou subterfúgios no respeito à vida e aos direitos do homem-pessoa. Nesta mesma orientação, igualmente deve ser rejeitadas as teses neo-Malthusianistas que, sutilmente embora, querem ressurgir em determinados círculos de geneticistas antropologistas, sociólogos e economistas – sobretudo nos de alguns fervorosos adeptos da contracepção artificial massificada, desrespeitada a liberdade de opção responsável do casal, desinformado, econômica e socialmente marginalizado e manipulado pelo Estado. Transigências ético-morais ou silêncios condescendentes e permissivos, seja por egotismo, inércia ou covardia, sempre anteciparam, ao longo da história, a morte da liberdade e dos direitos do homem-pessoa.

Em verdade, é basicamente contra a vida – recebida do Criador, para que a conservemos a administremos – e contra o direito natural que se alinham, com sutileza e solércia, aqueles que tentam explorar a hipomnesia histórica da

humanidade, com argumentos sintetizados em slogans e frases como: “O mundo é uma espaço-nave, com uma tripulação e uma quota de alimentos” (KERSTIN); “deixaremos a nossos descendentes um leite ralo magro” (UDAHL) – se não contivermos, a qualquer preço, a explosão populacional do mundo...

Curiosamente, são os mesmos tecnocratas materialistas, de tendência totalitária, que despendem incomensuráveis recursos humanos e materiais em armamentos sofisticados projetos espaciais, com finalidades destrutivas e lúdicas – aqueles que temem (sic) a fome neste nosso velho mundo, que procuram cada vez mais manipular e contaminar, visando a destruí-lo para dominá-lo, revivendo os perigosos mitos de uma super-humanidade ou de uma super-estrutura social. À ótica da história contemporânea, o desenvolvimento de argumentos do tipo: “o sistema social evolui”; “há novas necessidades e exigências no mundo moderno”; os perigos da tremenda pletera demográfica mundial”; “a necessidade de desvinculação de velhos conceitos e preconceitos”, para libertação do homem e o progresso dos povos – e quejandos, em grupos sócio-políticos etnicamente diversificados que integram a sociedade materialista dos tempos modernos – poderão, na realidade, apontar à sempre renovada e solerte tentativa de instalação de “novas ordens”, regionais ou mundiais, sob a inspiração do maligno. Falsas e perigosas premissas, impregnadas de idéias de “libertação” do homem, de “nacionalismos”, de discriminações econômicas, políticas e também raciais, no confronto dos “anti-racismos”, gerados pelos “racismos”, em tempos em que a pesquisa genética atesta a indefinição do conceito de raça e a comprovada inexistência de raças puras – constituem-se no melting pot que poderá gerar conclusões trágicas e bestiais, potencialmente genocidas e sempre apetecíveis aos somaticistas totalitários. São constantes e ingentes seus movimentos de retorno, não raro camuflados em interesses humanitários e religiosos, ou de salvaguarda, segurança e progresso da sociedade. Os crimes particulares e silenciosos do homem, como o aborto e a eutanásia, inserem-se, assim, no contexto coletivo e trágico do genocídio.

Recordamo-nos de que MARIUS BARNARD, há cerca de três anos, solicitava a legalização da eutanásia na África do Sul, enquanto que, na Suíça, a “Academia de Ciências Sociais e Médicas” recomendava a legitimidade da mesma. Estas e outras tendências, como o fato de acolher-se, na Califórnia, e disposição testamentária para

desligarem-se equipamentos médicos em “casos incuráveis” – poderiam conduzir-nos à conclusão apressada e otimista de que jamais teria sido tão “compassivo” e “piedoso” o homem moderno... se ignorássemos as idéias de SÊNECA, já favoráveis ao suicídio e à eutanásia, ou o “tratamento” propiciado pelos antigos atenienses às crianças “excepcionais” ou portadores de defeitos físicos...

A palavra hebraica chutzpach – nas felizes e somatórias conotações de “audácia”, “atrevimento”, “petulância” ou “molecagem” – poderia ser a mais adequada à expressão dos sentimentos de indignação que nos assaltam ante determinados comportamentos do homem moderno, se também pudesse exprimir conteúdos de revolta à insanidade trágica... Em verdade, perlustrando páginas negras e rubras da história antiga e moderna, verificamos que pouco ou nada progrediu moralmente o homem: homo homini lúpus, na candente expressão de HOBBS. Persistem o mesmo egoísmo e a mesma agressividade, os delírios hedonistas, voltando-se ela à competição e ao consumo desenfreados, quando não ao acúmulo de armas exterminadoras, a serviço do poder totalitário, do fanatismo e da intolerância religiosa, para satânicos massacres coletivos ou novas “guerras santas”, nas Américas, na Europa e no Oriente, como vemos nos dias que correm. Em nome da liberdade, do progresso e da “libertação” do homem, o processo autofágico se incrementa, na razão direta da perene falta de segurança, do desespero existencial e da imperiosa necessidade de experiências novas, de compreensão e de amor – exacerbando-se o pathos das místicas totalitárias, de inspiração marxista e fascista, sobretudo.

Fundamentalmente alienado, ao tentar banir o Criador de seu coração, do planeta e do universo, perdeu o homem a auto-estima, o respeito à vida e ao meio ambiente, mergulhando no mais abjeto utilitarismo.

Dos modelos pagãos dos antigos gregos aos campos de trabalhos forçados e de extermínio de algumas sociedades totalitárias modernas; das pregações de SÊNECA à fria eliminação de doentes e inválidos em Orsay, por “compassivas” enfermeiras francesas, em fuga, durante a guerra; da prática do aborto e da eutanásia ao abandono de crianças e anciãos desvalidos – configura-se o homicídio, ora disfarçado em anseios de progresso e liberdade, ora camuflado em sentimentos de

solidariedade e de compaixão, que não conseguem ocultar um biologismo primário, cego, utilitarista.

A tanatofobia dos filósofos e psiquiatras

NÃO GUARDAMOS lembrança de termos tido medo de nascer. Mas, nos arcamos de nossa memória biológica devem restar às marcas indeléveis de nossa primeira morte, do penoso processo de transição da úmida e escura cavidade uterina para a radiosa luz do mundo. Nasceremos morrendo. Na plenitude de nossos tempos evolutivos intra-uterinos, misteriosas forças vitais deflagram o trabalho de parto. Tem início o complexo processo de nossa primeira agonia: em questão de poucas horas, perderemos o contacto com nossa primeira fonte física de amor – nossa mãe. Até então, através da placenta, nossos aparelhos circulatórios tinham enorme área de contacto, cerca de dez metros quadrados. Agora, impulsionados e esmagados, iremos romper caminho, de maneira rítmica e dolorosa, para outra forma de vida. Se a este novo plano não chegarmos “a termo” – após, aproximadamente, dez meses lunares ou, em média, trinta e oito semanas depois da fertilização do óvulo – de qualquer maneira terá chegado o momento em que já somos “viáveis”, fisiologicamente aptos à autonomia de vida.

Que teria sucedido antes – ao tempo em que “não éramos”? Algo sabemos como do “como”, mas não do “porque”. No curto espaço de nove meses, um único ovo se transformou num ser autônomo, com seis trilhões de células. Deixando à margem a anormalidade e os desvios psicopatológicos, a negação de que “no princípio era o amor” seria erro chambão e alvar... Antes de nós, houve um homem e uma mulher unidos pelo amor, emanção divina e misteriosa. Nele, produzidos pelos testículos e estocados no epidídimo, juntamente com o sêmen, dezenas de milhões de espermatozóides surgiam diariamente: formações de 0,06 milímetros de tamanho, portadores de informações genéticas em sua “cabeça” e capazes de ganhar o exterior, na quantidade de duzentos a quinhentos milhões em cada ejaculação de três a cinco mililitros de óvulos – centenas de vezes maiores que os espermatozóides – dos quais, aproximadamente um em cada mil viria a amadurecer. Pois bvem – por obra do amor, essas células, predecessoras de nossa

individualidade psicossomática, irão unir-se, fundir seus núcleos, resultados a célula-ovo, a maior do organismo – dotada de alma.

Num encontro aparentemente fortuito, na extremidade superior da trompa de Falópio, um óvulo que, entre centenas de milhares, deixou o ovário, também aparentemente por acidente, irá englobar a cabeça de um espermatozóide, fertilizando-se na fusão.

Teve início nossa primeira vida; sucessivamente passaremos, do ponto de vista embriológico, de célula-ovo a embrião, já na cavidade uterina, após uma viagem de oito a dez dias de duração. Ao fim de três meses, seremos um feto de aproximadamente sete centímetros e meio de comprimento, já com nossas estruturas básicas desenvolvidas, do ponto de vistas somático.

Fez-se carne, o misterioso – mas débil e contingente – amor humano. (Não poderia o misterioso amor divino, fonte eterna de todos os amores, fazer-se, além de carne, também pão e vinho?) Mas, após nove meses, eis que encetamos nova viagem, chegada a plenitude de nossos tempos intra-uterinos. Cabeça e ombros, com pelo menos dez centímetros de largura, tem que atravessar um túnel cerca de quatro vezes menor. Impulsionados para baixo, franquearemos o orifício do colo do útero, provocando sua abertura, com nossa atividade, com nosso trabalho, para logo contarmos, no chamado período “expulsivo”, com a vigorosa colaboração de nossa mãe, ao passarmos, lentamente, pelo canal vaginal.

Morremos, finalmente, para o ameno, tépido e acolhedor seio materno, de onde excepcionalmente teremos memória de sofrimento ou dor, forçando nossa passagem com a cabeça, na quase totalidade dos casos – outras vezes com os pés ou com as nádegas. Impulsionados, sugados ou tracionados, comprimidos sempre, espera-nos a misteriosa a aterradora exterioridade, à qual chegamos, por vezes, enforcados pelo cordão umbilical ou com o crânio esmagado pelo fórceps.

Espreita-nos uma realidade estranha e enorme, na qual mergulhamos atônitos, com fome de ar, sufocados, até que, suspensos pelos tornozelos, nos espanquem, nos empurrem tubos pelas narinas e pela boca, nos espetem agulhas – até gritarmos de dor, entre urina, fezes e sangue, freqüentemente... Seccionado o cordão umbilical,

que nos ligava à placenta, já consumado o traumatismo do parto, tem início a segunda etapa de nossa vida biológica, em dor e sofrimento. Teremos morrido, então, para a vida parasitária e paradisíaca do “nirvana uterino”, como dizia OTTO RANK, discípulo de FREUD. Do nirvana, ao vale de lágrimas, para livremente, dentro do trágico dualismo de nossa condição humana, de vermes e filhos de Deus, enfrentarmos nossa segunda vida biológica, nos caminhos do conhecimento e do amor.

Resta-nos crescer e envelhecer, para morreremos nossa segunda morte biológica – para nova Vida, definitiva. Por que e para que? O que somos e a que viemos? Onde estamos aqui e agora? Onde estaremos depois? Como já disse alguém, o homo viator, andante e peregrino, sempre em busca de algo que não discerne bem o que é, e que nunca alcança completamente, envelhece e morre, com freqüência, sem encontrar resposta adequada a estas perguntas vitais – quando não, simplesmente, deixa de formulá-las, embriagado e aturdido pela praxis, ou acionando mecanismos de repressão.

Não obstante, a realidade objetiva e trágica nos ensina, em nível pessoal e coletivo, que no fluir do tempo já “não fomos” um dia “começamos a ser”, agora “somos” – para “já não sermos”, no futuro. O mistério do tempo em que talvez “não fomos” tem, para alguns filósofos, a mesma magnitude daquele que envolve os tempos em que “já não seremos” – talvez. Estaria, então, o verdadeiro enigma neste “talvez”, iniciando e finalizando a proposição? Tudo parece indicar que o “talvez”, fruto de nossa indiscutível contingência, estaria à raiz de toda nossa alienação, fruto do medo, da angústia existencial, da neurose individual e coletiva. Se, à ótica existencialista, sequer sabemos se “somos” – pois “o instante morre ao nascer” – muitos têm medo de deixar de estar vivos, um dia, enquanto pouquíssimos, na realidade, têm medo de estar vivos... Resume-se aí quase toda nossa “esquizo-fisiopatologia”, quando escatologicamente míopes, sem a fé e sem a graça: o “depois” nos preocupa e angustia mais do que o “antes”, no aturdir-se no nosso “agora” – que é sempre um antes-depois”...

Mas, a este ponto, mergulhados na inextricável seara das idéias de vida e morte, bem antes dos cientistas e cientifistas, dos neo-Darwinistas ortodoxos ou

anatomistas de fósseis, dos psicólogos e psicologistas, dos escribas e dos médicos – deixemos falar nossos bons e consoladores amigos, os filósofos, já que, segundo o estóico epicurista francês, MIGUEL EYQUEM MONTAIGNE (1533-1592), “filosofar é aprender a morrer”...

Para muitos deles, o verdadeiro e único sentido da vida humana se resumiria na incansável procura do “bem maior”, da “felicidade”, no desviar-se do aguilhão do sofrimento. Assim pensava o cristão BOÉCIO (480-524), nobre romano, ministro de TEODORICO, rei dos ostrogodos e conquistador da Itália (493), por quem foi decapitado, após ter escrito, no cárcere, “A consolação da filosofia”, obra que se converteu em livro-de-cabeceira, durante a Idade Média. Para o filósofo – platonista de origens estóicas, posteriormente canonizado por LEÃO XIII, San Flavius Severinus Manlius Boetius (18790 – não estaria a felicidade na obtenção dos bens materiais (riqueza, honra, fama, prazer e poder), mas sim na paz e na virtude. Somente esta instintiva procura do bem, pelo homem, o livraria da dor e do sofrimento. Mas, que bem ou que bens procura ele, na realidade, Durant sua existência, vulnerável, através do risco da liberdade, tanto à perfectibilidade quanto à defectibilidade? Certamente que não valorizaria BOECIO apenas uma das dimensões da natureza humana – o bem próprio – meta da maioria dos homens, como também das crianças, imobilizados no tempo presente e ignorantes das dimensões do bem social, do bem comum e do bem supremo, como faz notar, com propriedade, um jovem e octogenário pensador patricio.

Segundo ALCEU AMOROSO LIMA (), seria o bem supremo o plano e a atmosfera daquele “que não crê que a vida acaba com a morte e é um mistério tão grande que sobrevive a si própria”, daqueles que acreditam “numa quarta dimensão, que integra as demais e representa a vida em plenitude”.

Para seu próprio consolo e de seus coetâneos, BOÉCIO escreveu aos tempos da “obscurantista” Idade Média. E qual o panorama hoje, em nossos maravilhosos dias “progressistas”?

Um quadro desolador. Nos estados marxistas totalitários, cerca de um bilhão e meio de pessoas se encontram privadas do “risco da liberdade”, do direito de livre opção,

ou melhor, dele se encontram impedidas de dispor, aprisionadas, pelos burocratas e tecnocratas do poder, nas estreitas dimensões do “segundo andar” – do “bem social”. Lamentavelmente adolescentes, do ponto de vista humano, político e social, não ignoram que a simples tentativa de subirem ao terceiro ou quarto andar – aos planos do “bem comum” e do “bem supremo” – os conduziria, inevitavelmente, aos porões do “Goulag” ou do hospício... Por outro lado, os restantes dois bilhões e meio de terrenos vivem em condições miseráveis, infra-humanas, ou mergulhados no neo-epicurismo da moderna sociedade de consumo, escravizados ao “ter” e desprezando o “ser”, no feliz diagnóstico de outro octogenário lúcido, ERICH FROMM.

Nessas vagas de pessimismo, voltemo-nos para o século XIX, ao encontro do pensamento de ilustre casuístico e medular pessimista, que alçara voo a partir do trampolim idealista de KANT. Acionando, certamente, seus portentosos talentos repressivos intelectuais, ARTUR SCHOPENHAUER (1788-1860) dizia não crer na imortalidade da alma. Em sua extensa obra, também cuidou do medo da morte, para ele, “a musa da filosofia”. Em seus escritos, desprezava e preocupação tanatofóbica: “se o temor da morte se deve à idéia do ‘não ser’, igual temor deveria dominar-nos ao meditar no paraíso perdido do ‘não ser’ que precede a vida”. Julgava que “temer tanto quando a nossa vida ou de outra pessoa se encontra em perigo, ou situar na tragédia e terror dramático causado pela morte, é uma pouco séria”. Afirmando que “todo nosso ser é uma vontade de viver e a existência, embora com sua brevidade e insegurança, e mesmo sendo amarga como é, é nosso bem supremo e, assim, a vontade de viver é, por sua essência, inconsciente e cega” – aduzia que “a inteligência está em conflito com a vontade de viver e nosso entendimento lhe dá razão, quando ela vence esta vontade”. O agressivo e amargo filósofo, último dos idealistas alemães, ainda citava EPICURO (341-270 a.C.): “A morte não nos importa: enquanto existimos, a morte não existe, e quando ela chega, não existimos mais”.

São dois exemplos ilustres de negação ou minimização do complexo símbolo da morte, por compreensível repressão auto-consoladora, numa laboriosa tentativa de evasão à angústia.

Não obstante, thanatos continua a ser o grande problema psicológico do homem, a angústia básica, para várias correntes psicológicas e psiquiátricas, tanto pré quanto pós-freudianas.

Em 1974, ERNEST BECHER recebia o prêmio “Pulitzer” de literatura pelo seu livro “A negação da morte” – “uma síntese brilhante e desesperadamente necessária”, segundo e emérita tanatóloga, Dra. ELISABETH RUBKER-ROSS. Depois de afirmar que a moderna psicologia redescobriu que a morte é a maior e peculiar angústia do homem, que o “terror final da consciência de si mesmo é o conhecimento de sua própria morte”, o autor, vítima de câncer, aos quarenta e nove anos de idade, analisa as contribuições de FREUD, OTTO RANK e, sobretudo, de KIRKEGAARD, o teólogo-psiquiatra, para concluir, “fora de qualquer dúvida, de que análises psicológicas e religiosas da condição humana são inextricáveis, se descem ao que é fundamental”. Afirma, ainda, que a intenção de sua obra é a de “traçar um círculo em torno da psiquiatria e da religião; ela revela que a melhor análise existencial da condição humana leva diretamente aos problemas de Deus e da fé, exatamente o que KIRKEGAARD defendera”.

Básica e modelarmente, em fulguração brilhante de seu talento, KIRKEGAARD “estabeleceu a fusão das categorias religiosas e psiquiátricas”, entre a psicologia e a fé, partindo do “paradoxo que é verdadeiramente a essência do homem”, a união de contrários, a autoconsciência, a consciência de sua própria individualidade, “ de sua divindade parcial na criação”, de um lado; de outro, a consciência do terror do mundo, de sua própria morte e decomposição. Não podendo ser animal nem anjo, mergulha na angústia e no pavor, frutos da ambigüidade. A única solução possível estaria na fé e em Deus, numa atitude de heroísmo cósmico, como diz ERNEST BECKER.

Vejamos, por último, as linhas mestras do pensamento de um autor israelita dos tempos modernos, P. L. LANDESBURG, autor de um “Ensaio sobre a experiência da morte”. Emergindo do platonismo e do neo-platonismo, através de SANTO AGOSTINHO. Ignoramos se corresponde à realidade a versão de que, excessivamente preocupado com a morte, portava sempre consigo um pequeno frasco de veneno. Nada mais natural nos parece a preocupação escatológica do cristão que vive os “novíssimos”.

Quanto ao veneno, jamais fez dele uso o filósofo: por solidariedade – leia-se amor – entregou-se a um campo nazista de extermínio, onde transitou pela morte. Notemos-lhe a inquietação mística:

“- O tempo cristão, como o interpreta Santo Agostinho, é o tempo da alma, que procura sua existência procurando por seu Deus: quia fecisti nos ad Te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te.”

Referindo-se ao tempo: “-O que há são três tempos e essas três faces inseparáveis – sunt in anima tria quaedam – como três coisas numa só alma: memoria, intuitus, exspectatio, memória, intuição e expectativa. A cada instante, o mundo se arruína. O instante morre ao nascer. O passado devora o futuro, antes que uma existência presente se possa realizar duradouramente. O tempo, conforme parece mover-se no passado, através do presente e em direção ao futuro, esse tempo somos nós mesmos, pois não participamos da eternidade. Enquanto a eternidade, sendo ao mesmo tempo estabilidade e pura presença, é idêntica a Deus.”

O filósofo-mártir via a mortalidade “como íntima particularidade nossa, imanente e perpétua, fruto e punição do pecado”. A tragédia do holocausto veio selar-lhe a autenticidade de homem e a coerência de filósofo cristão. Em pólo oposto, lembramo-nos de FREUD, “que podia ele próprio, com tanta facilidade, confessar seu agnosticismo, porquanto criara para si uma religião particular” – segundo as palavras de OTTO RANK, citadas por E. BECKER. Aduzia, aliás, o mesmo RANK: “A necessidade de uma ideologia realmente religiosa... é inerente à natureza humana e sua satisfação é básica a qualquer gênero de vida social.”

Dando testemunho heróico de sua ideologia, na realidade LANDSBERG conquistou a morte. São suas palavras:

“- A participação do homem na eternidade da pessoa divina não se realiza integralmente senão além da morte e de tal maneira que a morte se torna um nascimento superior ao nascimento empírico. Se há uma vida que é em verdade a morte, há uma morte que é verdadeiramente a Vida... A pessoa espiritual do defunto não se aniquila: adquire uma existência definitiva na morte ou na vida, no inferno ou no céu.”

O justo alcança a participação do ser; o condenado sofre a morte com o diabo, que, ele mesmo, não tem senão uma falsa imortalidade, porque sua condição é a morte. Lúcifer morre infinitivamente, por não morrer com o Cristo – assim como Ahasvero, o da lenda, morre longamente, mas não infinitamente”.

Que poderia dizer destas palavras o homem comum, impregnado de sadio “bom senso” – ao qual, certamente, se dirigiriam pensadores como DESCARTES e LEIBNIZ – e vazio de heroísmo? Repetiria, sem dúvida, o pobre sapateiro Ashavero, cuja lenda foi glosada, entre nós, por J. RIBEIRO e CASTRO ALVES. Em verdade, aquele insólito e cruel grito – “Anda!” – que o “Judeu errante” lançou ao doce Rebi da Galiléia, quando à sua porta queria descansar, durante o interminável percurso até o Gólgota, ainda o proferimos quase todos nós, verbalizando-o ou não, em nosso aturdimiento e desamor do dia-a-dia, recusando nossa “meia-sola” aos mendigos e párias de nossas metrópoles e favelas; aos velhos marginalizados, às viúvas e aos órfãos; às vítimas do terrorismo internacional e às dos nossos “esquadrões-da-morte” – a todos que, em todos os caminhos do mundo, são “postos a andar”, em seu trágico destino de desamor e abandono, enxotados pelo egoísmo ou silencioso comodismo de uma sociedade materializada e hedonista.

A este passo, deixemos por instantes os nossos bons amigos filósofos. Não tendo eles ainda logrado, ao longo dos séculos, pelos menos definir com exatidão as fronteiras de suas atividades, refugiam-se, em sua grande maioria, no neo-positivismo de uma “filosofia científica”, rompendo com a tradição e a especulação, ou ainda “analítica” – quando não na esquizoidia das correntes neo-hegeliano-marxista ou fenomenológicas. Disto nos falou, com seu brilhantismo costumeiro, nosso injustiçado filósofo, EURYALO CANNABRAVA, há poucos meses falecido, (“Teoria da decisão filosófica”, 1977) – criticando o fato de se colocarem eles “fora do âmbito da refutação filosófica... isto não pelos méritos, mas sim pelos seus deméritos; não pela força de seus argumentos, mas pela sua equivocada e sofisticada dialética”. Isto, conforme CARNAP, depois de terem relegado a metafísica à condição de disciplina não-cognitiva...

ENTRE AS ONDAS

ENTRE AS ONDAS

MONTANHÊS, nascido nas alterosas de Belo Horizonte, aos seis de março de 1927 – parto domiciliar, três voltas de “circular-de-cordão” ao pescoço – fui recepcionado no mundo por trovões, relâmpagos e tremendo aguaceiro. É o que, dez anos mais tarde, me contava a saudosa vovó Augusta, lá na mineira e bucólica Capela Nova do Betim, entre uma modinha e outra de violão, pacientemente tentando ensinar-me o acompanhamento de “Minha barquinha de velas” – em “lá maior”...

Não havia sol naquela tarde de domingo provinciano, em que o céu despejava, incessantemente, cântaros e mais cântaros de água, a ponto de terem tido que mandar coar e ferver a água barrenta, para o primeiro banho. Sem dúvida, uma recepção assustadora, mas zodiacamente adequada a um frágil pisciano de água doce, depois dos nove longos meses em que estive, bem fígado pelo umbigo e pescoço, a flutuar no líquido amniótico...

O mar, entretanto – o “marzão besta” dos capiaus mineiros que chegam ao litoral – somente vim a conhecê-lo aos seis anos de idade, nas praias de Icaraí, em Niterói. Lembro-me agora, não sei se com exatidão, de VICTOR HUGO:

Océan, terrible océan,

Frappé de ta grandeur farouche – jê tremble!

- pois tremi também eu... de medo daquela imensidão, de frio, devolvendo à areia bons goles de água salgada. Separando-me afoitamente do grupo familiar, que na areia firme se extasiava com conchinhas e calhaus, corri a escalar umas enormes pedras que adentravam o mar. Altas e bonitas, mas cobertas de musgo traiçoeiro. Por elas fui subindo, assim como estava, de sapatos, roupa e tudo – para logo escorregar, lá do alto, mergulhando n’água. Num segundo, estava a tomar meu primeiro banho-de-mar, malgré moi.

Já tudo era água – a imensidão voraz e gélida da água, num torvelinho de ondas sufocantes e salgadas, que quase me cegavam para a brancura das espumas e para o azul do céu. Pânico total e sensação de morte iminente, quando, invadida e retina

pela escuridão verde-azulada, a água sufocante me entrava pelas narinas e pela boca escancarada, aos borbotões. A cada tentativa baldada de encontrar o fundo, com os pés, lutava para erguer-me, desordenadamente batendo braços e pernas, lutando contra as implacáveis ondas.

Foram só, talvez, alguns segundos – uma eternidade – naquela horrível sensação de ir-se afundando cada vez mais, quanto mais se lutava... Terei desmaiado? Não me lembro das circunstâncias de meu salvamento. (Nem daquela estória de reviver a gente, ao afogar-se, toda a vida passada, num átimo. Seria ainda escasso e pobre, àquela idade, o material néstico?) Mas não me saíram mais da memória e beleza envolvente da brancura da espuma nas ondas, naquele torvelinho verde-azulado, de mar e céu. Sentia-me parte “da coisa”, “ia junto”, ligado à imensidão aterradora de tudo. Restou-me uma lembrança de medo e de angústia – mas também outra, do indizível impacto com uma realidade tão apavorante quão grandiosa bela e envolvente...

Refeitos do susto – mais rapidamente a família, do que eu – dias depois seguíamos viagem para Pelotas, pelo mar, num daqueles navios que mais tarde seriam, covardemente, feridos de morte pelos nazistas. Trazendo ao colo o gatinho preto que misteriosamente aparecera no convés – e que desembarcou conosco em Pelotas, na “Princesinha do Sul – olhos perdidos no horizonte do céu-mar, ou debruçado na amurada, cabelos esvoaçando ao vento, a acompanhar a esteira branca que o barco riscava na superfície repousante – tive, então, tempo de sobra para fazer as pazes com o mar... e com a vida.

Cerca de um ano após, ao preparar-me para a “primeira comunhão”, no “Colégio São Francisco”, de Pelotas, dois milagres de Cristo, contados pelas boas freiras, me impressionaram profundamente, mais que todos os outros: andar sobre as águas e elevar-se aos céus. Sempre achei mais admirável o primeiro: um homem, e não um espectro, andando suavemente sobre uma líquida planície, pés envoltos nas espumas, as meigas feições iluminadas ao luar, indo ao encontro dos discípulos apavorados dentro da barca, para gritar-lhes, ainda à distância:

“-Não temais... Sou eu... Não temais...”

A fé e o amor dominando as forças cegas da natureza, através de confiança. Desconfio que também para os discípulos pudesse ter sido este o milagre mais espetacular. Afinal, quando da elevação aos céus. Ele já havia ressuscitado.

Tanatognose

E

Ressuscitação

“Experimentando, certa vez, com uma pomba, depois que coração havia cessado completamente de bater e as aurículas também se haviam detido, mantive meu dedo molhado com salivas quente durante um curto espaço de tempo sobre o coração e observei que sob a influência deste estímulo recobrava ele nova força e vida, com o que ambos ventrículos e aurículas bateram, contraindo-se e relaxando-se alternativamente, voltando da morte à vida.”

(WILLIAM HARVEY, De motu cordis, 1628)

“Parece que qualquer coisa saudável à vida, aplicada ao pulmão, pode restaurar a ação cardíaca, depois que se tenha ela detido por algum tempo.”

(HUNTER, 1776)

Tanatognose

E

Ressuscitação

-1-

Os sepultados em vida...

DE CONCEITUAÇÃO difícil, como a sua irmã, a vida, nem sempre é a morte facilmente constatável, apesar de sua muda eloqüência. Lançando-se mão de certa licença semântica, poder-se-ia, do ponto de vista tanatológico, falar de determinada propedêutica (semiotécnica) da morte, que visasse, dentro de critérios estritamente científicos e com o auxílio de métodos subsidiários (propedêutica armada), ao diagnóstico seguro da realidade do estado de morte (tanatognose).

Insistindo na necessidade de observarem-se vários sinais, dizia THOINOT, que inexistia um sinal patognomônico de morte. Diríamos nós que não sinal tanatognomônico, isolado. Procuraremos, no texto, sintetizar e resumir alguns conceitos e dados objetivos sobre a matéria que, como se sabe, é esgotada nos tratados especializados de medicina-legal. Dela sempre se tem ocupado a literatura médica, mas não mais, talvez, que os cronistas e a imprensa leiga – reflexo, sem dúvida, de fábulas, lendas e mitos da imaginação popular, sempre impregnada do imemorial pavor pelas inumações precipitadas, nas trágicas confusões entre morte real e morte aparente... alimentando a tafiofobia.

Já ASCLEPÍADES (124-96 a. C.), médico grego, teria interrompido um cortejo funerário, para retirar do esquife um homem aparentemente morto. De FREDERICO CRISTIANO WINDSLOW, famoso cirurgião danes, falecido em Copenhague, a 24 de junho de 1811, diz-se que por duas vezes teria sido vítima – quase... – de inumações precipitadas. Et pour cause, até sua morte – real – não cessou de lutar pela necessidade da tanatognose acurada. Comenta R. SABATIER o pedido de

WASHINGTON para que somente fosse sepultado três dias após sua morte, bem como o de CHOPIN, que desejava fosse seu corpo aberto, antes de ser enterrado.

()

A preocupação com a inumação prematura, talvez tão antiga quanto a morte, na face da terra, parece ter tido seu apogeu nos séculos dezoito e dezenove. Em sua preciosa e clássica monografia, La morte vera e la morte apparente, editada em Milão, no ano de 1897, o médico-legista FELICE DELL'ACQUA, após reportar-se a estudo anterior (1868-69), de sua lavra, quando pela primeira vez em Milão se organizaram os serviços necroscópicos, assim justificava sua nova obra:

Con tali intendi volli – con Maggiore ordine di
trattazione e con piú numerosi argomenti –
completare la enumerazione dei principali me-
zzi e criteri dei segni della morte vera, fin'ora
proposti, procurando persuadere eziandio che
meritano nessuna o bem poca fede certi reso-
conti de interramenti di persone solo apparen-
temente morte.

Não obstante, a atestar a relevância do tema, o mesmo DELL'ACQUA nos informa que cento e cinqüenta e dois foram os italianos que, de 1508 a 1891, escreveram sobre o assunto, dos quais noventa e oito durante o século dezenove.

A mesma preocupação grassou intensamente nos meios científicos e políticos da França e Alemanha, no século dezenove, reclamando-se maior eficiência na constatação da realidade da morte. Autores de renome, altrettanti parti di fantasia alterata e paurosa, ou não, publicaram suas estatísticas sobre os sepultamentos precipitados: MONTEVERDI, 45 casos; BIANCO, 62; WINSLOW e BOUCHUT, respectivamente, 122 e 78 casos. Devidamente comprovada ou não, a casuística, as numerosas publicações e os estudos, de médicos e leigos, empolgando a opinião pública, motivaram acesos debates nas academias de medicina de Paris e Milão, sobretudo. Em 1848, BOUCHUT recebia, em Paris, um prêmio de mil e quinhentas

libras, pelo melhor trabalho sobre a morte aparente e os meios de evitarem-se os sepultamentos precipitados.

Aparentemente mais atenuada, nos dias que correm, devido aos progressos da medicina no campo da tanatognose, ao tratamento hospitalar generalizado, às unidades cárdio0respiratórias de terapia intensiva, à eletrocardiografia e eletrencefalografia, às modernas técnicas de “ressuscitação” médica – a preocupação ainda subsiste, de forma larvada... Fastidioso seria, de fato, reportar-nos ao sem número de “mortes aparentes”, devidamente documentadas, ou não, com que nos surpreende o noticiário dos jornais, ressurgindo as vítimas à beira da cova, quando não o tenham podido fazer do velório, do necrotério ou, mesmo, da mesa de necrópsia, à primeira cutelada...

E que dizer-se das posturas estranhas e anômalas dos cadáveres, às exumações, que tanto impressionam o público? É clássico o caso referido por LARREY: quatro anos após a morte de seu pai, ocorrida em 1852, VITRY, secretário da Academia de Ciências de Toulouse, angustiava-se à vista do cadáver, já não em posição supina, mas sim em decúbio lateral direito, os braços distendidos...

A extensíssima documentação da possibilidade de inumações precipitadas traz, no passado, a chancela de ilustres professores universitários, como HENRI DE PARVILLE, BROWN-SEQUARD, ICARD, ZCHIAS, BALTHAZARD, MOURS, AMBROISE PARÉ, etc. Vale recordar, a propósito, que JOSAT, citado, em interessante monografia, pelo Prof. C. L. MOURS (), do Instituto de França e da Universidade de Filadélfia, descreve nada menos que sete acidentes em que a morte aparente se teria prolongado por trinta e seis a quarenta e duas horas...

Na realidade, a preocupação com o sepultamento prematuro perde-se ao longo dos séculos, como podemos verificar na referida monografia de MOURS. Relatou HERODOTO que os egípcios aguardavam quinze dias antes de sepultarem seus mortos. Já em Esparta, por prescrição de LICURGO, a espera compreendida onze dias, como também em Roma. Enquanto na Inglaterra era hábito aguardar-se o início da putrefação – uma semana, em média – na Alemanha a duração do velório era de dois ou três dias. No século dezessete WINSLOW, por nós já citado, violentamente

combateu, em França, as inumações prematuras, em campanhas extensas e prolongadas. Em que após longos quarenta e cinco anos de estrita “vigilância cadavérica”, apenas uma vez ouviu soar a campainha, ao deslocar-se um dos braços, de um ancião, devido à rápida tumefação gasosa do ventre... O próprio BOUCHUT deu o epitáfio apropriado às casas mortuárias germânicas:

Personne n’y a jamais recouvré la vie...

Correndo o risco de ainda mais enfadar o leitor, nesta pouco agradável digressão histórica, não resistiremos à tentação de calepinar, pelo seu delicioso sabor histórico, a memória que, em 1776, enviou PINEAU ao rei de França, intitulada: “Os enterramentos precipitados e a necessidade de um regulamento para defender os cidadãos do perigo de serem enterrados com vida.” Conforme faz notar MOURS, promanava, àquela época, unicamente do ritual católico e regulamentação sobre o assunto. Os sepultamentos somente se efetuavam após vinte e quatro horas, nos casos comuns – doenças crônicas evolutivas – e após quarenta e oito horas, nos casos de morte súbita.

Pareciam a PINEAU suficientes estes prazos, lamentando, entretanto, não serem eles respeitados, frequentemente. Consignava o fato de existirem sacerdotes que –

“... apavorados com os acidentes ocasionados pelas inumações precipitadas, são não só muito exatos na observância das regras indicadas, como também, sempre que podem, só efetuam os funerais de 36 a 48 horas após a morte, nos casos ordinários e, nos de morte súbita, o mais tarde que lhes é possível. Tenho grande prazer em prestar-lhes esta justiça. Não esqueço, todavia, que existem muitas paróquias onde, sem a menor preocupação, se enterram pessoas sobre cuja morte decorreram apenas quinze horas e, por vezes, somente doze. Sei de casos em que nem seis horas decorreram entre a morte e o enterro. Depois disto, não devemos admirar-nos de que sucedam tantos fatos

lamentáveis e é lógico pensar que raro será o dia em França em que se não enterrem pessoas vivas.”

Surgiu, posteriormente, o “Código de Napoleão” (5 de março de 1813) que determinava, em seu artigo nº 77:

“Nenhuma inumação pode ser feita sem uma Autorização, por escrito, do oficial do registro civil, que só poderá passá-la depois de, junto do indivíduo morto, se ter assegurado, absolutamente, de sua morte, e ainda após um decurso de 24 horas sobre o falecimento, salvo nos casos previstos pelos regulamentos de polícia.”

Minimizavam-se os riscos, mas, curiosamente, era ainda a verificação de óbito feita por leigos, desqualificados para tal mister. Segundo MOURS, somente em 1800 surgiu, da lavra de FROCHOT, prefeito do Sena, um edital que instituía a fiscalização médica dos falecimentos, através de um inspetor-médico. Após minucioso exame cadavérico, fornecia ele, ao oficial do registro civil, o “atestado de óbito”. Mesmo assim, uma vez em cada cinco casos, era obrigatória a verificação por outro médico... Finalmente, em 1866, estas normas acauteladoras, médico-legais, se estenderam a toda a França, por decreto do Ministério do Interior.

Se nem sempre mors omnia solvit, o mesmo pode suceder com a lei, infelizmente. Assim verberava ICARD:

“Infelizmente, estas disposições, tão cheias de prudência, são consideradas letra morta. Os médicos e as famílias dos mortos não as tomam em consideração. De uma maneira geral, a verificação médica não é exigida e, se feita, consiste, na maioria das vezes, num simples e rápido relancear de olhos ao corpo do indivíduo cuja morte vem verificar-se. Grande número de médicos considera a certidão de óbito simples documento administrativo, para preencher formalidade

a que se não julgam obrigados por lei. Muitas vezes, as certidões de óbito são passadas sem prévio exame ao cadáver.”

Seriam caso válidas, ainda hoje, na complexidade, superficialidade e agitação estultas da vida moderna – de que dificilmente poderá escapar o praticien – estas candentes palavras de mestre ICARD? Certamente que nem sempre ou totalmente – ou, pelo menos, nem em todos os locais onde houver médicos e pacientes... Por outro lado, já totalmente negativa haveria de ser a resposta à indagação, se referida fôra à maioria dos hospitais dos grandes centros urbanos, dotados de sofisticadas técnicas de detecção de sinais inequívocos de morte, ao lado de equipamentos complexos de “reanimação” ou “ressuscitação”, nas unidades de terapia intensiva e nos centros cárdio-respiratórios especializados.

Entretanto, antes de prosseguirmos, em abordagem mais técnica e objetiva do tema, ouçamos as palavras do ínclito mestre, professor emérito de medicina-legal, FLAMINIO FAVERO, ao cuidar da perícia da realidade da morte:

“Em São Paulo, onde todos esses fenômenos consecutivos se apresentam com bastante precocidade, a positivação da realidade da morte, para fins estritamente médico-legais, não tem maiores dificuldades. Inúmeras vezes fui chamado para tirar preocupações das famílias quanto à realidade da morte de entes queridos. Com freqüência, impressionava a demora no abaixamento da temperatura nas partes declives. Apenas uma ou duas vezes tive necessidade de empregar a prova da fluoresceína para objetivar, aos olhos dos presentes, a incontestabilidade do êxito letal. Quase sempre a evidência das hipóstases e da rigidez convenceram.”

A compreensível recusa – às vezes dolorosamente extremada – à admissão da perda de um ente querido, por familiares estressados; a estafa provocada pelas

prolongadas vigílias ao pé do leito do paciente gravemente enfermo; a celeridade e cupidez argentária dos agentes das casas funerárias, trabalhando em regime de pura concorrência econômica; o fato, rotineiro, de o médico assistente excepcionalmente vir a constatar, pessoalmente, o óbito de seu paciente, baseando-se em informações de parentes, atendentes de enfermagem ou plantonistas; a sempre incômoda presença da morte; os velórios rápidos, encurtados em “homenagem” à dor e ao cansaço das viúvas e dos viúvos idosos e traumatizados – são, todos estes, fatores que se consorciam na gênese da dúvida sobre a realidade da morte, sobretudo quando a súbita (síncope, asfixia, afogamento, toco-traumatismo, traumatismos crânio-encefálicos, etc.) ou ocorrendo em situações excepcionais de calamidades públicas ou epidemias.

Por outro lado, as sofisticadas técnicas de reanimação e ressuscitação médicas, as próteses respiratórias e circulatórias, sobretudo nos pacientes em estado de coma prolongados, poderão vir a dificultar a tanatognose a tal ponto que somente, às vezes, sinais putrefativos incipientes ou traçados eletrencefalográficos, quando possíveis, comandarão a extremamente difícil decisão de desligarem-se, ou não, os equipamentos ou aparelhos... A propósito, recordamo-nos de termos participado, há vários anos, em Santos, de prolongada conferência médica, com professores universitários de São Paulo, motivada por caso similar, de traumatismo crânio-encefálico seguido de estado de coma particularmente prolongado. Antes de tomada qualquer decisão, observada a ausência do reflexo anal e constatado o odor putrefativo da matéria encefálica, ocorreu misericordioso colapso periférico, irreversível, apesar das próteses circulatória e respiratória...

Não se pode negar, entretanto, a veracidade de certos casos, bem documentados, de erros tanatodiagnósticos, dentre os inúmeros noticiados pela imprensa, alguns dos quais calepinados em nossos arquivos.

Neste tópico, luminares da medicina-legal divergem em suas opiniões, variando da ênfase excessiva ao prudente ceticismo. Comenta ALMEIDA JUNIOR:

“Quase todos os casos de alegada inumação pré-matura ou de autópsias de indivíduos vivos devem ser levados à

conta de fábulas: o temor, a imaginação, a tendência amplificadora dos divulgadores, se associam para criar e enfeitar o romance. Todavia, restam sempre alguns casos positivos.”

SOUZA LIMA () faz preceder vultoso registro de casos das seguintes palavras:

“Não crio fantasias, não crio terrores vãos, não invoco lendas miraculosas de antigas ressurreições, não me inspiro nas práticas ilusionistas dos faquiadores da Índia; baseio-me em fatos que já não são poço numerosos, registrados nos anais da ciência, de preparativos de enterro, saimento do corpo e até mesmo de inumação de pessoas ainda com vida, em estado de morte aparente, sacrificadas e um erro ou engano fatal.”

AFRANIO PEIXOTO – a quem FLAMINIO FAVERO concede poder assistir, talvez, mais razão do que a SOUZA LIMA – assim se pronuncia, em seu tratado de medicina-legal ():

“É uma verdadeira obsessão a de certas pessoas pela possibilidade da morte aparente confundida com a real, e isto não tem justificativa. Bem verificada e pelos caracteres comuns à morte, não existe a perigo das inumações precipitadas, nem das secções em vida.”

De todo o exposto e, ainda, com base em nossa experiência pessoal, poderíamos dizer que a prudência e o festina lente deveriam ser a regra áurea, na tanatognose para fins legais. Mas nem sempre, como seguir veremos, se quisermos, como devemos todos nós, médicos ou não, salvar vida de um semelhante em estado de morte aparente. De fato, a falta de presteza poderá raiar na omissão de socorro, em alguns casos.

Tanatognose

NA REALIDADE, a suspensão das funções cardíacas e respiratórias apenas caracterizaria o que alguns autores chamariam de morte relativa. Especialistas em medicina-legal reconhecem as seguintes variedades de morte: anatômica, histológica, aparente, relativa, intermédia e real. Na classificação, leva-se em conta o graduação do processo, em nível celular.

Morte real, para HELIO GOMES (), é a “morte verdadeira, completa, absoluta, ou para sermos mais incisivos, é a morte.” Já a anatômica, com interrupção das grandes funções vitais, “seria a chamada de simplesmente morte, a morte do organismo, dos aparelhos.”

Eis as restantes definições do ilustre mestre, mais descritivas do que rigorosamente estipulativas, parecendo-nos, data venia, que não consegue o definiens absorver integralmente a natureza essencial do definiendum, em tema tão difícil:

“A morte histológica, embora decorrência forçada da anterior (anatômica), é paulatina. Na morte anatômica o indivíduo, como um todo, morre num instante. Exalando o último suspiro, está morto. Na morte histológica os tecidos e as células morrem mais devagar. Depois do organismo morto, o estômago ainda digere por alguns instantes, os espermatozoides sobrevivem horas à morte individual, os cílios vibráteis podem contrair-se, os pelos ainda crescem... Morte aparente é aquela em que o indivíduo parece morto, tem a aparência da morte, mas está vivo. As contrações cardíacas, embora muito fracas e quase imperceptíveis, persistem. A volta à vida é possível, espontaneamente ou mercê de eficientes socorros médicos. Morte intermediária, admitida apenas por alguns Autores, é a que precede à

morte absoluta e sucede à relativa. Nela a volta à vida é impossível. A existência dessa fase ‘poderia interessar ao problema religioso pertinente à administração dos sacramentos – o batismo e a extrema-unção, além da absolvição’ (Prof. TANNER DE ABREU)”

Prosseguindo em suas lições de tanatognose ou diagnóstico da realidade da morte, e após salientar que nos casos de morte agônica a duração da morte aparente é muito curta, podendo, entretanto, nos casos de morte súbita (afogamento, enforcamento, fulguração, eletropressão, hemorragias, etc.) durar de uma a três horas, ou ainda mais – assim esquematiza os principais sinais de morte:

Duvidosos: imobilidade do corpo; perda da consciência; insensibilidade geral e dos sentidos; suor frio e horripilação da pele; suspensão dos movimentos aparentes da respiração; cessação dos batimentos cardíacos; ausência de pulso; face cadavérica, etc.

Prováveis: resfriamento progressivo do corpo; paralisia dos esfíncteres; rigidez cadavérica; manchas da esclerótica; livores cadavéricos; hipóteses, etc.

Certos: pergaminhamento da pele; mancha verde abdominal e parada completa e prolongada da circulação.

Conclue o mestre:

“Para diagnosticar a realidade da morte, temos de aproveitar vários sinais. Não têm todos igual valor. Isoladamente nenhum deles é decisivo. Precisamos reunir vários para integrar o síndrome da morte. A putrefação é sinal certo de morte, mas tardio. Na prática, porém, costuma-se adotar o critério de filiar a morte ao

momento em que cessam os fenômenos respiratórios e circulatórios.”

Cuidando do mesmo tema e também do difícil problema da cronotanatognose – diagnóstico do tempo de morte, HILARIO VEIGA DE CARVALHO aprecia os diversos sinais que se originam dos fenômenos cadavéricos, que assim classifica:

“Os fenômenos cadavéricos dividem-se, em sua generalidade, em abióticos, avitais ou vitais negativos, isto é, aqueles que apenas negam a existência de vida; e transformativos, vale dizer, os que já informam sobre alterações do cadáver; evidentemente, estes últimos são os de maior valia, porque diagnosticam com certeza a realidade do óbito. “Entre os fenômenos abióticos, contam-se os imediatos (perda da consciência, insensibilidade, imobilidade, abolição do tono muscular, cessação da respiração e cessação da circulação) e os consecutivos (evaporação tegumentar, resfriamento do corpo, hipóstase, rigidez e espasmo cadavérico); os fenômenos transformativos contam-se como destrutivos (autólise, putrefação e maceração) e conservadores (saponificação e mumificação)... Os fenômenos transformativos são os que asseguram a realidade da morte, visto que correspondem a mudanças estruturais de tal monta que a vida é, então, impossível.”

Oferece-nos o mestre, ainda, um esquema de tanatocronologia, com base em estudos realizados no “instituto Oscar Freire”, de São Paulo – advertindo-nos entretanto:

“É assaz difícil de ser estabelecida. A título apenas de oferecer alguns dados aproximativos, anexamos a tanatocronologia abaixo discriminada. Mas deve-se lembrar, desde logo, que os fenômenos cadavéricos têm

a mais caprichosa evolução, diferindo de um para o outro corpo, em obediência a circunstâncias intrínsecas e extrínsecas que cercam cada caso, e referentes ao estado de nutrição, causa da morte, idade, unidade e grau de temperatura do ambiente, germes, condições do solo, etc.”

Assim, verifica-se que o resfriamento do corpo se equilibra com a temperatura ambiente em, aproximadamente, vinte e quatro a vinte e seis horas, nos adultos, e em vinte horas nas crianças. Enquanto os fenômenos oculares têm início em cinco horas, já há via viabilidade da hipóstase em uma a três horas. Quanto à rigidez, tem seu início em uma hora, generalizando-se em duas ou três horas e atingindo intensidade máxima em cinco ou oito horas. Bem mais tardio é o aparecimento da mancha verde abdominal: em dezoito a vinte e duas horas. A chamada reação sulfídrica, proposta por ICARD, tem início de sua positividade em nove a doze horas: o papel filtro com acetato de chumbo, colocado nas narinas do cadáver, toma colorido negro, pelo desprendimento de gás sulfídrico, gerado pelo processo putrefativo.

Liberta, enfim, a alma de seu invólucro material, para o “sem tempo” da eternidade, extinta a vida biológica individual, da pessoa, prosseguem, no cadáver, os processos biológicos transformativos.

Passará a simples esqueleto, após o incessante repasto dos insetos e vermes necrófagos, banqueteadando-se com a putrilagem e que ficam reduzidos os tecidos e órgãos. Destes, significativamente é o útero, matriz da vida, o que, aparentemente, mais resiste à desintegração...

Os pioneiros da ressuscitação

SEGUNDO o cirurgião inglês B. B. MILSTEIN (), as primeiras tentativas para “ressuscitar” ou reanimar um coração parado devem ser creditadas ao anatomista VESALIO (1514-1564), flamengo, que foi professor em Pádua, tendo trabalhado para CARLOS V e FELIPE II. Depois da parada cardíaca por anóxia, procedia à insuflação de ar pela traquéia.

Propalou-se, do famoso criador da anatomia moderna, que também lecionou em Pisa e Bolonha, que teria dissecado o corpo de um nobre, ainda em vida... A conseqüente sentença de morte, promulgada pela Inquisição, teria sido comutada, por interferência de Felipe II, em peregrinação à Terra Santa. Vítima de naufrágio, na viagem de regresso, faleceu o genial anatomista em outubro de 1564, na ilha de Zante. Em sua grandiosa e principal obra, De humani corporis fabrica, ousou corrigir os erros do passado, sobretudo os da escola de GALENO, angariando poderosas inimizades. DELL’ACQUA, baseado nas pesquisas efetuadas por MISSIRINI, que consultou gli storici più accreditati de quei tempi, filia-se ao grupo dos que negam se possa imputar ao anatomista aquele trágico erro, da secção em vida.

Só bem mais tarde, JOHN HUNTER (1728-1793), brilhante anatomista e cirurgião escocês, relatou suas experiências na obra Proposals for the recovery of people apparently drowned, praticando a respiração artificial através de foles introduzidos na traquéia de animais traqueostomizados. Segundo as observações do incansável pesquisador – que, ao contrário de seu irmão, o não menos famoso obstetra da rainha CARLOTA, WILLIAM HUNTER, não tinha feito o curso regular de medicina – obtida a assistolia ou parada cardíaca pela interrupção do fluxo de ar, o início da respiração artificial, dentro dos dez primeiros minutos, restabelecia, com freqüência, os movimentos cardíacos. Como cirurgião extraordinário do rei JORGE III, exercendo, ainda, o magistério e a clínica partícula, com inexcelável brilhantismo, tendo recebido as maiores distinções da Royal Society e da American Philosophical Society.

Dois grandes nomes, entretanto, ofuscam todos os demais, na história da ressuscitação cardíaca: MORTIZ SCHIFF (1823-1896) e W. B. KOUWENHOVEN. O primeiro, genial médico e fisiólogo, nascido em Frankfurt –am- Maine e formado em medicina por Guttingen, em 1844, peregrinou por Paris, Berna, Florença e Genebra, sempre perseguido por suas convicções liberais, enfrentando tenaz luta com os anti-viviseccionistas, que se opunham às suas experiências fisiológicas, em cães.

Demonstraram estas, pela vez primeira, a eficácia da toracotomia – abertura cirúrgica do tórax – para a massagem direta do coração, nos casos de parada cardíaca. Demonstrou, ainda, o valor da transfusão de sangue nos casos de insuficiência circulatória, bem como do pinçamento da aorta – método, este último, modificado por WIGGERS, em 1940, sessenta e seis anos após os trabalhos originais de SCHIFF.

Por outro lado, em 1960, KOUWENHOVEN e colaboradores demonstraram, revolucionariamente, os resultados altamente favoráveis da massagem cardíaca externa, com tórax fechado, através de sua compressão manual e rítmica, com sobrevivência de setenta por cento dos pacientes e retomada dos batimentos cardíacos em todos os casos. A extrema simplicidade do método – cuja técnica e seguir descreveremos, por incontestável utilidade pública – procedimento incruento e acessível a qualquer pessoa, em qualquer local, modificou radicalmente o prognóstico das paradas cardíacas dos pacientes de qualquer idade. KOUWENHOVEN, engenheiro e mestre de cirurgia da Escola de Medicina da Universidade de John Hopkins, também já fora um pioneiro no desenvolvimento do desfibrilador interno, em 1933, e do desfibrilador externo, em 1957.

A brusca interrupção dos batimentos cardíacos pode dar-se de duas maneiras diferentes: por assistolia ou por fibrilação ventricular. A simples propedêutica física, desarmada, não permitirá o discrimine diagnóstico, que somente poderá ser feito, com segurança, através de eletrocardiograma ou pela inspeção visual, direta, do músculo cardíaco. Na fibrilação ventricular, arritmia frequentemente fatal, o coração é sede de contorsões ou estremecimentos irregulares que se estendem a toda sua musculatura, de maneira irregular e incoordenada, débil ou fortemente. Cerca de três segundos após sua instalação, a pressão arterial cai praticamente a zero – ou a 20-30 mm Hg

no homem, pelo tônus vascular residual – cessando completamente o fluxo de sangue. É a parada da circulação, contraindo-se independentemente. Os desfibriladores são aparelhos usados para aplicação de vigorosos choques elétricos no miocárdio, visando à retomada do ritmo normal.

As técnicas de ressuscitação

EM QUALQUER local ou circunstância, qualquer pessoa pode e deve contribuir à salvação de uma vida, prestes a extinguir-se, até à chegada de socorro médico efetivo ou remoção do paciente para um hospital, pronto-socorro ou centro especializado de reanimação – usando apenas suas mãos e sua boca.

Não obstante, por incrível que pareça, estas técnicas não são ensinadas ou divulgadas devidamente e rotineiramente, nem nas escolas de medicina, nem nos hospitais... Já não podemos, pois, estranhar, e apenas repudiar, com toda a veemência, a clamorosa omissão de sua divulgação ao público em geral, sobretudo nas escolas, fábricas, associações diversas, repartições públicas – quando não, pelo menos, a médicos de qualquer especialidade (particularmente aos cirurgiões, socorristas, radiologistas e analistas), cirurgiões-dentistas, enfermeiros, obstetizes, motoristas de ambulância e de viaturas policiais, vigilantes rodoviários, bombeiros e orientadores de trânsito, etc.

Para a massagem cardíaca externa – com tórax fechado, pois – não se requer outro equipamento que as mãos humanas, acionadas por um espírito resoluto, impregnado pelo amor ao próximo. A pressão manual sobre o esterno, osso anterior do peito que se articula com as costelas, irá comprimir o coração contra a coluna vertebral, no sentido ântero-posterior, o próprio pericárdio limitando os deslocamentos laterais do órgão – com o que se consegue a ejeção do sangue. Resumimos sua técnica, nas linhas gerais de B. B. MILSTEIN:

- 1 – Paciente em posição supina, isto é, deitado de costas, sobre uma superfície dura, mesa, soalho ou chão.
- 2 – Colocar a parte posterior de uma das mãos sobre a extremidade inferior do esterno do paciente.
- 3 – Sobre ela, comprimir com a outra mão, verticalmente e para baixo, a uma frequência média de sessenta vezes por minuto.

4 – A pressão deve ser suficiente para deslocar o esterno, cerca de 3-4 cm, na direção da coluna vertebral, colocando-se o operador de tal forma que o peso de seu próprio corpo possa reforçar a pressão.

5 – Erguer as mãos, por um momento, entre cada compressão, para que o tórax possa expandir-se.

6 – Se o agente só pode usar uma de suas mãos, deve inicialmente inflar os pulmões do paciente com 3 ou 4 respirações, boca-a-boca e só então iniciar a massagem, que deve ser interrompida cada sessenta a noventa segundos, para então serem novamente ventilados os pulmões do paciente, pelo ar expirado pelo operador.

Releva notar que a simples compressão rítmica do tórax, segundo a técnica indicada, não basta a ventilar adequadamente os pulmões do paciente. Experiências realizadas em pessoas curarizadas demonstraram que o volume médio de ar circulante, desta forma produzido, foi apenas 53ml, sendo nulo, em pacientes com parada cardíaca. (SAFAR e colaboradores, 1961).

Comprovadamente simples e facilmente assimilável por qualquer pessoa leiga, é inadmissível que esta técnica, que dispensa qualquer recurso técnico ou oneroso, não seja empregada, sem a menor vacilação e rotineiramente, sobretudo por médicos e cirurgiões-dentistas, pessoal hospitalar, em geral, motoristas de ambulâncias e socorristas encarregados de prestarem os primeiros cuidados às vítimas de acidentes de trânsito, afogamento ou eletrocução. Com sua autoridade e enorme experiência pessoal, diz-nos B. B. MILSTEIN:

“Devido à sua eficácia e simplicidade, é o método de eleição em todos os casos, tanto médico como cirúrgicos, exceto, naturalmente, quando o tórax já foi aberto.”

Também simples é a técnica da ressuscitação respiratória, pelo ar expirado, boca-a-boca:

1 – Paciente em posição supina, forçando-se-lhe a cabeça, o mais possível, para trás, com o que se abrem as vias aéreas.

- 2 – para desobstruí-las, limar a faringe com os dedos.
- 3 – Fecham-se as narinas do paciente, pinçando-as com os dedos, ou comprimindo o nariz para um lado, com a maçã do rosto do operador.
- 4 – O operador inspira e exala o ar com força, ao ventilar adultos, com suavidade, no caso de crianças e com um simples sopro, no caso de lactantes.
- 5 – Velocidade da inflação: 12 a 20 vezes por minuto, devendo o operador, depois de cada insuflação, afastar a sua boca da do paciente, para que se produza uma exalação passiva.
- 6 – Vigiar o tórax do paciente, interrompendo cada insuflação ao notar que ele se eleva. Isto não se verificando, a provável obstrução das vias aéreas do paciente deve ser prontamente removida.

No caso de crianças, é bem mais simples cobrir-lhes a boca e o nariz com a boca do operador. Por outro lado, deslocar a cabeça do paciente o mais possível, para trás, para que se abram as vias aéreas, é, no dizer de MILSTEIN, uma técnica muito mais simples, para o pessoal não treinado, do que tentar deslocar para a frente os ângulos da mandíbula.

Excluídas afecções generalizadas ou cardiopatias irreversíveis, pode definir-se a parada cardíaca pela incapacidade da ação de bomba, do músculo cardíaco, para a manutenção de um fluxo sanguíneo adequado, no cérebro, na ausência de uma enfermidade causal e irreversível. Afirmam os especialistas que, embora os princípios gerais do tratamento da parada cardíaca sejam conhecidos há mais de um século, a elevada mortalidade tem-se mantido entre sessenta a setenta por cento, embora pudesse reduzir-se a dez por cento, com um tratamento rápido, simples e eficaz.

A melhor estatística de sobrevivência, nestes casos, é a apresentada por KOUWENHOVEN: sessenta e dois por cento, em cento e quatorze casos, todos tratados com massagem cardíaca externa, notando-se que dos vinte e cinco pacientes que sofreram parada cardíaca em centros cirúrgicos, apenas um faleceu. Falamos em simplicidade – dispensa de aparelhos ou equipamentos sofisticados, um estetoscópio sequer – e também em rapidez. De fato, nestes casos dramáticos e

catastróficos a conduta deve ser imediata, reflexa, automática, “mais rápida do que o pensamento” – pois só disporemos de poucos três minutos para evitarmos dano cerebral irreversível, por anoxia, ou falta de oxigenação adequada do órgão. O consumo cerebral de oxigênio situa-se em torno de 40ml/ k/ mn, requerendo-se um fluxo sanguíneo cerebral de 600ml / k/ mn, para uma circulação adequada de sangue oxigenado. Suspensa a circulação, perde-se a consciência em seis a sete segundos, o que demonstra a extrema avidéz do cérebro pelo oxigênio. Em quatro segundo, o eletrencefalograma passa de um ciclo de vinte e cinco ondas para um de três a quatro ondas por segundo. (BELLVILLE e colaboradores, 1955). Depois de vinte a trinta segundos, já há completa ausência de atividade bio-elétrica cortical, com alterações irreversíveis nas áreas mais sensíveis do cérebro, depois de três a quatro minutos. É, pois, apenas deste pequeno lapso de tempo de que poderemos dispor, na tentativa de restauração da circulação cerebral.

Repetindo-nos, pois: se quisermos salvar uma vida, devemos agir com a máxima presteza, sabendo que a parada lhe integram o processo, podendo-se defini-la como “o estado no qual a ressuscitação do corpo em sua totalidade é impossível pelos meios atualmente conhecidos.” (PARKES, 1958) Diagnosticada a parada cardíaca pela palpação – rápida – da carótida ou de outra artéria grande e constatada a ausência de pulso, não há tempo para dúvidas, perplexidade, tentativas de ausculta cardíaca ou outras quaisquer medida protelatórias. Deite-se imediatamente o paciente, no chão ou outra superfície dura, baixando-se-lhe a cabeça e elevando-se-lhe as pernas, para, logo em seguida, golpear-se fortemente, com o punho fechado, por três ou quatro vezes, sua região precordial. Na sequência, sem hesitações, força-lhe a cabeça para trás, o mais possível, desobstruir-lhe o faringe com dedos e iniciar a insuflação dos pulmões com respiração boca-a-boca. Em seguida, conforme as técnicas indicadas, iniciar a massagem cardíaca a tórax fechado, à freqüência de sessenta movimentos por minuto, durante cinco a dez minutos, ou até a chegada de auxílio técnico especializado, do médico ou do hospital.

Poderemos perder alguns pacientes, por não termos à mão equipamentos necessários, mas muitos outros poderemos salvar, se não ignorarmos as técnicas simples de ressuscitação, se não atrasarmos indevidamente o início do tratamento e, sobretudo, se não tivermos, estupidamente, medo de iniciá-lo. É esta a única atitude

possível para, mercê de Deus, podermos restaurar as funções fisiológicas temporariamente suspensas em nosso paciente ainda vivo.

A VERTIGEM DAS ALTURAS

A vertigem das alturas

DE MINHA primeira experiência marítima, nas praias de Icaraí, em Niterói, restou, nas amareladas páginas do álbum do establishment familiar, uma fotografia curiosa, em que me vejo despenteado e sem camisa, olhos de carpa fora d'água, envolto pelos braços de minha mãe, ao lado de meus três irmãos – bem compostos e arrumadinhos... Era eu somente o salvo da submersão, o resgatado das águas, mas também o único e definitivo conquistador do mar... Mais tarde, ao longo da vida, jamais quis aprender a nadar, mas certamente que não por talassofobia, como comprovam os inúmeros banhos-de-mar de que tenho desfrutado, desde 1942, nas maravilhosas praias de Santos e Guarujá – bem pertinho da areia, em todos... Tem razão os psiquiatras, quando distinguem o medo fóbico do medo por condicionamento negativo?

Diferente foi a aventura fanática em Pelotas, Rio Grande do Sul, para onde se mudara a família, deixando Piraju. Amplamente testemunhada, não foi documentada a cena de uma criança imobilizada nas alturas, vento sufocante no rosto, arregalando os olhos para a amplidão do vazio, do espaço estonteante, aterrador e grandiosamente belo...

À idade de sete ou oito anos – mais de sete, certamente, pois já fizera minha primeira comunhão, no “Colégio São Francisco”, de freiras - eis-me a caminhar, sozinho, costas grudadas à parede, pelo estreito beiral que circundava o prédio, bem alto, onde tinha sede a agência do “Banco do Brasil”, na formosa Princezinha do Sul.

Residíamos na parte superior do edifício, cujo o último pavimento era um sótão enorme, suficientemente amplo para ali podermos disputar, meus irmãos e outras crianças amigas, animadas partidas de futebol, depois das aulas no “Ginásio Gonzaga”, dos Irmãos Lassalitas. Futebol e jogo-de-botões, pois a febre enxadrística, epidemia familiar ainda não debelada, só repontaria bem mais tarde, em Campo Grande, Mato Grosso, contaminando fortemente Carlos Octávio, Márcio Elísio e Maria Eugênia – menos nosso pai que, preocupado com os estudos, tentava inutilmente “jogar o xadrez”... na lata do lixo...

Pois bem: daquele sótão, consegui ganhar acesso ao estreitíssimo beiral que fazia volta ao prédio. Por que? Para que? Já não lembro bem. Desconfio, entretanto, que não tenha sido simples aventura ou traquinagem infantil e inocente: queria esconder-me, talvez, de minha mãe ou de meus irmãos mais velhos. Quem sabe, espírito competitivo, a hiperatividade infantil misturada à carência de planejamento – num terceiro filho...

Recordo-me de que logo estaquei, aos primeiros passos. O medo gerando a paralisia. Isolado no espaço e imobilizado nas alturas, a primeira sensação foi de grandiosidade e onipotência. Os cabelos e o cachecol encarnado, que àquela época eu usava quase permanentemente, esvoaçavam ao forte vento minuano. Ventania forte e sufocante, como a que já experimentara no tombadilho do malgrado “Aratimbó”, em viagem do Rio a Pelotas, em 1933. Em cima, a amplidão azul e majestosa do céu, pedaços de nuvens vagando quais flocos de “algodão-doce”, batidos pelo vento. Em baixo, o colorido das árvores e das hortênsias da praça, gente miúda passando pelas ruas. Logo percebi que não poderia mais olhar para cima ou para baixo: começava a leveza de uma como tontura inebriante, ou enjôo crescente, um fraquejar de pernas...

Novamente o medo – de escorregar, de cair, de morrer. Aumentou de repente, como um raio, com um tremor de joelhos e uma tontura maior. Isolado no espaço e nas alturas, eu estava mais perto de Deus. Tentaria rezar, em voz alta, a ventania entrando pela boca, agitando loucamente os cabelos e as pontas do cachecol.

Mas tudo logo terminou: alguém, um transeunte desconhecido – poeta ou santo, procurando estrelas ao meio-dia ou olhos perdidos no céu – me avistou e logo correu a avisar meu pai, que trabalhava no andar térreo do prédio. Depois de alguns passos medrosos pelo perigoso beiral, costas coladas à parede, coração galopando e joelhos tremendo – um braço forte me puxava para dentro de penumbra acolhedora do sótão...

Na infância, durante vários anos seguidos, meu presente de Natal fora sempre um aviãozinho. Costumava dizer que seria um aviador, quando crescesse – mas limitei-me, até hoje, a efetuar umas trinta viagens aéreas, fascinado, sempre, pela beleza

dos espaços abertos e azuis, pela estranha sensação de onipotência ao varar e sobrevoar nuvens. Depois da primeira e bem antes da décima terceira viagem – quase fatal – já se dissipara qualquer resquício de agorafobia ou acrofobia...

Certamente meu anjo-da-guarda a estava lá na praça de Pelotas, olhando para cima. Também estranhamente, trinta anos mais tarde, ele desembarcaria de um “fusca” vermelho, à porta de minha casa, em Santos, para transportar-me para o hospital: eu em estado de choque, por reação anafilática. Doutra feita, passeando ele, logo de manhã cedo, pelos canteiros da avenida Ana Costa, também lá em Santos, amparava-me numa queda de estribo de bonde...

DOR

E

ESTETICA DA MORTE

La gloire est le soleil de la mort.

(HONORÉ DE BALZAC)

C'est le bonheur de vivre

Quit fait la gloire de mourir.

(VICTOR HUGO)

Plus bel esprit que beau génie,

Sans foi, sans honneur, sans vertu

Il mourut comme il a vécu

Couvert de gloire et d'infamie.

(J. – J. ROUSSEAU – Epitáfio de VOLTAIRE)

DOR

E

ESTETICA DA MORTE

Birth and death are of one another

(SAMUEL BUTLER, 1835 – 1902)

-1-

De heróis e santos

HAVERÁ mortes belas? Por insólito que pareça, poderá haver uma estética da morte, como há uma da vida? A tais perguntas, nas asas da metáfora, não seria de estranhar-se que o pensamento inicial e talvez único que nos pudesse ocorrer, numa perspectiva exclusivamente cosmo-antropocêntrica – isto é, pagã – fosse o da morte dos grandes heróis cívicos ou, sobretudo, militares da humanidade, a tal ponto nos encontramos imersos no circunstancial da praxis e do temporal, em nossa cultura antropocêntrica e excessivamente tecnológica.

“Todo menino é rei e eu também já fui rei...” – diz-nos a canção popular. Mais tarde – hélas! – perdida para sempre a realeza e sentindo-nos irremediavelmente frustrados em nossa penosa escalada ao “Panteão”, já submersos e diluídos na realidade concreta da vida – que, segundo ORTEGA Y GASSET, para os cristãos deveria ser apenas um erro de óptica, “a refração, no tempo, de nossa vida eterna” – desesperadamente passamos a projetar nossos anseios e nossas vocações heróicas frustradas naqueles companheiros de humanos ofícios ou de palco que tenham logrado conquistar, por nós, os aplausos da fama ou os benefícios do poder e da riqueza. Da distante platéia, resta-nos ovacionar e cultuar os grandes moralistas e estóicos, os sábios e os filósofos, os artistas e gênios detraquês, os líderes carismáticos e os profetas messiânicos da ordem político-social – quando não os astros de cinema e os atletas do futebol... mais inofensivos e mais acessíveis. No plano social, o homem contemporâneo, tendo abdicado a sua liberdade, dignidade e individualidade, escraviza-se aos abusos do capital pelas algemas do consumo e do

hedonismo, ou coletiviza-se pelo trabalho, reduzido ao homo economicus pelo neo-colonialismo social-burocrata dos infalíveis teóricos da “ciência” marxista. Em sua limitada cosmo-visão, somente poderá estar apto a reconhecer os valores estéticos da realidade imediata e concreta, das projeções da auto-consciência de um homem eternamente angustiado, inserido nas implacáveis “leis da história”, ou no deslumbramento tecnológico e na “tranqüilidade” da ordem imposta pelo Estado socializante e opressor. Desse pathos individual e coletivo podemos vislumbrar alguns reflexos em determinados aspectos da chamada “arte moderna” – l’art de raccommoder les restes, como dela dizia o grande ensaísta espanhol a que nos referimos. O resíduo ou detrito, resumando psicopatologia, do que sobrou do espírito.

De fato, como à massa alienada e socializada dos romanos da antiguidade, nutrida de pão e sangue circenses, também hoje não nos faltam, nos diversificados palcos da tragi-comédia da vida política e social contemporânea, os vitoriosos e heróicos gladiadores, bem como os “augustos” e “césares”: o estadista onipotente e tonítruo, o magnata das multi-nacionais, o arrebatador astro do cinema e televisão, o genial futebolista, toureiro ou pugilista, intrépido astronauta e tantos outros ídolos – convivendo, no Olimpo, com o “Oscar” ou o “Nobel” da literatura, da arte e da ciência, sob a regência manipuladora dos veículos de comunicação e desinformação dos burocratas e tecnocratas, arquitetos de sistemas e donos absolutos do poder, tanto nazi-fascistas e comunistas como democratas “relativos” – ou “absolutos”, isto é, totalitários...

É dessa óptica reducionista do homem e da história – falso humanismo – que se vai projetar, no vazio espiritual contemporâneo, a imagem dos heróis modernos e contemporâneos, que somente poderão tentar a conquista estética da morte através da coragem pessoal e da bravura, enquanto auto-limitados pela somatização. É, por exemplo, a imagem histórica, entre outras tantas, do famoso Marechal NEY (1769-1815), com o eco de suas últimas palavras ao pelotão de fuzilamento, antes de sua morte nos “Cem Dias”, por alta traição:

-Soldats, droit au couer!

Nesta mesma trilha e nas pegadas de ROBERT SABATIER (), o dicionarista da morte, iríamos do provérbio africano – “mesmo que tudo leve consigo, a morte rende homenagem à bravura, virtude que ela não pode tocar” – ao famoso dito de WILLIAM SHAKESPEARE:

Os covardes morrem várias vezes antes
de sua morte verdadeira; os bravos não
saboreiam a morte senão uma vez.

Mortes belas... O tema, antes do que a adentrarmos os meandros da psicologia do herói, nos convida à meditação de nossa própria e inevitável morte individual. Sabemos de onde viemos e por que mecanismos e caminhos – e também quando. Mas as misteriosas veredas da morte, preparadas pela vida antes e depois do instante de nossa concepção – quando a alma, criada por Deus, passa a habitar o ovo que já fomos – jamais poderemos vir, a saber, como nem quando por elas transitaremos. Sem dúvida, através da graça, é-nos facultado construir, aqui e agora, uma vida “bela”, na perspectiva escatológica da verdadeira “Vida”, a vindoura, que se iniciará após o nosso êxito letal. Pela conversão e arrependimento – metanóia – lograremos chegar à construção ou edificação – oikodumé - de nossa vida, no sentido paulino. E quanto à nossa morte individual? Poderá também ela revestir-se de uma aura estética, tanto do ponto de vista concreto, fenomenológico, digamo-lo assim, como do transcendental? Naturalmente afirmativa poderia parecer a resposta se, como acima foi dito, entendermos a passagem pela morte como etapa sine qua non para podermos alcançar definitivamente, na eternidade, a revitalização gloriosa de nossas naturais potencialidades para o bem e o belo, o puro e o verdadeiro – já nesta vida terrena manifestados, através de graça, no amor a Deus e ao próximo, tanto no plano individual com, sobretudo, no social.

Nesta óptica, diversa daquela do tradicional heroísmo cívico ou militar, os três primeiros séculos de nossa civilização contribuíram, no espetáculo dantesco das terríveis perseguições sofridas por uma comunidade religiosa florescente e no martirologio cristão, com a trágica evidência das duas faces eternas do homem – a besta e o santo – no choque entre o cosmocentrismo helenístico-romano do homem antigo, devotado ao culto pagão dos ídolos e imperadores, e o teocentrismo cristão do homem novo.

Exclusivamente por sua inamovível fé monoteísta – um só Deus em três Pessoas, o Pai que nos criou, o Filho que nos remiu e o Espírito Santo que nos santifica – com perfeita adesão e estrita observância à letra e ao espírito do Decálogo, sem apostasias ou falsas abjurações, sem desesperos ou revoltas individuais ou coletivas – pelo contrário, amando seus algozes até o martírio – centenas de milhares de criaturas inocentes, homens, mulheres e crianças, dos mais variados grupos étnicos, nacionalidades e condições sócio-culturais foram implacavelmente perseguidos durante três longos séculos, cruelmente supliciados e encarcerados, desterrados e assassinados, entregues às feras e à cruz, à espada e ao fogo...

Plasmava-se a civilização cristã, na revolução do Amor, com o sangue dos mártires. Havidos e tratados, pelos poderosos, pela plebe idólatra e por grupos religiosos sectários e rivais como “inimigos da humanidade”, proclamavam os editos imperiais: non licet esse christianos. Na lei áurea do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; no desapego ao mundo e ao poder (Daí a César o que é de César), bem como aos bens materiais, fraternalmente repartidos; na busca, em primeiro lugar, do reino dos Céus (Meu reino não é deste mundo), do amor, da justiça e da paz entre os homens – os “alienados” natzarim, em sua grande maioria de humilde condição social, conseguiram, não obstante, abalar pacificamente, com a dialética da verdade e com a bandeira da esperança, convertendo o desespero e a dor em salvação, não obstante, abalar pacificamente, com a dialética da verdade e com a bandeira da esperança, convertendo o desespero e a dor em salvação, os alicerces do orgulhoso e totalitário Império Romano. Entrava em crise toda a concepção de vida então vigente, calcada em sistemas filosóficos, mitos e religiões primitivas que, até o século I a. C. – como já notara CÍCERO (106-43 a.C.) – somente tinham logrado conduzir a humanidade ao desespero, ao totalitarismo e à escravidão.

A apenas trezentos anos da morte de JESUS CRISTO, o Deus ut revelans ainda era de “ontem” e os testemunhos pessoais de sua vida e pregação de aurora de “hoje”, o que explica, em parte, o “extremismo” dos primeiros cristãos no valorizarem uma única dimensão da vida – a do eterno. O mártir nazareno dos três primeiros séculos – nessa aproximação histórica e nessa perspectiva de monoteísmo e da lei de em Deus encarnado a atuante na história para sua salvação, contemporâneo, talvez, de

seu pai ou avô, bisavô ou tataravô – prescindia, em sua fé, do AGOSTINHO dos séculos IV e V (credo ut intelligam) e do ANSELMO do século XI (fides quaerens intellectum). Não lhe era necessário crer para conhecer, nem sua fé necessitava da razão: bastava-lhe o testemunho da revelação, através de seus ancestrais mais próximos, e o credo quia absurdum... CRISTO ressuscitara.

Os próprios chefes visíveis e temporais da Cathedra Petri haveriam de pagar tremendo tributo à sua fé e zelo apostólico, no martírio. De LINO (67-79), sucessor de SÃO PEDRO – o pescador SIMÃO BAR JONAS, Kefa' – e decapitado por ordem do Cônsul SATURNINO, até DIONISIO (259-268), morreram mártires, sucessivamente, vinte e quatro Papas, quase todos romanos e gregos, exceto um etrusco, dois judeus – de Belém e Cesaréia – e outros de Aquiléia, Síria e Dalmácia. Talvez só tenham feito exceção, no rol dos primeiros e ininterruptos martírios, FELIX I (269-274), e EUTIQUIANO (275-283), este último tendo pessoalmente sepultado, nas catacumbas, trezentos e quarenta e dois mártires. Logo lhes seguiram, porém, outros quatro Papas réus da fé monoteísta, do Decálogo e dos Evangelhos de JESUS CRISTO – a “boa nova”: CAIO, MARCELINO, MARCELO E EUSEBIO. Finalmente, ao tempo da conversão de CONSTANTINO o Grande, filho de SANTA HELENA, ainda pôde o Papa MELQUIADES (310-314) assistir ao triunfo do cristianismo, após três séculos de holocausto, com a decretação da liberdade de culto para a Igreja (Edito de Milão – 313 d.C.)

Embora se tenham relacionado, oficialmente, dez grandes perseguições, na realidade nunca houve paz real e duradoura para os cristãos – nobres ou escravos, ricos ou pobres, de qualquer nacionalidade ou grupo étnico. Sobretudo sob DIOCLECIANO, que exigia o considerassem Júpiter, pelos céus e terras do gigantesco Império Romano ecoavam as preces e os salmos de cristãos agonizantes – que só poderiam terminá-los no abismo da luz perpétua da eternidade. Naturalmente, já àquela época não faltavam déspotas chefes carismáticos, conformismo institucionalizado e massas fanatizadas, elementos precursores do totalitarismo contemporâneo – então, como hoje, a ocuparem de maneira trágica o vazio do monoteísmo, do amor e da justiça.

NERO (54-68) teria sido o primeiro a oficializar, no Império Romano, a intolerância religiosa. Segundo o notável cartaginês TERTULIANO, que escreveu durante os últimos anos do século II, teria promulgado edito considerando crime o cristianismo, mais tarde ab-rogado pelos Antoninos. Depois deste cruel e depravado imperador que, justiça se lha faça, não foi o pirômano de Roma – mas sim de cristãos, apenas – praticamente não mais cessou a perseguição aos nazarenos que, com sua fé indestrutível, desprezavam os formalismos e os ritos legalistas em troca do amor a Deus e ao próximo, pregando, além da igualdade, fraternidade e liberdade, uma conduta moral elevada, contrastante com a dissolução dos costumes da época. Eram, de início, vistos apenas como integrantes de mais uma das inúmeras seitas judaicas da época, v. q.: os fariseus ou “separados”; os saduceus, adeptos da Lei escrita; os essênios, “piedosos” e “santos”, vivendo em comunidades isoladas, e os zelotes ou “ardentes”, cognominados de “sicários” pelos romanos, sempre contestatórios e beligerantes.

As grandes perseguições gerais ou “oficiais” incrementaram-se no século III, amainando-se em 260, durante cerca de quarenta anos, para recrudescerem sob DIOCLECIANO (284-305). Sob SEPTIMIO SEVERO (193-211) – durante a quinta e furiosa repressão – ocorreu a memorável paixão de santas PERPETUA e FELICIDADE, executadas em Catargo, em 203. A criminosa intolerância religiosa – contumaz e magno peccatum da espécie humana, ressurgindo, nos dias que correm, em estados teocráticos do Oriente – prosseguiu, mais tarde, sob CARACULA (211-217), já amenizada. De relativa paz puderam os cristãos gozar, também, aos tempos de HELIOGABULO (218-222), depravadíssimo César romano, e de SEVERO ALEXANDRE (222-235), imperador benigno, cuja mãe se correspondia com o colosso da época, ORIGENES (185-254), escritor eclesiástico de Alexandria, martirizado na perseguição desencadeada por DECIO. Apesar da magnanimidade de SEVERO, o Papa CALISTO I (217-222), após o incêndio do Capitólio e do templo de Júpiter, acompanhou no martírio a comunidade cristã, devastada pela plebe: foi atirado a um poço, logo enchido de pedras.

Depois de MAXIMINO (235-238), DECIO (248-251) determinou o sacrifício de todos os convertidos, vagando a Sé de Roma durante vinte e dois meses. Em 257, VALERIANO, proibia aos cristãos o direito de reunião, destruindo seus oratórios e

vedando-lhes sepulturas, durante a nona perseguição. Na África, entre inúmeros outros, era decapitado SÃO CIPRIANO, Bispo de Cartago, pagão convertido e um dos maiores sábios de seu tempo, em 258. Recusando tanto o conselho de ocultar-se quanto a imposição de homenagear os deuses, foi condenado à morte pela espada. Despedindo-se do carrasco, ofertou-lhe vinte e cinco moedas de ouro. Em Roma, compartilharam de sua sorte o jovem diácono SÃO TARCISIO, apedrejado na Via Appia ao levar comunhão aos presos, e o próprio Papa, SÃO SISTO II, sacrificado à espada enquanto oficiava, além de SÃO LOURENÇO, assado vivo sobre a grelha. Inclementemente açoitados, retornavam os natzarim às galerias de seus koimeteria, aos labirintos de suas catacumbas do século II (San Lorenzo fuori le Mura, San Valentino, Pretestato) e às da época, século III: San Calisto, na Via Appia, e San Sebastiano fuori le Mura, os mais importantes “dormitórios” e locais de culto da Roma de então, descobertos, respectivamente, em 1850 e 1892.

Foi, porém, ao tempo de DIOCLECIANO (284-305), com a “nova ordem” instaurada pelo estado totalitário e continuada por seu genro GALERIO, que se desencadeou a décima e a mais violenta repressão, verdadeira guerra de extermínio visando à “solução final” do problema do cristianismo, Império. Foi o mais longo período de terror, marcado por editos (302-304) que escrupulosamente e implacavelmente obedecidos, converteriam o orgulhos e monolítico Estado romano em trágica arena de sangue e suor, lágrimas e desespero, destruição e morte, para os cristãos: proibição de reuniões e assembléias; livros sagrados queimados, igrejas destruídas; perda de direitos, para os nobres; escravidão perpétua; mortes violentas e atrozes, calabouços e deportação com trabalhos forçados para os líderes religiosos, bispos, sacerdotes e diáconos.

Intensificava-se, entretanto, o culto clandestino e o proselitismo crescente, em todas as camadas sociais – nas catacumbas, nos campos, nos montes. As catacumbas, galerias extensas, situadas a nove ou doze metros abaixo do nível do solo, com três ou quatro metros de altura por um de largura, dispunham, também, de locais amplos para reuniões e celebração da Santa Missa. Era a Roma sotterranea, que já datava do século II, à época em que TERTULIANO, apologista latino-cristão de Cartago, se dirigia aos nobres com sua Apologetica e ao povo com a Ad nationes. Bem mais tarde, nos séculos VIII e IX, quando os restos mortuários dos mártires foram

removidos da periferia de Roma para suas igrejas – pois o estado de beligerância e as epidemias já não permitiam atividades de culto extra-muros – foram contados cerca de dois milhões de túmulos separados.

No auge da violenta repressão – que gerando embora alguns lapsi cada vez mais expandia a fé em Cristo – toleravam-se os diversos cultos asiáticos e o judaísmo (religio licita), que continuou a não sofrer repressão oficial depois do edito chamado, impropriamente, de Milão (313). Considerava o Estado romano que os hebreus seguiam “a religião de seus pais”, formando “uma nação”, ao passo que os cristãos professavam uma doutrina de caráter universal, aberta a todos os homens de boa-vontade, de qualquer grupo étnico, nacionalidade ou condição sócio-cultural.

Nem sempre, porém, fora assim. A partir da catástrofe do ano 70, com a queda de Jerusalém, após vários meses de sítio pelo exército de TITO, arrasada a cidade e destruído o Templo, os hebreus e sua religião passaram a constituir-se no alvo predileto do delírio persecutório dos romanos. Já no século VIII a.C. tivera início a diáspora, com a deportação em massa para a Mesopotâmia. Agora, sobre ruínas da cidade sagrada, erguia-se a Elia Capitolina, cidade nova pagã, defesa aos hebreus exceto por um dia no ano. No local do antigo Templo, erguia-se o de Júpiter Capitolino e inaugurava-se o Calvário a estátua de Vênus Astarté. Para CORNELIO TACITO (54-120 d.C.), saudosista da antiga liberdade republicana e estigmatizador da tirania e corrupção de seus contemporâneos, eram os hebreus teterrima gens – como o judaísmo já tinha sido, para o orador e estadista MARCO TULIO CICERO (106-43 a.C.), simples barbara superstitio... Muito antes do advento do cristianismo, pois, nascia em Roma o anti-semitismo sócio-cultural e estatal, vírus ainda não debelado em alguns governantes contemporâneos. Mais tarde, tendo-se aliado, durante a guerra civil, a CESAR e AUGUSTO, passaram os hebreus a ser tolerados, enquanto os “obstinados” cristãos deveriam optar entre o sacrifício aos ídolos ou a morte, sob os “augustos” e “césares”.

Por fim, MAXIMIANO DAZA, certamente mais pressionado pelos próprios pagãos e outros adversários do cristianismo do que por sua consciência primitiva, resolve, “por especial doçura” – palavras do edito – amenizar as penalidades, que haverão de

restringir-se “somente à perda do olho direito e mutilação do pé esquerdo, com trabalhos forçados”...

Uma época de loucos, felizmente já superada? Não o cremos: ainda convivemos, diariamente, tanto quanto com nosso facies matinal ao espelho, com milhares de pessoas que renovam votos perpétuos de obediência, castidade e pobreza, dedicadas à caridade e à oração, em ordens seculares e contemplativas; com impiedosos assassinos de missionários e líderes de direitos humanos, tanto nas selvas e desertos como nas cidades do mundo; com milhões de analfabetos, pagãos e famintos; com bombas de átomos, hidrogênio e nêutrons, mísseis e ogivas; com racismo e anti-racismos, fatores estatais e colônias de escravos, tanto em campos-de-concentração como nas favelas e ruas das metrópoles, onde “a sopa não tem gosto nem sal” e “a cama é uma folha de jornal”; com a criminosa mortalidade infantil por fome de pão e também com a juvenil, por fome de amor e compreensão, nas metrópoles do asfalto e do concreto; com as câmaras-de-gás, forcas, cadeiras elétricas, pelotões de execução – e até mesmo com rinhas de galos e touradas...

A única alternativa para os cristãos daqueles tempos, tratados como loucos pela diabólica trilogia terapêutica preconizada por CELIO e ainda hoje reservada a dissidentes e contestadores da tirania: fome, cadeia e açoites – fame, vinculus, plagis – era a apostasia e o sacrifício aos ídolos. Um insulto à dignidade humana e a razão, mas sobretudo uma infinita traição de amor. Assim, continuaram as “mortes belas” de milhares de inocentes, homens, mulheres e crianças, expandindo-se cada vez mais o cristianismo.

“A virtude atrai a virtude, como o vício atrai o vício”, observa hoje TRISTÃO DE ATHAYDE. Mas já em sua Apologetica (197- d.C.), profetizava TERTULIANO, pioneiro da versão latina ao tempo em que era grega a linguagem litúrgica, em toda a cristandade:

Semen est sanguis Christianorum

- e o sangue generoso dos mártires continuou sendo, de fato, a semente de novos cristãos, ao longo dos séculos, misteriosa dialética do Amor.

Na arena do médico

OS SANTOS de hoje são anônimos e os heróis escasseiam. Mas, como diz TRISTÃO DE ATHAYDE, “A santidade anônima supera as canonizações. O silêncio pode falar mais do que a palavra, a imobilidade mais que o movimento. Basta a presença.” ()

Por outro lado, nem sempre poderá a morte representar, embora inesperada, dolorosa e tragicamente violenta, o majestoso poente de uma existência plena de sabedoria e coerência, dignidade e heroísmo, renuncia a amor – como também nem sempre encontrará a vida humana seu natural outcome numa senectude tranqüila, povoada de dias felizes. Através da história, testemunham-no sobretudo as catástrofes cósmicas e os acidentes, as pandemias e endemias, as guerras e os genocídios, a tirania e as injustiças sócio-econômicas, a fome e a desnutrição, a criminalidade e o terrorismo – como também a intolerância ideológica e religiosa, gerando assassinatos em nome da sociedade, do Estado – absurdamente teocrático ou não – e da humanidade, através das criminosas penas capitais.

Se ao longo dos séculos, em todas essas eventualidades trágicas, esteve sempre presente o desesperado apelo à outra face do homem, ao perdão, à cura e à mitigação da dor e ao consolo, entender-se-á prontamente que àquelas nossas indagações iniciais ninguém melhor do que os médicos, espectadores habituais dos mistérios thanatos e seus tradicionais inimigos – por mandamento divino e imposição ético-profissional – poderia atrever-se a tentar dar resposta.

Verdade é que sempre poderemos encontrar a discordância de alguns quanto à excelência da nobre profissão – no espírito, por exemplo, do cáustico dito:

Les médecins font les cimetières bossus...

Naturalmente, sempre teve a medicina toda gama de acerbos e magoados detratores – mas não menos ilustres e elegantes, frequentemente...

Fascinados pelo mito da “imortalidade” ou pelo menos super-longevidade terrenas, cegam-se à evidência de que, infelizmente, a mais não poderemos aspirar, os profissionais médicos honestos, do que a excelermos como canhestros artífices – com ferramentas enferrujadas da insondável onipotência divina... Arriscando-nos a insistir no óbvio, diríamos que a rigor se morre vivendo e se vive morrendo a todo instante, a partir do momento exato da concepção, desde Adão e Eva – aos pobres discípulos de HIPOCRATES “apenas-mente” competindo a profilaxia de todas as doenças humanas e a conservação, com sua parafernália, da higidez sômato-funcional, psíquica e social dos humanos, ou restituí-la, quando alterada ou perdida.

Esta ciclópica tarefa e quase divina missão não os tem impedido, entretanto, do salutar convívio com irreverente e inocente humor dos pacientes e seus familiares – nem de, vez por outra, poderem apreciar o satírico epitáfio com que homenageiam algum honesto e competente colega:

Ci-gît par qui gisent les autres...

- no melhor estilo de um MOLIÈRE...ou mesmo de um GOETHE, na voz de seu mordaz médico popular, o DOUTOR FAUST, sempre obcecado pela idéia do rejuvenescimento:

Hier war die Arzenei, die Patientem starben,

Und niemand fragte: Wer genas?

So haben wir, mit hollischen Laweergen,

In diesen Thalern, diesen Berger,

Weit schlimmer als die Pest getobt.

Deixemos, porém, ainda com nossa linha de mira em eventuais aspectos estéticos da morte, a verve de nossos bons amigos, escritores e poetas – infinitivamente menos nociva do que a falácia de alguns agenciadores de “seguros-saúde” e outros profissionais menos escrupulosos, especializados em revolver e às vezes em montar “erros médicos”, para locupletarem-se à custa do sofrimento do próximo e da mal-avisada responsabilidade profissional médica...

Se deve a morte ser naturalmente incorporada à vida e normalmente assumida no plano do terreno e do eterno, torna-se evidente a dissolução do significado de “morte estética” quando referido o fenômeno, no amplo contexto da patologia médica, exclusivamente à perspectiva metafórica de uma grandiosa batalha épica, na qual pudesse o “herói” agonizante, já vencido em seu inútil struggle for life, oferecer-nos o “belo” espetáculo de uma derrota final recebida com resignação, humildade e equanimidade.

De fato, esvaziam-se de eventuais conteúdos grandiosos ou épicos os quadros evolutivos terminais de grande número de enfermidades com exuberante e evidentemente “anti-estética” exteriorização sintomatológica – se referidos apenas ao paciente concreto e agonizante, freqüentemente tomado de agitação psicomotora intensa ou em estado de coma profundo e agitado (vigil ou agrípínico). Por outro lado, mui dificilmente poderíamos conceituar homéricas pelejas, cursando com estrondosas vitórias ou derrotas dramáticas, na seqüência naturalmente inevitável de evoluir vida-morte do paciente senil e terminal que suavemente transita pela morte. Contra esta, na realidade não luta a vida: natura non facit saltus.

Como tudo que é finito, simplesmente se extingue o sômato-psi-quismo do homem num misterioso plano existencial sabido, querido e programado por Deus, autor da vida e vencedor da morte – que garante, entretanto, a sobrevivência da alma imortal. Não haveria de ser, pois, naquelas perspectivas apontadas que poderíamos vir a entender a possibilidade de uma estética da morte, de um belo e simultaneamente patológico êxito letal. Já do ponto de visto do profissional médico existe, não há negar, toda uma luta silente e uma longa e ostensiva batalha contra os agentes morbígenos, com toda a parafernália médico-cirúrgica, por vezes extremamente e necessariamente agressiva e mutiladora. Se, na realidade, nas etapas finais da doença não luta o paciente crônico por sua vida, mas simplesmente vem a morrer em seu decurso, já o médico, ao pé do leito de seu irmão sofredor, curando, aliviando ou consolando, desencadeia verdadeiras batalhas, nas mais diversas e variadas circunstâncias, contra uma infinidade de micro-organismos, nóxios e fatores ecológicos nocivos – e até mesmo freqüentemente, contra o próprio paciente e seus familiares, no indeclinável direito de tratar, fruto de seu sagrado compromisso com a vida.

(§) – “Aqui estavam os remédios, os doentes morriam.
E ninguém perguntava: quem foi que curou?
Assim, vibrando infernais electuários,
Nestes vales e nestas montanhas,
Muito mais que a peste, espalhamos a morte.” ()

Vem de tempos imemoriais esta cruzada contra a dor e a morte, tendo por bandeira a valorização e sacralização da vida – dom divino – e por arma exponencial, muito acima dos conhecimentos técnicos e dos recursos terapêuticos, o supremo mandamento da caridade. Seria quando, paradoxalmente, poderiam surgir conotações estéticas no confronto milenar entre a medicina e o sofrimento do homem. Nas palavras de R. V. HERING:

Julgar a luta, em si, esteticamente contrária
ao belo, é esquecer toda a literatura, desde
a “Ilíada” de Homero e as obras primas da es-
tatuária grega até nossos dias – porque não
há, talvez, matéria que tenha exercido sobre
os artistas tão grande força de atração como
a luta, em todas suas diversas formas. ()

E ao pensarmos a vida como a praxis do sofrimento, lembramo-nos das palavras de FARIAS BRITO (1862-1917), o grande abolicionista e republicano que o Ceará deu ao Brasil, citado pelo ilustre Prof. LEMOS TORRES ():

O mais alto grau da dor, o sentimento do sublime
como mais alto grau da emoção estética, são ex-
tremos que se tocam.

Apreciam-se, sem dúvida, as tragédias – as do teatro e da literatura, por exemplo – mas nunca, sem que concorram desvios psicopatológicos, as de nossa própria vida concreta. A satisfação estética prender-se-ia à expressão ou figuração artística,

nunca especificamente ao conteúdo trágico em si, naturalmente. Em outras palavras, poderemos sensibilizar-nos e extasiar-nos como espectadores distantes, nunca na qualidade de protagonistas autênticos – mesmo se gregos... – sob pena de imergirmos no sado-masochismo, no patológico...

Poderíamos encarar sob este ângulo o suicídio e todo o abandono voluntário da vida, ativo ou passivo, seja através de recursos violentos, seja pela supressão deliberada de meios mantenedores da vida – pois nivelam-se, no propósito, a cicuta e a “greve de fome” que termina na morte.

De gregos e tragédias falando, poderíamos citar, à guisa de exemplo clássico, o julgamento e a morte de SOCRATES (469-399 a. C.), pai do humanismo (homem-pessoa e homem-individualidade) e grande mestre do conhecimento (conceito de juízo indutivo e do universal), do significado moral da virtude (areté), bem como da ironia e da maiêutica – o filho de um escultor e de uma parteira gerando, plasmando e partejando suas idéias entre os sofistas, superiormente preocupado com a sabedoria, o bem e a salvação da alma. Como CRISTO, nada nos legou por escrito. Teve seus “evangelistas” exponenciais em PLATÃO (Fédon) e XENOFONTE, que imortalizaram sua morte trágica, aos setenta anos, sob as acusações de não reverenciar os deuses “oficiais” e tentar corromper a juventude de uma Atenas restaurada na democracia – ou liberalismo? – após os desmandos ditatoriais de CRISTIAS e os Trinta Tiranos. Condenado em nome da democracia, por pequena margem de votos num júri de quinhentos e um jurados-juizes, poderíamos dizer que seu gesto final representou o “suicídio didático” de um santo pagão, nem por isso perdendo as características básicas de uma “bela morte” altamente patológica... Faltou-lhe a centelha santificante de uma motivação redentora universal e transcendental, a sobrenaturalização da intenção. Estava a humanidade a quatrocentos anos antes de CRISTO e a vinte e cinco séculos antes que a evolução dos homens na história nos demonstrasse a farsa das repúblicas “democráticas” populares... Neste sentido, também o genial PLATÃO teria sido “anti-democrático”, sem dúvida, nos dias que correm.

Forçoso é, porém, que deixemos o campo da patologia, tanto político-social quanto individual, com as encruzilhadas “democráticas” e psicopatológicas que conduzem a

thanatos, para tentarmos buscar, no “natural” ou “fisiológico”, um eventual aspecto estético do envelhecimento e da própria morte do homem. Se começamos a morrer no instante mesmo de nossa concepção, não poderia parecer excessivamente estranho falarmos de uma “fisiopatologia vital”, no encontro do fisiológico com o patológico no evoluir vital para a morte. Já não existiria o pathos – strictu sensu – mas simplesmente alguém que se encontra doente no curso de sua vida, num sentido fisiopatológico pluridimensional e escatológico. Nesta perspectiva, já não deveríamos atribuir à morte qualquer sentido ou significado trágico, na medida em que é imanente à vida, jamais podendo ser trágica, em qualquer de seus aspectos evolutivos, a manifestação vital, dom divino. Em outras palavras, não mais haveria a situação conflitual ou antinômica entre a fisiologia e a patologia – mas sim, apenas, uma fisiopatologia vital, previsível e ordenada, sem vitórias ou derrotas, sem hiatos armisticiais ou rendições absolutas...

Se metaforicamente poderá ela cursar de maneira tumultuosa, na expressão sintomatológica do quadro clínico, também haverá a paz extasiante que se segue às procelas violentas. O ilustre mestre TORRES HOMEM (), após afirmar que a “a Lei Eterna, depois de dar-nos uma única entrada para a vida, nos deu muitas saídas”, cita DESHAIES, referindo-se a “uma bela agonia, no curso da qual as manifestações mesmas parecem em luta contra o destino do organismo, que na morte aniquilará a moléstia”, aduzindo ainda:

A retirada serena e regular da vida, após intensa luta, tem alguma coisa de belo na sua programação e execução. A vida se extingue pouco a pouco, ordenadamente, apesar de já ter reconhecido sua derrota, lutando com as últimas reservas, dignamente, sem perder a compostura, em homenagem àquilo que o homem foi em vida.

A este quadro final estamos os médicos bem afeitos, no dia a dia de nosso peregrinar pelas enfermarias dos hospitais. Frequentemente, nas afecções malignas de curso prolongado e nos pacientes terminais, instala-se a inconsciência, o estado de choque ou o coma profundo, carótico, fenômenos vitais de auto-regulação que

representam misericordioso lenitivo para a dor física e moral prolongadas e insuportáveis – mesmo nos casos inúmeros em que, aos olhos dos familiares ou expectadores leigos, penalizados, transpareçam, as manifestações “anti-estáticas” dos comas vigís, das convulsões finais, dos ruidosos estertores que traduzem o air hunger dos desvios metabólicos e iônicos de certos êxitos letais. Já não sofrerá o paciente, independentemente da intervenção terapêutica. Nem mais nos pertencerá ele, instalada a misericórdia divina através dos canais da própria natureza.

Auto-regulação da dor

EVIDENTEMENTE, não está a medicina, como não estão as ciências biológicas, isentas do ignotum, fruto de nossa natural contingência, da razão e da memória histórica, seu horizonte vital do qual expulsaram a revelação, a graça e a metafísica, se restringe à realidade concreta imediata. Homens de uma só cartilha e de um só instrumento de trabalho, patologicamente auto-suficientes, contentam-se com o simplesmente descritivo “como”, relegando o “por que” e o “para que” ao mundo mítico e nebuloso dos “alienados espiritualistas...”

Seria um deles ALBERT SCHWEITZER, teólogo protestante, médico, filósofo e músico, que deixou o mundo para isolar-se em Lambarené, África, obedecendo ao mandamento maior, da caridade? Outro homem existiu, morto aos cinquenta e nove anos de idade, de quem EMMANUEL KANT disse ter sido “o mais profundo pensador que já nasceu”.

Para ALBERT EINSTEIN, “um homem incomparável”. Sua sepultura desapareceu para sempre, fora dos muros de Ragensburgo, três anos após sua morte. A inclemente varíola o tinha deixado cego de uma vista e aleijado de uma das mãos. Luterano convicto, fora expulso de Graz em 1600, ano em que GIORDANO BRUNO era queimado em Roma. Esteve com TYCHI BRAHE, o famoso astrônomo, matemático dinamarquês de RODOLFO II, mudando-se, depois, para Linz, em 1612, após a morte da esposa, do segundo filho e do Imperador, passando, ainda pelo sofrimento de ver a mãe encarcerada em Wurtemberg, acusada de feitiçaria. Com a eclosão da Guerra dos Trinta Anos e Linz sitiada em 1626, meteu-se numa carroça, com seis filhos, buscando asilo em Ulm, no Danúbio. Este gênio, marcado pelo sofrimento, assim rezava ao Criador:

Amado Senhor, que nos tendes guiado para a luz de
Vossa glória pela luz da natureza, graças a Vós se-
jam dadas. Vede que terminei a obra de que me in-

cumbistes e rejubilo-me em Vossa criação, cujas maravilhas me permitistes revelar aos homens.

Chamava-se este humilde astrônomo alemão JOHANNES KEPLER (1571-1630), inventor do telescópio astronômico e fundador da mecânica celeste.

MORTE NA ESTRADA

FOI na Estrada Velha do Mar, sentido São Paulo-Santos, na noite de 31 de dezembro de 1942. Com meus quinze anos de idade, jamais vira a morte de alguém. Era chegada a hora, alguém morreria a meu lado, ombro a ombro – de maneira cruel, trágica, tórax esmagado, sangue escorrendo pela boca... Hora, também, de experimentar a sensação de morte iminente, vindo a meu encontro, inexorável e velozmente, no brilho cada vez maior de dois faróis que se aproximavam, cortando a neblina, cada vez mais próximos, cada vez maiores, enormes – até o brutal impacto... Da longínqua Campo Grande, Mato Grosso, viéramos, meus pais e minha irmã, para Santos. Tinham ficado, lá na “Cidade Morena”, meus dois irmãos mais velhos, a terminarem o ginásio e o serviço militar. Naquela última noite do ano, minha mãe, minha irmã e eu tínhamos ido buscá-los, à estação da “Estrada de Ferro Noroeste Brasil”, em São Paulo. Retornávamos os cinco, para Santos, no mesmo automóvel que, à tardinha, nos conduziu a São Paulo. Da família, pois, só meu pai ficara em Santos, gerenciando, como sempre, o Banco do Brasil.

Matávamos as saudades, em animado “papo”: se tinham eles acertado os relógios, ao atravessarem o Rio Paraná; se o cavalo “Nilo” era, de fato, maior do que a nossa copa, em Pelotas; se precedendo-os em Santos, já sabia eu nadar (menti, dizendo que sim...) – e tantas outras coisas, desde o jogo de xadrez até exercícios de tiro ao alvo...

Noite de muito trânsito, sob o império da traiçoeira neblina da Serra do Mar.

Lembro-me de que, sentado à frente, entre o motorista e meu irmão, olhei, às tantas, aflito, para o velho condutor, experiente profissional de praça, escolhido, a dedo, por meu pai: porque era evidente que também ele – e sobretudo ele – deveria estar vendo aqueles faróis enormes que cada vez mais se aproximavam de nós, rapidamente, em linha reta. Nada disse, somente olhei – e vi, em seu rosto vincado, testa molhada, olhos apertados, boca entre-aberta, a máscara da angústia e do pavor.

Rápida e violentamente, esterçava ele a direção do carro – mas algo sucedia de trágico, pois nosso veículo não se desviava, caminhando inexoravelmente, em direção aos sinistros faróis, cada vez maiores, à nossa frente.

O embate foi violentíssimo. O motorista – “Pé de Anjo”, era o seu apelido – morreu na hora. Ainda me pareceu ouvir, dele, um balbucio qualquer, sangue brotando em sua boca, a cabeça caída sobre o volante, que lhe esmagava o tórax.

No banco de trás, pânico, sangue, óculos quebrados, gritos... A fumaça se misturava à neblina. Perigo de fogo ou explosão...

Com uma arteríola sangrando na testa, rezei jaculatórias... Amadurecia, sobrevivendo, nas estradas da vida...

O MINGAU DO SOLDADO

CORRIA o ano de 1945. Com meus verdolengos e sonhadores dezoito anos, cursava a última série do curso científico do Ginásio Santista, dos Irmãos Maristas, integrando a primeira turma obtivera permissão para não usar uniforme colegial e fumar – longe dos menores... E também a primeira turma a não ter solenidade de fim de curso e quadro de formatura: eleito orador da turma, eu me recusara, à última hora, a submeter o texto do discurso à censura do Irmão Reitor, o bom espanhol Gaudêncio...

Havia guerra no velho e incorrigível mundo. Seis anos já de morticínio e holocaustos pela liberdade. Nossa pequena turma, de jovens, que se preparavam para o ingresso nas universidades ou escolas militares, era coesa, responsável e idealista. Ao fim da guerra, em maio, suspendemos unilateralmente as aulas – somente nós, os alunos – com a necessária mediação posterior do então general comandante da Praça, cujo o filho era nosso colega. E, naquele dia de júbilo que convertemos em feriado escolar, não houve a reza do terço, para alívio, certamente e pelo menos, de três colegas: o espírita, o protestante e o israelita, todos meus bons amigos, até a data de hoje.

Já ao início do ano letivo, era outro nosso uniforme – o do glorioso Exército Brasileiro: estávamos alistados no “Tiro de Guerra 598 – Doca de Santos”, com quartel à rua Silva Jardim 229, chefiado pelo Tenente Jorge e pelo Sargento Silva. O Brasil em guerra, desde agosto de 1942, a instrução era “pesada”: havia sempre a possibilidade de virmos a lutar na Itália.

Ainda na madrugada escura, diariamente deixava eu a pensão onde morávamos, no número 426 da Avenida Ana Costa, rumo ao quartel.

Estava atrasado, aquele dia: já fardado, engoli apressadamente o mingau de aveia que minha mãe – como todas, sempre insones, amandengas e sofredoras – já deixava pronto, fumegando sobre a mesa, todas as manhãs. Sonolento ainda, do meio da avenida, fiz sinal ao motorista do “bonde 10”, que deslizava rápido pelos trilhos, àquela hora. Mas o prestativo e pesado veículo, obedecendo às lentas braçadas do lusitano motorneiro, só veio a imobilizar-se definitivamente muito tempo

depois que eu também me imobilizara – já caído, no canteiro da avenida, mingau na boca, na farda, na grama, por todo lado... Tentara pegar o bonde andando, assim que ele diminuía o marcha. E logo minhas mãos, deslizando balaústre abaixo, estavam onde pouco antes colocara meus pés escorregadios: uma cambalhota magistral seguiu-se, o quepe rolando longe, por entre as rodas do bonde, das quais milagrosamente escaparam minhas pernas.

Meu anjo-da-guarda amortecera a queda, certamente – pois foi só um tremendo susto e uma infinita vergonha – além da quebradeira de corpo, depois da leve inconsciência, de segundos, talvez.

Quando me levantei, meninas e colegas a caminho das aulas sorriam, riam e gargalhavam, nos bancos do bonde, lá adiante. O cabo-volteador foi a pé para o quartel, naquele dia. Penalidade pelo atraso: faxina de sanitários – mas dando graças a Deus, inclusive por ter o estômago vazio, naquelas circunstâncias...

SUICÍDIO?

RIO, de Janeiro, 1950 – cursava eu o quinto ano da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, na Praia Vermelha.

A rua Tavares Bastos é perto do Largo do Machado, nascendo na rua Bento Lisboa, no bairro do Catete, onde inaugura uma subida de morro. Da pensão, do velho casal Mac Allister, escutávamos noite adentro, às vezes, a batucada das “escolas de samba”. Mais lá no alto, morava o bom compadre Teixeira, garção do boteco onde, do dia vinte ao trinta, aproximadamente, de cada mês, íamos a comer o “prato sortido de botequim”, enquanto não chegava a “mesada”, de casa...

Em vésperas de exames, estudávamos até tarde da noite – até morder-nos aquela fome noturna, típica do estudante de “república”, sub-alimentado...

A única solução, freqüentemente, era sair um de nós à rua, a qualquer hora, em busca de uma latinha de “leite condensado” ou de alguma “médias”... o que se encontrasse lá pelo Largo do Machado, no “Café Paulista”, e que se pudesse adquirir – enquanto, sobre a mesinha do quarto da pensão, ficavam, à espera, o crânio, a tibia ou o fêmur que estávamos estudando... tomados de empréstimo às cubas de formol da Faculdade – que o bom porteiro Magalhães, de elefantina memória, ou encarregado da Anatomia, o “pai de santo” Zé Pedro, disto não soubessem... oficialmente.

Era minha vez, aquela noite. De camisa de meia e chinelos, desci praticamente correndo o pequeno trecho da rua Tavares Bastos. Ao dobrar, no mesmo ritmo, a esquina da rua Bento Lisboa, um tremendo encontrão, “uma senhora trombada”... num homem! Uma montanha de carne negra, com dois possantes braços que, logo após me envolverem, quase me estrangulam – um cidadão agigantado, malandro de morro, certamente.

Reluziu logo a ponta de uma lâmina, roçando meu pescoço – após os primeiros segundos de susto e pasmo, de ambas as partes. E veio logo o berro, em “bafo de onça”, de cima para baixo:

“Que que há, meu camarada?! Quer se suicidar?!...”

Como era evidente para todo o mundo que não, conseguir voltar ileso à pensão, com a lata de “leite condensado” – da qual somente meus companheiros de estudo se serviram, naquela madrugada: eu não tinha mais fome... Tinha, isto sim, era a certeza de haver adiado a morte... novamente. Envelhecia, nas madrugadas da vida... Até quando?

ENTRE AS NUVENS...

SANTOS, 1950. Fim de férias universitárias, retorno ao Rio de Janeiro, via aérea.

Se me recordo bem, saímos da “Base Aérea” de Santos por volta das onze horas da manhã – para quase nos arreentarmos no solo do “Aeroporto Santos Dumont”, no Rio, algumas horas após... com o risco de, na derrapagem final, submergimos nas tranqüilas águas da Guanabara...

Éramos cinco estudantes de medicina, uma estudante de farmácia, uma senhora de meia idade e um rapaz, comerciário. O avião, da “Aero Geral” – com piloto e um comissário, gordo, baixinho e careca – era um “misto cargueiro”, que fazia a rota do litoral. Um “Catalina”, sobra da guerra, talvez. Mas o velho aparelho acabou provocando-nos ser, de fato, “anfíbio”... pois saiu do mar, em Santos, para descer em terra, no Rio...

Matávamos o tempo, a bordo, jogando cartas. Se alguém trapaceava, isto foi pelo menos até certo ponto da viagem, até sabermos que o vôo poderia continuar-se por toda a eternidade... Às tantas, ultrapassado, de muito, o “tempo regulamentar” do vôo Santos-Rio, indaguei do comissário – que já portava uma cara muito esquisita – onde estávamos o que estava acontecendo, se havia algum problema. Foi preciso insistir, e a resposta veio num sussurro, não me convencendo, de maneira alguma: “Problemas de vento... estamos sobrevoando o Espírito Santo... não diga nada a ninguém...”

Voltei preocupado ao meu lugar... para logo divisar, numa abertura de nuvens, o Cristo do Corcovado... Era necessário fazer a profilaxia de pânico a bordo: havia duas mulheres conosco. Mas, evidentemente, depois do que vi, logo todo o mundo ficou sabendo que havia algum problema com o avião – mesmo porque, bastaria atentar ao facias do comissário... Depois, começaram e reboar marteladas por todo o avião: alguém tentava consertar não sabíamos o que, nem onde...

A explicação veio, afinal, através da voz calma e autoritária do piloto que, momentos antes, ao que parece, discutira com o nervoso comissário. Este queria que descêssemos no aeroporto do Galeão, “conforme ordens da torre”...

Trem de aterrissagem – ou de amaragem? – quebrado. Salvo erro meu, ter-se-ia, quebrado alguma tubulação, estávamos sem flutuadores nas asas. Iríamos descer – ou cari? – era, mesmo, no “Aeroporto Santos Dumont”, ele sabia o que estava fazendo, etc., etc.

Ninguém tugiou nem mugiu, é claro. Cara ou coroa? Vida ou morte? “Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu”...

Vieram outras instruções “finais”, para os passageiros: voaríamos bastante tempo, em círculos, sobre o Rio de Janeiro, para gastar combustível. Depois, quando sentíssemos (?) o primeiro impacto do avião no solo da pista, corrêsemos todos para a cauda do aparelho – que ele, o piloto, estaria lá na frente... Antes, toda a nossa bagagem e toda a carga, na parte traseira do aparelho. Foi o que fizemos. Segui-se profundo silêncio, pesado, cheio dos lamentos do avião ferido. Voltamos a jogar cartas e a gracejar – mas desta vez sem trapagens, creio, ou piadas maliciosas de jovens...

O tempo nunca custou tanto a passar, e estou certo de que jamais gostamos tanto que tivesse sido assim...

Silêncio tumular, depois de abandonadas as cartas de baralho. Ninguém falava, entreolhávamos-nos furtivamente... Estranhamente, calafrios, tremores e hipertermia, num dos estudantes. Voávamos entre círculos, entre as nuvens, pertinho de Deus. Era tempo de exame de consciência, meditação e oração...

Ao final – mas somente bem ao final – tudo “deu certo”, graças a Deus e à perícia do piloto: num aeroporto já esvaziado, com ambulância e carros de bombeiro de prontidão, a aeronave, creio, desceu de “barriga”, num impacto terrível, para, a seguir, rodopiar célere e loucamente, desgovernada, em zigue-zagues estonteantes,

até finalmente imobilizar-se, uma das asas meio quebrada e adernada – a poucos metros das plácidas águas da Baía de Guanabara...

Evidentemente, aos repórteres e locutores das Rádios que nos aguardavam, havia horas, nossa declaração foi unívoca, nemne discrepante: ninguém tivera medo... Nem o comissário, nem eu, nem o Áureo, nem a Arlette...

Dos passageiros, a senhora desmaiara, o comerciário contundira-se, levemente na cabeça, no tumulto criado no corredor do avião, entupido logo ao primeiro impacto. Nada mais.

Encerrou-se o episódio, em terra firme, com uma salva de palmas e estrondoso “pique-pique” ao bravo piloto. Teria sido punido?

Soubemos, mais tarde, que ao levantar voo o avião, em Santos, a mãe de um dos estudantes percebera qualquer “defeito” (?). Correr de volta à casa e, vela acesa, terço nas mãos, postara-se ante o rádio, à espera de boas ou más notícias, através do locutor do “Repórter-Esso”, durante quase toda a tarde... A oração das mães... Deste feita, sobrou-me tempo suficiente – ad nauseam – para meditar sobre a morte. Para rememorar a vida anterior, toda. E para rezar. Mas não para livrar-me sequer do cinto de segurança, ao primeiro impacto...

Permaneci na poltrona, aturdido e estatelado, o corredor, logo entupido, do avião. De qualquer forma, conseguira nova prorrogação – ou sursis a partir desse três de agosto de 1950, até pelo menos, 13 de janeiro de 1957, como veremos adiante...

DA IMORTALIDADE

§

DA IMORTALIDADE

A alma, ó gregos, não é imortal por si mesma. Ela é mortal. Contudo, ela é capaz, também, de não morrer...

(TACIANO, Or. Ad Graec. 13, pg. 6,833 A)

A graça é já vida, porque a graça inclui já a vitória sobre a morte, na ressurreição. A vitória sobre a morte é sempre escatológica. Com a graça de Cristo, ela se inicia aqui, no estado de peregrinos, se manifesta na morte e encontra sua plenitude no retorno de Cristo.

(H. VOLK)

Omnia mors poscit: Lex est non poemia, perire.

(SENECA)

DA IMORTALIDADE

-1-

(O pensamento dos) filósofos e cientistas

EM VERDADE, quem cuida das complexíssimas manifestações da vida e das multiformes e intensas oscilações do tonus vital do decurso da existência humana, já está, praticamente, a cuidar da morte – imanente à vida. Fugiria, evidentemente, ao escopo central desta ligeira exposição tanatológica e geriátrica qualquer tentativa de estabelecermos conclusões, mesmo parciais ou provisórias, de natureza filosófica, muito menos teológica, sobre o apaixonante tema: ne sutor ultra crepidam...

Ao autor parece, entretanto, conveniente e válido, antes de enveredar pelo discurso propriamente médico e geriátrico, o timorato ensaio de reverem-se determinados conceitos relativos ao binômio “vida-morte”, já agora à ótica de alguns cientistas e filósofos, depois de já tê-lo tentado à luz de sintéticas noções de fisiopatologia médica e tanatologia – por mais temerário que lhe possa parecer o projeto...

Numa segunda etapa, há de procurar o beneplácito do leitor e o constante auxílio de autores altamente credenciados, na penetração de alguns aspectos do pensamento mítico e religioso primitivo, relacionados à idéia central da imortalidade do homem, com ênfase na tradição judeu-cristã, isto é, encarando a vida – haiim – tanto como realidade terrena, como, noutra perspectiva, escatológico-transcendente, na dimensão de vida eterna.

Se a entendermos como imanência da vida, não poderemos contentar-nos com definir a morte do homem, pura e simplesmente, como a cessação de sua atividade vital.

Complexo bio-psico-sômato-sócio-econômico, individualizado e dotado de alma, é o homem criatura de Deus, pessoa e personalidade – não podendo ser reduzido ou mutilado ao nível do simples bio-psicosomatismo. Sua alma sobreviverá,

infinitamente, à morte de seu corpo físico, com todas as características que definem sua individualidade. Sempre foi este, aliás, o pensamento básico da humanidade, expresso, já nos mais antigos mitos e nas religiões mais primitivas, e solidificado, posteriormente, no cristianismo, islamismo e espiritualismo clássico, sobretudo.

Antes, porém, de ocupar-nos com a doutrina da imortalidade da alma – postulado da razão pura prática, para EMANUEL KANT (1724-1804), que deduzia da lei moral a existência de Deus – conveniente seria descermos ao nível da biologia geral, ou mais especificamente, da biologia molecular, focalizando o homem enquanto ser vivo ou organismo pluricelular.

Todos os organismos vivos são sistemas complexos, organizados e específicos. Têm um metabolismo determinado, sintetizando seus constituintes a partir de alimentos e de energia, crescendo e reproduzindo-se. Partindo de organismos unicelulares independentes (“inferiores”), para chegarmos aos pluricelulares (“superiores”), isto é, indo de unidades, pois, integradas, dependentes do pluricelular, visto como um todo – sempre encontraremos macromoléculas, proteínas ou ácidos nucléicos, específicas para cada espécie. No processo de reprodução e continuidade genética, cada organismo produzirá estas macromoléculas. No ensemble das variadas sínteses, do crescimento, da reprodução e da continuidade genética – como salienta ANDRÉ LWOFF – encontraremos a assimilação, propriedade distintiva da vida, a nível de molécula e de organismo.

Para os bioquímicos e biofísicos, no âmbito específico de suas atividades e pesquisas – a vida molecular – é este o limite, resumido nestas proposições factuais, que talvez lhes bastem ou satisfaçam, ao se debruçarem sobre o magno problema da vida. Têm, entretanto, que humildemente confessar sua ignorância absoluta sobre a vida em si, sua essência, por mais brilhantemente que nos possam descrever as propriedades dos seres vivos, suas estruturas moleculares e funções integradas em maravilhosa ordem biológica – mero aspecto da prodigiosa ordem geral da natureza, que não poderá ser fruto do acaso, forçosamente fazendo pressupor uma criação inteligente e ordenada.

Nos limites atuais da experimentação, não pode a ciência ir além da constatação da estrutura e da ordenação funcional. O mistério da vida e de seu fluxo contínuo, exauridas as possibilidades de explicações exclusivamente científicas e naturais, com as balelas da geração espontânea ou da eternidade da vida no tempo, somente poderá levar-nos a uma conclusão, que é a de MARTINHO HEIDEHAIN: “os primeiros organismos foram dados”. É este, também, o ponto de vista de FELIX RUSCHKAMP (), doutor em filosofia e professor de biologia e antropologia em Francforte sobre o Meno:

Positivamente, a vida na Terra não é eterna.
Surgiu no tempo, mas não foi produzida por
geração espontânea. Não se produziu a si
mesma. Não surgiu por acaso. A vida foi criada.

Tampouco os físicos e matemáticos poderão esclarecer-nos mais, além de certos limites. Eis o que tem a dizer-nos, pitorescamente, o pai da cibernética – criança prodígio e doutor em filosofia aos dezenove anos de idade – integrando a neurofisiologia, a eletrotécnica, a termodinâmica, a estatística e o cálculo operacional, nos processos de transmissão de informação e controle das máquinas e dos seres vivos – NORBERT WIENER:

Lês organismes vivants sont des démons de MAXWELL
métastables don l' état de stabilité est la mort.

Depois de referir-se ao genial físico inglês, JAMES CLERK MAXWELL (1831-1879), descobridor da interação variável das variações do campo magnético e elétrico, pai da teoria eletromagnética da luz e também descobridor da lei da repartição de velocidades em moléculas gasosas com movimento calorífico – o já citado biológico ANDRE LWOFF, nas suas conferências de Compton, no “Massachusetts Institute of Techonology”, diz-nos que o organismo não pode rester em vie qu’ en prélevant sans discontinuer de son milieu l’ entropie négative. Cita, ainda, outro ganhador do “Prêmio Nobel”, em 1933, o físico austríaco ERWIN SCHRODINGER, especialista em mecânica ondulatória e teoria quântica, para quem a característica da vida é a produção da ordem pela ordem, todo fenômeno natural significando um aumento de entropia:

...l'êntre vivant accroît continuellement de l'entropie positive, s'approchant ainsi de l'état d'entropie maximum, qui est la mort.

Depois de assinalar que, para SCHRODINGER, l'organisme maintient son ordre propre en 'pompant de l'ordre' à partir de son milieu (compostos orgânicos para o animal, luz solar para as plantas), estabelece o consórcio da biologia e da física neste campo de pesquisa, dizendo-nos:

Les conceptions selon lesquelles l'entropie ou l'ordre est le véritable combustible du maintien de la vie doivent être examinées d'un point de vue physique aussi que biologique.

Ao término, porém, torna-se inevitável, a ANDRÉ LWOFF, materialista e de formação marxista, uma declaração tão humilde quanto estranhável, do ponto de vista científico:

On ne sait rien de positif quant à l'origine de la vie et notre situation est, par conséquent, en une certaine manière, privilégiée. Cependant, par d'excellentes raisons, les biologistes disent qu'au commencement étaient lês molécules organiques. Celles-ci apparurent par la suite de l'action de la lumière ultraviolette sur des composés miméraux simples. Puis les molécules organiques s'assemblèrent sur un substrat tel qu'un réseau collodal et un gel organique doué de propriétés catalytiques s'est formé. A la suite d'un grand nombre d'essais, le gel catalytique "métabolisant" a donné naissance à quelque chose capable de reproduction. Ce fut le premier organisme, sans aucun doute très différent de tout être vivant actuel. Le premier organisme, à son tour, commença à accomplir des essais, produisant ainsi des organismes nouveaux mieux agencés qui éliminèrent le prototype original. En

consequence, un grand nombre d'espèces furent sélectionnés qui constituent aujourd'hui le monde vivant.

Como vemos, os biólogos materialistas e ateus, negando o sobrenatural, não podem ou não querem conosco dizer que no princípio era o Verbo – e O substituem, lamentavelmente, pelas moléculas orgânicas... Cegos à verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina a todo homem, optam pela luz ultravioleta e pelos compostos minerais simples, silenciando, entretanto, sobre a origem, atribuindo a origem da vida a uma evolução gradual de sistemas químicos (A. I. OPARIN, 1936) Cautelosamente se abstêm de falar na hipótese de uma criação eterna, expressamente negando tenha a vida surgindo no tempo – pois não podem ignorar que as leis fundamentais de sua física, da constância da massa e da conservação da energia, a entropia tendendo para o máximo (CLAUSIUS), tornam completamente inconsistente a teoria da criação eterna...

Outros, porém, cultores de uma ciência humanizada e, evidentemente, estruturada na lógica, assim se expressam, para escândalo das platéias materialistas, hoje, fascinadas, pela evolução molecular, pelos coacervados de OPARIN e microsferas de FOX, depois que LOUIS PASTEUR (1822-1895) sepultou definitivamente a teoria da geração espontânea ou abiogênese:

Portanto, reconhecendo devidamente o fato de que a teoria física é, em todos os tempos, relativa, na medida em que depende de certas hipóteses básicas, podemos, creio, afirmar que a teoria física, no seu estado atual, sugere fortemente a indestrutibilidade do espírito pelo tempo. ()

São estas as palavras do grande mestre da teoria dos quanta, ERWIN SCHORDINGER – a quem já nos referimos – e não transcritas por ANDRÉ WOLFF, na obra citada... Vale recordarmos, a propósito, que aquele cientista, nascido e falecido em Viena (1887-1961), veio a pagar enorme tributo ao seu humanismo e à sua honestidade intelectual, tendo que exilar-se na Irlanda, para escapar à

voracidade pré-apocalíptica do nazi-fascismo – como tantos outros, em situações paralelas às que hoje presenciamos com intelectuais e cientistas que ousam contestar os dogmas da religião marxista-leninista.

De ciência e cientistas falando, convém ressaltarmos, en passant, a necessidade imperiosa de, também neste campo dos conhecimentos humanos, separar-se devidamente o joio de trigo. Em outras palavras, estabelecer-se a necessariamente rigorosa distinção entre o cientificismo mecanicista da segunda metade do século XIX – como diz A. DONDEYNE (), professor de filosofia da Universidade de Lovaina, já devidamente sepultado mas com seu espectro, de caráter profético e charlatão, ainda circulante – e a verdadeira, idônea e nobilitante ciência positiva: o conhecimento concreto e objetivo, universalmente válido e, ao mesmo tempo, normativo, explicativo e compreensivo, de maneira abrangente.

Tanto mais nos parece relevante esta distinção, quanto mais viceja e se alastra, além das fronteiras das sociedades opressivamente socialistizantes, o joio do materialismo contemporâneo, na medida crescente em que se ele arroga, fatuamente, a condição de “filosófico” e “científico” – posicionamento, sem dúvida, insultuoso à razão e à verdadeira ciência positiva e humanística hodierna, humilde em sua relatividade e prudente em sua contingência.

Felizmente, já se encontra esta descontaminada contingência em numerosíssimos redutos onde não mais se rende culto de latria ou veneração à “deusa razão”, das idéias bem sistematizadas e às vezes quase delirantes de COMTE, FEUERBACH, ENGELS, e MARX, passando por HAECKEL, BUCHNER e STRAUSS – corifeus, todos, de uma estreita, míope e antibiológica concepção materialista do universo, renitentemente a prognosticarem a morte da religião, da metafísica, do próprio Deus – misteriosamente sempre adiada...

Se é no batismo, através do Espírito Santo, que nos é concedido o dom da fé, jamais poderíamos crer sem a graça de Deus:

Pela graça tendes sido salvos mediante a fé; e isto não é merecimento vosso, é o dom de Deus. (Ef 2,8)

Não obstante, nossa fé é legítima, no sentido de que é racional, isto é, podemos atingir-lhe as premissas pela autoridade de quem proclama suas verdades básicas, por conhecê-las diretamente: CRISTO, verdade eterna, em quem “estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.” (Col 2,3) Não se trata, pois, de uma fé aveugle, de criança, de camponês ou carvoeiro, pois que ela, além de não prescindir da razão e do conhecimento, por meio desses instrumentos poderá e deverá ser incrementada e protegida, professada e vivida:

Como o corpo sem alma está morto, assim também é morta a fé sem obras. (Tg 2,26)

Poderá, igualmente, qual semente caída em solo mau, não vir a germinar em determinadas personalidades, por desvios psicopatológicos nas esferas ideativa e afetiva – ou extinguir-se e até mesmo ser regenerada, por fatores intrínsecos e extrínsecos diversos: incultura religiosa, preconceitos ideológicos, hipertrofia patológica do “ego” racionalista, condicionamentos culturais negativos, prevalência de tendências hedonistas e epicuristas na personalidade, etc.

Vemos, pois, que toda razão assistia a uma dos gênios do paganismo da antiguidade, PLATÃO, quando nos dizia que “a incredulidade... é muito mais que um simples juízo errôneo sobre a existência de Deus, que poderia ser esclarecido por meios dialéticos. Para ele, a incredulidade constitui antes uma atitude de caráter ético, baseada num fundo emotivo, atitude essa que é necessário interpretar, partindo não só de uma teoria, mas à base de múltiplos pontos de vista.” () Não é, pois, também sem razões óbvias que na “Grande Enciclopédia Soviética” está decretado que “para MARX e ENGELS foi EPICURO (341-270 a. C.) o autêntico racionalista radical da antiguidade, que atacou abertamente a religião antiga e de quem partiu também o ateísmo entre os romanos, na medida em que existiu entre eles.” ()

Assim, temos que reconhecer, com os filósofos soviéticos V. TIMOFEIEV e P. KUROCHKIN, o crescimento cada vez maior do ateísmo entre a mocidade russa, desde a revolução comunista de 1917. Se podem merecer fé dados estatísticos “oficiais” de 1979, seriam ateus, na União Soviética, 97 ou 98% dos jovens abaixo de

vinte anos de idade, bem como 94 a 97% dos situados na faixa de vinte e um a trinta anos de idade. Ao invés da prática sistemática e intensiva da propaganda e da repressão anti-religiosa, das “lavagens cerebrais” e dos condicionamentos de massas, o jornal Pravda prefere apontar, como causas desse “sucesso”, o “rápido progresso social e científico, a urbanização, o nível crescente da atividade criativa das massas, o desenvolvimento dos meios de divulgação social e propaganda, juntamente com gigantesco trabalho educacional.” Tem consistido este, principalmente, conforme o programa apresentado, em 1963, por LEONID ILITCHEV (), na criação de “institutos de ateísmo científico” nas universidades, com frequência obrigatória, além de “clubes de atividade anti-religiosa”, nas escolas primárias e secundárias.

Felizmente, fora das movediças fronteiras soviéticas, sempre tendentes à expansão pseudopodálica, observa-se, nos meios intelectuais das democracias ocidentais, após o acme de algumas décadas atrás, o refluxo cada vez maior da influência “religiosa” marxista-lenista, coincidente com o crescimento das vocações religiosas.

Creemos, de fato, que o interesseiro e espúrio idílio, a que nos referimos, do monismo materialista com a ciência, possa vir a ser muito mais nocivo à integridade física e à saúde espiritual moral e político-social da humanidade – sobretudo pelo fascínio em que sabe envolver as novas gerações do Terceiro Mundo, imaturas e eternas contestadoras das contestações – do que o idealismo panteísta, o monismo da consciência e do pensamento. Por outro lado, mais prejudicial também nos parece o dualismo ontológico da matéria e do pensamento – o dernier cri da esquerda festiva e intelectualizada: o existencialismo ateu de JEAN PAUL SARTRE, “o novo estóico da interiorização perplexa”...

Reencontremos, porém, o núcleo original destes comentários, balizados pelos conteúdos de vida e envelhecimento que, fazendo-nos transpor a fronteira da morte, nos conduzem à imortalidade. Cuidando de tema afim, indaga SIMONE Lucie Ernestine Marie Bertrand DE BEAUVOUIR, a grande feminista, romancista, teatróloga e ensaísta do existencialismo de SARTRE – embora de formação católica original:

Seremos levados a concluir, como fizeram alguns, que a velhice, digo, a nossa existência, é uma morte lenta? Certamente, não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável, no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante: a Inércia é que é sinônimo da morte. A lei da vida é mudar. ()

Poderíamos entender tais palavras como mais um truísmo existencialista, apenas, Talvez – para quem mudou, trocando a estabilidade do eterno pela instabilidade do humano... Reconheçamos, entretanto que aumentam as dificuldades na tentativa de uma correta conceituação do binômio vida-morte, na medida em que talvez se imponha a necessidade fundamental da “experiência da morte”, como conditio para podermos defini-lo adequadamente. No caso, a experiência da “morte de outrem”, a que, sem dúvida, estarão mais afeitos os médicos, o pessoal para-médico dos hospitais, os sacerdotes, pastores e rabinos, como também, naturalmente, os solícitos agentes das casas funerárias, quase sempre mais expeditos na constatação do óbito recente do que os médicos assistentes ou os próximos familiares do décédé – na livre concorrência do mercado obituário das metrópoles...

Rigorosamente, duas outras modalidades de experiência teríamos que considerar: a constatação da quase-morte – a própria e a dos outros – e a observação do auto-envelhecimento. Referimo-nos, no primeiro caso, aos acidentados graves, politraumatizados, egressos de estados de coma ou de choque, das síndromes letárgicas, dos estados de síncope, das tão comuns “paradas” cardíacas e respiratórias com persistência da atividade bio-elétrica cerebral – eventualidades a

que já nos referimos, sendo rotulada a intervenção médica, quando eficaz, de “reanimação” ou “ressuscitação”.

Partindo de PLATÃO (428-348 a. C.), para quem o que chamamos de tempo não seria senão “o reflexo movediço e irreal da eternidade, e do famoso “Livro tibetano dos mortos” – BARD THODOL – que data, aproximadamente, do século VIII e somente foi traduzido em 1927, depois de passarmos por EMMANUEL SWEDENBERG (1688-1772), famoso naturalista e místico sueco que descreveu experiências post mortem próprias (sic) – chegamos, nos dias de hoje, a vasta literatura tanatológica, grande parte dela tratando, especificamente, do estado de quase-morte e da sobrevivência após a morte. Nas três últimas décadas, num enfoque mais objetivo, vários cientistas, médicos e biólogos, sobretudo, se têm ocupado do tema, especialmente ELISABETH KUBLER-ROSS, C. V. LEADBEATER, RAYMOND MOODY JR., JEAN ZIEGLER, etc., investigando a possibilidade de sobrevivência à morte física. Releva notar, entretanto, que na maioria destes estudos, não é entendida a morte como a perda irreversível das funções vitais, mas sim como a ausência de sinais vitais clinicamente detectáveis ou de atividade bio-elétrica cerebral, ao eletrencefalograma.

Trata-se, pois, na maioria dos casos, de um estágio intermediário, de morte aparente ou quase-morte, persistindo o mistério inescrutável da morte real ou verdadeira, bem como da sobrevivência que se lhe segue. Tudo parece indicar que os numerosos depoimentos dos “quase-mortos”, dos reanimados ou ressuscitados, por intervenção terapêutica ou não, tão ricos em descrições minuciosas, com pormenores objetivos e subjetivos, apenas poderão ser levados a conta de grave disfunção neurofisiológica – em que, provavelmente, a anóxia cerebral, as alterações enzimáticas e hormonais ao nível dos neuro-transmissores e a disionia geral do organismo poderão ter papel preponderante – produzidas pela doença ou nóxio básico, quando não possam representar, simplesmente, efeitos farmacológicos das drogas usadas na tentativa de reanimação do paciente moribundo. De fato, os quadros descritos semelham, muitas vezes as chamadas “alucinações autoscópicas” descritas por N. LUKIANOWICZ (), bem como certos efeitos de drogas psicoativas e alucinógenas.

Quanto à outra modalidade de experiência a que nos referimos, a do auto-envelhecimento, a ela dedicaremos algumas páginas deste ensaio. Antes, porém, examinaremos a perspectiva religiosa da imortalidade.

A sobrevivência depois da morte
nos mitos e principais religiões

EXTRAPASSARIAMOS, sem dúvida, os limites acanhados que nos propusemos nesta simples exposição de temas tanatológicos, se tentássemos, temerariamente, a análise dos diversos sistemas naturalistas ou espiritualistas radicais, a partir de seus respectivos conceitos “dinâmicos” de morte. Referimo-nos à cessação da individualidade, mas não da existência, nos sistemas budistas e estoicistas, com devolução, respectivamente, ao nirvana (após uma série de re-encarnações) ou à mãe-natureza. Haveremos, entretanto, de deter-nos um pouco mais na perspectiva espiritualista, na visão da morte do homem como simples consumação biológica e verdadeiro renascimento (vere dies natalis) da pessoa humana – o espírito simplesmente desaparecendo do plano físico da atividade, liberto, já, das limitações sômato-sensoriais, da prisão do corpo.

Não nos referimos à ânsia de imortalidade dos pais, satisfeita nos filhos – quando “os túmulos os pais se transformam em berços, na vida dos filhos.” (P. COMETTI). Também à margem deixaremos o fenômeno escamoteador da “persistência” do “ser pessoal” na lembrança ou na memória dos “sobreviventes vivos” – pois cremos na sobrevivência dos mortos, na ressurreição da carne e na vida eterna. Na realidade, tanto os espiritualistas quanto os naturalistas radicais acordam, em uníssono, na realidade da sobre-existência depois da morte, entendida esta do ponto de vista estritamente biológico.

Dentro de nossa concepção teísta do universo e da vida, tentaremos brevíssima súmula do pensamento religioso sobre a problemática tanatológica – mais especificamente, sobre o conceito de imortalidade na ótica judeu-cristã, isentos, embora, de qualquer preocupação de intolerância ou pretensão de conteúdo apologético.

Deixamos expresso, páginas atrás, o nosso conceito de personalidade ou pessoa. Não podemos, pois concordar com o ilustre professor PAULO VAZ DE ARRUDA (), ao definir ou tentar formular, em princípio, sua definição de morte:

É a desintegração irreversível da personalidade em seus aspectos fundamentais morfo-fisio-psicológicos, de molde a fazer cessar a unidade bio-psicológica como um todo funcional e orgânico definidor daquela personalidade que assim se extinguiu.

Para nós, o homem-pessoa, o homem-personalidade, jamais se extingue completamente, irreversivelmente. Seu próprio corpo haverá de ressuscitar, um dia. Entendemos, pois, a imortalidade como sobrevivência pessoal – não somente genérica – depois da morte biológica, na passagem de uma forma de existência para outra, no sentido paulino. Ponto de vista, por exemplo, radicalmente oposto ao do budismo tibetano, que não incorpora a noção de uma alma eterna – o que haveria de ser contrário à idéia de evolução.

Esta noção, afirmando a transcendência do espírito em relação ao bio-sômato-psicologismo é vinculada à crença em Deus, naturalmente. Constitui-se no mais precioso patrimônio da humanidade, em todas as épocas, nos tempos dos tempos que se foram e nos séculos dos séculos que hão de vir.

Considerado seu caráter universal, transcende a questão, evidentemente, os limites do sectarismo religioso, filosófico ou científico. Impregna ela, medularmente, todas as religiões, modernas e antigas, e todos os mitos – como as da Índia, Grécia, China, África, Austrália, etc. – com também todos os sistemas filosóficos da humanidade, desde os mais remotos tempos. Trata-se, em última análise, da própria “dimensão religiosa do homem”, tendo, pois, uma verdadeira estrutura antropológica. Tão natural, fundamental e universal se nos apresenta a noção da imortalidade, da sobrevivência após a morte, que quase ousaríamos afirmar, sem grandes reservas, que talvez válido fosse interpretar como desvio patológico – quem sabe, de base genética, estivemos a ponto de escrever – a absoluta incapacidade de crer, a carência absoluta de fé, da crença em Deus e na imortalidade da alma, criada livremente por Ele.

Vejamos, a propósito, o que nos diz o franciscano LEONARDO BOFF, ilustre teólogo brasileiro, após ter citado os trabalhos clássicos de WACH, VAN DER LEEW e VERGOTE:

Todo homem, cedo ou tarde, em sua vida, coloca a pergunta radical pelo sentido da vida e mundo e responde a seu modo a ela. Por isso e nesse sentido específico, todo homem é chamado a exprimir-se religiosamente. Pertence à sua estrutura antropológica mais profunda a dimensão religiosa, como foi visto de modo particularmente lúcido pela escola psicológica de C. G. JUNG. Segundo essa psicologia, as camadas mais profundas da psique humana, no seu lado inconsciente, seja pessoal, seja coletivo, são de caráter religioso.

Reportando-se às obras de R. HOSTIE e do próprio C. G. JUNG (1875-1961), o famoso psicanalista suíço, prossegue nosso teólogo:

Através dos símbolos, dos ritos, da vida religiosa institucionalizada e das religiões, os conteúdos desse inconsciente se manifestam na vida consciente e são aí tematizados e objetivados dentro de um quadro sócio-cultural. A experiência originária é uma só em todas as religiões. Somente a interpretação dela, sua forma de expressão cultural e histórica, variam e se tipolizam de caso para caso.

Embora não possamos concordar, infelizmente, com algumas opiniões e colocações, quando extra-doutrinárias, do ilustre sacerdote – nem, tampouco, com os dogmas místicos de certas correntes psicanalíticas que, como outras derivadas da adolescente e ainda tão mal entendida parapsicologia, tendem a radicalizar-se em sistemas doutrinários fechados e pseudo-científicos – parece-nos, de fato, incontestável a base antropológica da experiência religiosa do homem, na linha das

transições acima. Não obstante, à falta de argumentos lógicos e mais sérios, continua ela sendo apodada de “carolice” ou “beatice”, quando não do lenitivo “opiáceo”, pelos incorrigíveis adeptos do non serviam, fruto do ateísmo militante, estatal e institucionalizado ou, no plano psicológico individual, de lamentável e patológica hipertrofia da auto-estima, como se observa em alguns racionalistas e materialistas irreduzíveis...

Comentando o trecho em que o grande reformador JOÃO CALVINO (1509-1564) afirmava ser “fora de dúvida que há no espírito humano, por uma inclinação natural, algum sentimento de divindade, esta impressão do coração, de que existe algum Deus” – ETIENNE GILSON nos diz:

Appelons, si l'on veut, “semence de religion”, cette conception universelle, elle est suffisante de moins pour nous faire un devoir strict de chercher Dieu, de le révéler dans sa majesté et de le servir. ()

Adiante, melhor explicitando o conhecimento de Deus, pelo homem, cita a fórmula paulina (Rom., I,20), retomada por BOAVENTURA (1221-1274), cardeal e teólogo, reformador da Ordem Franciscana, e por TOMÁS DE AQUINO (1225-1274), o doctor angelicus dominicano, príncipe da escolástica: “Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis.” Indaga ainda, ETIENNE GILSON:

Mais de quelle connaissance s'agit-il en pareil cas? Non pas, évidemment, la connaissance de l'essence divine, que nous reste “occulte”; Il ne s'agit que de celle des “vertus” de Dieu, que le monde nous révèle autant qu'il est nécessaire à notre salut: sa bonté, sa providence et sa miséricorde. Connaissance moins spéculative qu' expérimentale et sensible.

Abandonaremos, porém, o conflito da incredulidade e da fé – “o objeto verdadeiro, único e mais profundo da história do mundo e da humanidade, ao qual se subordinam todos os outros”, na opinião de JOÃO WOLFGANG DE GOETHE (1749-1832), genial cientista, filósofo e poeta lírico – para retornarmos o tema que nos propusemos, da sobrevivência após a morte, sob o prisma religioso.

Nas diversas teogonias e cosmogonias, discutem os especialistas um ponto essencial: seria a imortalidade da alma um direito, ou um dom?

Na primeira hipótese, o direito promanaria do fato de ser a alma essência ou natureza divina, sua imortalidade é simples dom divino, passível de perda – como ocorre, por exemplo, no pensamento de CALVINO. Nestas perspectivas gerais, excelente sùmula das idéias religiosas da antiguidade nos é propiciada pelos trabalhos de C. TRESMONTANT e P. HOFFMAN (), ao quais nos reportaremos, com freqüência, no texto.

Conforme as principais fontes do bramanismo (Upanishad, escritos datando de 800-300 a. C., e os Rigveda, coletânea de cânticos do segundo milênio a. C.), a verdade estaria naquela primeira hipótese a que nos referimos: a alma, resultante do desmembramento do absoluto – brahman – acha-se exilada no corpo material. A conquista da sabedoria implica na superação da ilusão corpórea e individual, retornando a alma ao absoluto, ao “todo” ou “uno” (Atma, Brahma), aniquilando-se o “eu individual” no “eu universal”, idéia ainda esposada e vivida por milhões de sadhus, gurus e sanyassis do Oriente. É uma concepção religiosa panteísta, admitindo a metempsicose, o trânsito das almas através das obras morais, da oração e dos sacrifícios. Evoluindo, mais tarde, para o hinduísmo, veio a predominar sobre o budismo no século XIII d. C., constituindo-se na base do sistema social de castas. Idéias análogas vamos encontrar no antigo pensamento grego – pré-clássico e clássico 0 no hermetismo, na gnose, no maniqueísmo e neo-platonismo. Assim, para o orfismo, tendo ocorrido a fragmentação do “uno”, a alma humana, porção divina, viverá exilada no corpo, até que o abandone, no processo de redenção: “a multiplicidade saindo da unidade e a ela retornando.”

Para EMPEDOCLES – filósofo grego da Sicília que se teria lançado, trágica e coerentemente, à cratera do vulcão Etna – a vida era uma catástrofe. Abriga a crença na pré-existência de uma alma de origem divina. A idéia da imortalidade da alma – que procura demonstrar, exaustivamente, através da dialética – está diretamente relacionada à crença em Deus, princípio, meio e fim de todo ser. Fruto, já de um pensamento sazonado, sua obra “Leis” condena energicamente a incredulidade, atribuindo-lhe caráter ético e chegando ao extremo de, no décimo livro da referida obra, propugnar a substituição da filosofia pela religião. Sua apologética da fé, alinhando argumentos dialéticos em favor da imortalidade, leva-o a combater veementemente os filósofos naturalistas e sofistas, que tudo queriam atribuir ao acaso, profiando, também, contra aqueles que reduzem Deus a mero produto da imaginação humana. Como podemos constatar, uma brilhante antecipação, de vários séculos, aos debates que hoje travamos com os neo-hegelianos modernos, que parece ainda assim pensarem, bem como com os neo-darwinistas e biólogos materialistas de nossos tempos, “filhos do acaso”, como, por exemplo, JACQUES MONOD... Discípulos de Empedocles, o estagirita ARISTOTELES (384-322 a. C.), terminou por repudiar o dualismo órfico e platônico: Via a alma como forma do corpo – entelequia – princípio biológico e formal, dele inseparável, atribuindo a imortalidade somente à faculdade intelectual superior, o nous.

Também para os estóicos era a alma imortal e de origem divina, confluindo, assim, com a doutrina dos gnósticos e com os adeptos do rito maniqueu: a alma, *pars divinae substantiae*, deveria retornar à sua origem após o “exílio corporal”, no processo de redenção.

Tanto PLOTINO (203-269 a. C.), representante do neo-platonismo, como os seguidores do hermetismo mantinham-se fiéis à idéia da “queda da alma”, num corpo físico – seu túmulo – notando-se que, para os herméticos, este fato teria sido conseqüência de uma culpa original.

Deixaremos à margem as profundas concepções budistas primitivas – que nem afirmam nem negam a existência de Deus – tanto do budismo do sul (*hynayana* – *theravada*) ou pequeno “veículo”, como do grande “veículo” (*mahayana*), basicamente orientadas para a emancipação definitiva de qualquer idéia dualista, bem como para a

meditação e transfiguração (zen). Faremos notar, apenas, que esta profunda doutrina oriental, tão hermética à compreensão ocidental, busca, em suas versões atuais – budismo existencialista Zen e fenomenologista – a realização do homem numa “independência auto-suficiente”, não sendo, a rigor, nem ateuista nem panteísta. O homem deve redescobrir-se, despertando para o seu verdadeiro ego: a mente original amorfa, o vácuo (sunyata). Esta é a única autoridade básica sob a qual deve viver, num sistema filosófico religioso onde não há dogmas nem corpo de doutrina. Como nos diz o grande pensador e místico católico, tão aberto à metafísica oriental, THOMAS MERTON (), - vítima, recentemente, de fatal acidente na Ásia:

Este mundo é ilusório somente à medida em que é mal interpretado a fim de satisfazer nossos preconceitos sobre nossos limitados auto-egos. Esse vislumbre simples e direto da realidade, essa clara compreensão do “um” em “muitos”, da vacuidade na vida diária e no mundo comum que nos envolve, é a base do humanismo Zen no mundo moderno.

Citando o monge budista, TCHICH NHAT HANH, poeta e intelectual, de origem vietnamita, conclui nosso pensador, também monge – trapista:

O objetivo básico do budismo surge da própria experiência humana – a experiência do sofrimento – e procura responder realisticamente à pergunta mais urgente que faz o homem: como dominar o sofrimento... É preciso romper essas formas ilusórias e entrar diretamente em contacto com o sofrimento em nós mesmos e nos outros. Portanto, o objetivo do budismo é a criação de uma consciência inteiramente nova que goza da liberdade de enfrentar a vida de mãos nuas e sem pretensões. Rompendo nossas próprias ilusões que nos separam dos demais, o homem é capaz de alcançar unidade e a solidariedade com seu irmão através da abertura e da compaixão, dotado de

secretos recursos de criatividade. Esse amor pode transformar o mundo. Somente o amor pode fazê-lo E não chega a surpreender que NHAT HANH é um leitor de CAMUS inteligente e apaixonado, da mesma forma que de BONHOEFFER.

Detenhamo-nos, finalmente e com mais vagar, na ousada tentativa de resumir o pensamento monoteísta judeu-cristão, socorrendo-nos, principalmente, dos estudos teológicos de P. HOFFMANN.

Podemos verificar, logo de início, que a primeira perspectiva que nos fornece o Antigo Testamento é basicamente pessimista, entendida a morte como etapa final da vida humana. Da vida, frisamos, mas não da existência – que haveria de ter continuidade no school, o reino da morte dos hebreus. Conforme este pensar primitivo, o fato de não continuar-se a vida terrena numa vida post mortem atestaria a extraordinária “pobreza escatológica” desta concepção vétero-testamentária: a imediata conseqüência haveria de ser a extrema valorização do humano, do contingente, dos bens temporais. De fato, era esta a característica marcante do pensamento religioso dos hebreus primitivos: eminentemente pragmático. Nesta linha, os bens supremos era a saúde, o enriquecimento, a longevidade, a descendência numerosa, etc. Supervalorizava-se a vida humana, no contexto exclusivo da realidade concreta e objetiva.

É curioso notar, no judaísmo bíblico, a existência de três expressões relacionadas ao conceito vital: nephesch, rouah, neschama. Representaria a primeira o sopro vital, a vida biológica básica ou instintiva – uma como libido, atual. Pela expressão rouah haveria de entender-se o espírito, o conjunto intelectual-afetivo e, ulteriormente, as virtudes e paixões humanas, enquanto que o termo neschama identificaria a “alma verdadeiramente espiritual”, destinada a sobreviver nos estágios de haya e jevida, segundo a “Cabala”. () Conceituava-se, pois, a alma dividida ou decomposta, no sentido de MOISÉS MAINONIDES (1135-1204), o notável filósofo hispano-hebreu, autor de portentoso tratado – “Guia dos perplexos” – e médico do famoso sultão do Egito e da Síria, SALADINO (1137-1193). Na morte, extinguiam-se o nephesch. Para designar o cadáver, usava-se a expressão bassar, também com as acepções de “carne” ou “animal”.

Desaparecida a alma, retornava a Javé o espírito (rouah) – entendendo-se aqui, como alma, o nepesch. Apenas restava um “estado de fracos” – refa’im, termo hebraico que, segundo alguns, tanto poderia designar uma família como significar “condenados” ou, ainda, referir-se a um nome próprio (cf. ps. Paralipômenos, 1 cap. XX). Aliás, é também o que se poderia concluir de JQ 26,5; Ecl 9,18; SL 88,11; IS 14,9 – conforme P. HOFFMANN.

Vemos, assim, a morte como marco final, no pensamento primitivo desse povo – hebreus, posteriormente israelitas e judaítas, ou judeus.

Lavado e vestido o corpo, envolto em linho branco e colocado em esquife simples, igual para todos, sua deposição no sepulcro do cemitério da comunidade e as três pás de terra que cada um lançava sobre o caixão selavam, definitivamente, a passagem do extinto ao terrível local onde era impossível encontrar Javé: o scheol, morada dos mortos, onde não haveria nem passado nem futuro, somente isolamento absoluto, debilidade e amnésia total... É o que encontramos no Eclesiastes: “Não existe nem obra nem pensamento, nem ciência nem sabedoria, na morada dos mortos para onde vais.”

Como deixamos dito, nesta perspectiva pessimista e negativista de thanatos apenas era possível pensar-se em “sobrevivência” em termos do próprio mundo, da posteridade, através da descendência, não podendo a alma, desprovida de seu invólucro corporal, aspirar a uma existência ativa.

No decurso dos séculos, entretanto, foi-se modificando a visão escatológica negativa, do judaísmo – especialmente após a destruição do Segundo Templo – tanto na própria Palestina como nas diversas comunidades da diáspora. Sem dúvida, a grande condicionante dessa metamorfose foi o encontro de Sião com a Hélade, da tradição monoteísta hebraica, e seu Deus pessoal e atuante na história, com a metafísica grega. No período do judaísmo tardio, cerca de dois ou três séculos antes da era cristã, já se notam vários escritos apocalípticos e rabínicos em que o scheol é visto como estado transitório (cf. PSEUDO-FILON), Apocalipse Siríaco de BARUCH, ESDRAS – no primeiro século d. C.).

É realmente, na diáspora, que aparece com nitidez a perspectiva otimista da imortalidade da alma (cf. FILON, “Doutrina das almas”, “Quarto Livro dos Macabeus”, “Livro da Sabedoria”). No comentário de P. HOFFMANN, o “Segundo Livro dos Macabeus” já fala claramente da ressurreição (7.9.14.225.29; 12, 43-45), muito embora ainda se faça notar a influência do antigo scheol.

FILON, “o judeu” da diáspora, grande filósofo e exegeta bíblico, estabeleceu a ponte entre Sião e Hélade. Natural de Alexandria, teria vivido de 20 a. C. a 55 d. C., aproximadamente. De estirpe sacerdotal e grandes posses, foi irmão de um grande político da época, ALEXANDREA, alabarca de Alexandria e amigo de AGRIPA.

Sua extraordinária cultura, dirigiu-se, ecumenicamente, tanto aos judeus de Alexandria como aos gregos, a quem devia sua primorosa formação em retórica clássica e no pensamento pitagórico, platônico e estóico. Fiel à tradição hebraica primitiva, da revelação bíblica, deixou-nos, numa perspectiva místico-contemplativa e também dialética, várias obras de cunho político, filosófico-exegeta e histórico-legislativo. Também na diáspora, depois da destruição do Segundo Templo teria sido composto o “Apocalipse Siriano de BARUCH – II”. A obra ressuma a uma esperança escatológica universal e otimista, tanto para os judeus como para os “gentios”: a fé inabalável no homem, dotado de livre-arbítrio e a confiança na redenção e salvação de toda a humanidade.

É, entretanto, no Novo Testamento, na mensagem imperecível e universal dos Evangelhos de JESUS CRISTO, que surge a boa-nova para a salvação da humanidade, modificando-se radicalmente os conceitos de vida e de morte, e tornando-se definitivamente absurda, sem sentido algum, a idéia da perecibilidade do espírito. Na plenitude a vinda do ungido, do tão ardente esperado Mashiakh, o Redentor, dos tempos, seguida de sua ressurreição, inaugurou definitivamente a oposição da morte à vida terrena. Como nos diz o teólogo,

Para o cristão, a morte não abre fuga para um
além, porque, para o Novo Testamento, ela
pertence a este mundo. Porque o fiel
experimenta já, agora, neste mundo, a presença

salvífica de Deus, pode esperá-la também na morte. ()

À essa nova luz neo-testamentina, é a morte entendida como o afastamento de Deus, estado de privação da graça divina (morte da alma) associado, também, à morte física, à morte de um corpo já desprovido das energias vitais doadas por Deus. Vida, em contraposição, é o estado do corpo humano enquanto vivificado pelas energias divinas, associado, também, à participação da alma na vida de Deus, através, da Graça. ()

O homem, na sua personalidade integrada em pessoa, é para nós um complexo bio-psico-sômato-sócio-econômico dotado de alma racional e livre-arbítrio, criado livremente por Deus, à Sua imagem e semelhança, no tempo. Nesta conceituação, cuja essência é o componente pneumático, e nesta perspectiva, pode-se entender, sem dificuldade, que haja “homens vivos realmente mortos”, assim como “homens mortos realmente vivos”. Resta, pois, absolutamente sem sentido a vida morta da presente vida sem Deus – sem a vida da Graça – bem como, evidentemente, o desejo de seu prolongamento indefinido, numa perspectiva de “imortalidade” terrena. Por outro lado, não é mais a morte, nessa ótica, do que simples fenômeno biológico, consumação ou transformação de elementos físicos no tempo finito da natureza. Fenômeno que ocorre no reduzido tempo-espço de seres contingentes, dentro do plano perecível geral de tudo o que foi criado por Deus, jamais poderá ela, atingir o espírito, que necessariamente transcende a biologia, a natureza e o tempo.

É esta, sinteticamente, a mensagem de otimismo insuperável que recebemos através dos Evangelhos – a boa-nova: a união com JESUS CRISTO, já e agora, através da Graça, através dos sacramentos, bem como a união de todos com o Pai, até o fim (cf. 1Cor, 15,28).

Poderíamos dizer que nos encontramos, aqui, na encruzilhada de todo o judeu-cristianismo. Enquanto o judaísmo – à parte a mélange escatológica da vida futura da alma com a idéia da salvação nacional – vive uma esperança (hatikva) para ele ainda não confirmada, mas sempre anunciada, sobretudo por ISAÍAS (11, 1-9 e 2, 3-4), o cristianismo, crendo firmemente JESUS CRISTO como Messias, vive uma esperança

já confirmada pela morte e ressurreição gloriosa do “Filho do homem”. Na realidade, através da Graça, para os cristãos já foi instaurado o Malkhut Samaim, o reino do céu na terra.

Nem por isso deixa o judaísmo de todos os tempos de manter sempre viva sua fé, patrimônio universal, em Elohim ou Adonai, na força d’Aquele que está eternamente presente, nele confiando com perfeita segurança: Ani maamim beemuna shelema... A mesma fé e a mesma esperança também tem mantido, através dos séculos, na imortalidade. F. MUSSNER () assinala, no chamado “Apocalipse de Isaias”, o anúncio da ressurreição dos mortos, pelo menos dos justos: “Ele eliminará, para sempre a morte.” (25,8; 26,19-21). Cita, ainda, DAN 12,2: “Muitos dos que dormem sob a terra despertarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbio e a ignomínia eterna.” A nosso ver, duas outras citações talvez pudessem testemunhar a favor da imortalidade e da ressurreição: 1 Reis 2,6 e 1 Reis 25,29. Diz a primeira: “O Senhor é que tira a vida e a dá, leva à sepultura e tira dela.” Na segunda, ABIGAIL, mulher de NABAL, da linhagem de CALEB, assim se dirige a DAVID, o rei salmista, filho de Belém: “Porque se em algum tempo se levantar alguém para te perseguir e buscar a tua alma, será a alma de meu senhor guardada como no ramalhete dos que vivem no Senhor teu Deus.” Esta última expressão constava dos epitáfios dos túmulos dos judeus, no Oriente.

São de nossos dias as palavras autorizadas do ilustre grão-rabino HENRIQUE LEMLE (1909-1978), nascido alemão e naturalizado brasileiro, autor de vários ensaios sobre a religião e a filosofia judaicas, de tendência ecumênica:

É uma das bases do judaísmo a fé na sobrevivência espiritual. O judeu está certo de que participa duma vida que não termina com o desaparecimento do corpo, com a dissolução do que o homem tem de mortal. Muito, no homem, não morre, fica preservado naquilo que vive eternamente. Eis por que o cemitério judaico é chamado “Beth Hakhaym” – o “Recinto da Vida” ou o “Campo Sacro”, onde repousam os que

compartilham da vida eterna. ... Os rabinos
deram a palavra de orientação: “Os maus,
mesmo vivos, são envolvidos na morte; os bons,
mesmo mortos, continuam vivos.”

Cuidando da metempsicose, onde uma mesma alma poderia animar, sucessivamente, vários corpos – humanos, animais ou vegetais – indaga L. BOISSE: “Não tem esta doutrina, por traço característico, a imortalidade da alma?” A validade ou pertinência da pergunta nos conduzirá ao tópico seguinte, na tentativa de comentar alguns aspectos do pensamento reencarnacionista, antigo e moderno.

Eternidade, termo de uma só vida

CRIADOS para a vida eterna, vivemos agora e aqui, num mundo concreto, real, em nossa trajetória terrena sujeitos à inevitabilidade da dor, do sofrimento e do mal, tanto quanto, através da ascese pessoal e de nosso esforço pela reforma do mundo, pela justiça e pela paz, à alegria, ao amor e à felicidade, entre as abscissas e ordenadas que nós próprios nos traçamos, em nosso horizonte vital. Construindo livremente nossa vida, edificamos, para sempre, nossa eternidade. Criaturas racionais, dotadas de alma – que é per se e indestrutível – bem como de livre-arbítrio, somos responsáveis pelo mal, em nós mesmos e no mundo – deficiência e privação, defectus boni, como dizia SANTO AGOSTINHO (354-430).

Evidentemente, não poderia o mal ter sido criado por Deus, como tampouco poderia ser má, em si, nossa liberdade – mas tão somente o uso que dela poderíamos vir a fazer.

Por tudo isso, ninguém mais que o cristão sabe valorizar – corretamente – a curta vida terrena, o existir corporal ou bio-sômato-psíquico, numa perspectiva escatológica. Para ele, a sobrevivência post mortem é uma forma de imortalidade real e pessoal, dinâmica e individual, nunca nebulosamente genérica ou difusa. Nega ele tanto as idéias de sua futura aniquilação ou reabsorção em Deus, quanto as doutrinas reencarnacionistas – em sua grande maioria carentes de lógica e de consolação individual – especialmente as do antigo pensamento hinduísta e budista, retomadas por PLATÃO e pelo grande eclesiástico de Alexandria, ORIGENES (185-254). Rejeita, outrossim, os modelos contemporâneos fundamentalmente calcados em processos cíclicos em múltiplos de expiação e auto-redenção: teosofistas, antroposofistas, ocultistas (PAPUS), messianistas e kardecianos. Nesta perspectiva, a teologia católica condenou a doutrina de ORIGENES, exposta na obra De principiis (livro primeiro), segundo a qual as almas humanas, identificadas aos espíritos puros ou angélicos, seriam pre-existentes à matéria, sua união ao corpo tendo ocorrido por força do pecado.

Não admitem os sistemas reencarnacionistas a poena vindicativa, somente a medicinalis, o que vale dizer que rejeitam e expiação vicariante ou redenção, propriamente dita: deve cada um expiar suas próprias faltas (lei do Karma), corrigindo-se e purificando-se num processo periódico de auto-redenção, de duração indefinida.

Retomando o pensamento religioso da antiguidade, verificamos que somente na Cabala – repositório do esoterismo místico dos hebreus – é quem aparentemente de maneira exclusiva, nos textos sagrados, vamos encontrar referências à doutrina da reencarnação: “livro dos esplendores” ou Zohar, Zohar Hadasch e Tiqqunim.

Teve a referida doutrina, entretanto, marcante influência no pensamento religioso e filosófico dos gregos, contrariamente ao que sucedeu no Ocidente. À guisa de exemplo, aliás assaz curioso, bastaria referir-nos ao Líber de anima do cartaginês TERTULIANO (160 até 220 d. C.), grande apologista cristão. Conta-nos ele que PITAGORAS, nascido em Samos, no século VI a. C., acreditava ter participado da guerra de Tróia, em existência anterior, enquanto seu discípulo, EMPEDOCLES (483-424 a. C.), em vida pregressa, teria sido, nada mais, nada menos, que... um peixe – alimento, aliás, de que seu mestre ilustre se recusava a fazer uso...

As idéias reencarnacionistas teriam sido introduzidas na Grécia por TERECIDES (543 a. C.), mestre de PITAGORAS, que por sua vez as difundira entre seus discípulos, dos quais sobressaiu o referido EMPEDOCLES, autor da “Teoria dos quatro elementos” – terra, água, ar e fogo – preocupado com a tentativa de fazer coincidirem o “ser” e o “devir”.

Embora a comunidade pitagórica que se instalara em Crotona, na Itália meridional – de caráter amplo, místico-ritual, filosófico-religioso e político – já manifestasse idéias de transmigração das almas, metempsicose, teria sido o gênio universal de PLATÃO (427-347 a. C.), discípulo de SOCRATES, que buscou sistematizá-las cientificamente. Para aquele filósofo, atingida a idéia suprema do “bem” (DEUS), repontaria, no plano do pensamento, a reminiscência de uma vida anterior da alma.

Diverso foi o evoluir do pensamento reencarnacionista do Ocidente, conforme assinalado pelo erudito polonês PAUL SIWEK (). Embora aceito, em grande parte, pelos teutões, celtas e irlandeses, além de citado por HOMERO, VIRGÍLIO e OVIDIO, somente veio a desfrutar certo prestígio em época posterior, através de influência dos maniqueístas e gnósticos, entre os albigenses e cátaros. Na propícia atmosfera do platonismo do século XVI, repercutiu fortemente no napolitano GIORDANO BRUNO (1548-1600), julgado herege em Roma e vitimado pela fogueira, assim como no célebre dominicano TOMÁS CAMPANELA (1568-1639), utopista da Civita Solis e propugnador de uma monarquia católica e socializante. GIORDANO BRUNO, doutor em teologia e sacerdote católico, que, posteriormente, rapidamente transitou pelo calvinismo, permaneceu encarcerado durante sete anos, sem jamais abjurar suas doutrinas: monismo materialista e pan-psiquismo. Sob o pontificado de CLEMENTE VIII, foi queimado vivo, após julgamento pelo “Santo Ofício” ou “Tribunal da Inquisição”, em 17 de fevereiro de 1600. Anteriormente, já fora o indigitado ex-dominicano excomungado por calvinistas e luteranos, expulso de Paris, Londres e Estrasburgo.

Personalidade de vocação trágica, extremamente polêmico e rebelde, referia-se à Universidade de Oxford como uma “constelação de ignorantes, monturo de asnos e porcos”... Cinco anos após sua morte extinto o pontificado de CLEMENTE VIII, o século XVIII inaugurava o advento do “Antigo Regime”, que somente haveria de encerrar-se com a Revolução Francesa.

Mais tarde, ganharam as idéias reencarnacionistas alguns adeptos, ilustres mas isolados, como DAVID HUME, (1711-1776), filósofo e historiador inglês, cético questionador da imortalidade da alma e o alemão GOTTHOLD EFRAIM LESSING (1729-1781), humanista e livre-pensador.

No contexto cultural da época, as idéias pouco ortodoxas de todos esses grandes homens não encontraram suficiente ressonância no pensamento filosófico e religioso, consolidando-se cada vez mais o ponto de vista do cristianismo. Ao invés de uma série indefinida de hipotéticas existências sucessivas – nas quais “memória” dos erros do passado biológico anterior “não se consente” – o cristão sempre valorizou, como diz o Cardeal JEAN DANIELOU (), a sua única existência corporal atual. Radica

neste ponto básico a tremenda responsabilidade que lhe acarreta a liberdade, no drama cotidiano do exercício de seu livre-arbítrio, em suas opções e decisões contidas e resumidas num único, presente e definitivo peregrinar por este mundo. Através da Revelação e da Graça, sabe que somente poderá dispor de uma estrutura bio-sômato-psíquica, que lhe caracteriza a identidade material, nos seus aspectos genéticos, corporais propriamente ditos e instintivos, para poder preparar, com as faculdades de sua alma, isto é, com sua identidade pessoal, toda uma eternidade individual. A esta deverá chegar, depois do retorno de CRISTO e da ressurreição final, com o mesmo equipamento bio-sômato-psíquico, cujas transformações etárias deverão diluir-se no “corpo glorioso”, e com a mesma alma – isto é, com a mesma identidade pessoal.

Evidentemente, a hipótese, da reencarnação – que jamais recebeu prova positiva, com premissas que não podem ser comprovadas imediatamente (per se notae) nem imediatamente, por processos dedutivos – revela-se incompatível, enquanto repousa na auto-suficiência salvífica do homem constantemente, através dos canais da Revelação da Graça. Talvez por este motivo básico, sempre foi rejeitada pelas primitivas doutrinas do espiritismo anglo-saxão, o mais antigo, puro e autêntico. ()

Verificamos, na realidade, que as diversas doutrinas panteísta ou monista do reencarnismo, além de procurarem prescindir da redenção do homem, através de ciclos vitais sucessivos – como que interpretam a vida, bem supremo, dom e manifestação de Deus, como mera sanção. Confrontamo-nos, pois, com uma concepção religiosa absolutamente pessimista, trazendo, em seu âmago, mentalidade punitiva extremamente sui generis, dificilmente concebível, à luz do bom-senso e da lógica: o espírito da vítima (leia-se: a alma do homem), radical e definitivamente separado de sua estrutura bio-sômato-psíquica original – isto é, dissociada para sempre a identidade pessoal, em corpo perecível e alma – além de dever ignorar completamente o sumário de suas culpas anteriores, acumuladas, através dos séculos dos séculos, em um sem número de existências pregressas, habitando os mais variados conjuntos bio-sômato-psíquicos – naturalmente haveria de ressentir-se de total amnésia (privado de “memória” e “reminiscência”) e de completa desorientação, auto-alopsíquica: de se próprio, do tempo e do espaço... Tal e qual nos imagináramos, no momento em que escrevemos esses comentários, como também nossos eventuais leitores, talvez se não pudessemos recordarmos de

nossas vidas anteriores: agora irremediavelmente alienados, quem teremos sido, em outras existências? Se agora “retornarmos”, onde, quando e em que circunstâncias teremos caído em nossos terríveis peccata magna? Ou estaremos, acaso, simplesmente pagando ou nos termos limitado – talvez compreensivelmente, para reencarnados amnésicos... – à filosofia de comedamus et bibamus, cras moriemur, em nossa última encarnação?

Voltemos, entretanto, à realidade concreta, encerrando divagações e fantasias, em procurando localizar pela rama, os mais significativos aspectos do reencarnacionismo, nos dias que correm. Sob o rótulo genérico de teosofia podemos entender o agrupamento de várias doutrinas que visam ao conhecimento de Deus e do mundo através do esforço individual, da interiorização e da ascese pessoal, que proporcionariam a conduta sábia da vida e do desenvolvimento de potencialidade naturais do espírito humano que se encontram, ordinariamente, latentes e ocultas, fora do âmbito da compreensão e da simples capacidade volitiva do humano mortal. Trata-se, em última análise, de um corpo de doutrina metafísica e moral, cuja versão mais moderna, de raízes budistas e hinduístas, se deve a duas ilustres mulheres: HELENA P. BLAVATSKY (1831-1891), fundadora e presidente da “Sociedade Teosófica”, e ANNA ou ANNIE BESANT (1847-1933), que a substituiu na direção da organização. Um ramo dissidente é representado pela antroposofia do teólogo croata RODOLFO STEINER (1861-1925), que acreditava poder o homem, através da “ciência do espírito”, chegar ao conhecimento do subconsciente, do passado e do... futuro – naturalmente sem o recurso às técnicas de divã”, de SIGMUND FREUD, nem às da sofrologia e parapsicologia “avançada” – que, através de próteses “mediúnicas” e “sensitivas”, nos poderiam remeter às reminiscências da vida intra-uterina – nem às bolas de cristal das pitonisas... Evidentemente, como no caso do budismo, não se trata de religiões, propriamente. A teosofia blavatskiana não seria mais que um panteísmo emanantista, nebulosamente ou secretamente ligado ao budismo e lamaísmo. Fundada em 1875, veio a sofrer, em 1921, vigorosamente crítica de RENÉ GUÉNON, na bem fundamentada obra “A teosofia, história de uma pseudo-religião.” Seus adeptos, que não se dizem panteístas, têm como tese fundamental da doutrina o reencarnacionismo, além de negarem a existência de um Deus transcendente e imanente: o Criador e o homem seriam de natureza idêntica, não passando o segundo de um “fragmento divino”, com uma alma incapaz de existência própria, fora

do corpo. Por outro lado, não haveria, para eles, distinção entre o espírito (matéria em estado potencial) e a matéria (espírito cristalizado), integrando-se o homem de vários “corpos” ou “princípios do Ego”: o “físico”, o “astral” (emocional, ou dos sentimentos) e o “mental” (dos pensamentos concretos). O “corpo causal” ou da alma seria o dos pensamentos abstratos e dos sentimentos superiores. Os três primeiros comporiam a aura do homem, princípio sutil ou semi-material que interferiria nos processos vitais – termo este provavelmente inspirado se semântica do alemão TEOFRASTO BOMBASTO PARACELSO (1493-1541), o famoso médico, alquimista e filósofo. Nos sucessivos processos de reencarnação, o espírito abandonaria periodicamente esses corpos, para ir habitar outros corpos físicos, astrais e mentais.

HELENA P. BLAVATSKY não se preocupou com os clássicos argumentos anti-reencarnacionistas, especialmente os centrados na falta de “memória” ou de “reminiscência” das vidas anteriores, nem tampouco com a carência absoluta de bases experimentais ou científicas – no sentido estrito dos termos – que pudessem dar credibilidade à sua doutrina, já que não se apoiava ela em fé racional, nem lhe teria sido “revelada”, ao que nos consta... Aliás, como faz notar PAUL SIWEK, a ilustre teósofa se limita, com relação nebuloso conceito do Karma, ao ignoramus et ignorabimus – ou, repetindo suas próprias palavras: Jê n'en sais rien... Isto não obstou, entretanto, a que a fundadora da moderna teosofia interessasse contra-argumentar, com lógica e elegância, lançando mão do que poderíamos chamar de “metáforas de boudoir”. Transcrevemos as palavras de PAUL SIWEK, que assim tenta resumir-lhe o pensamento:

Dês lors, demande Madame Blavatsky, pourquoi s'étonner de ce que nous ne nous rappellions pas de nos existences antérieures? Lors de chacun de nos décès successifs, notre Ego dépose ses éléments physiques comme un vêtement usé; lors de chacune de nos réincarnations, Il reprend des vêtements neufs. Chercher dans notre organisme actuel le souvenir de nos vies passées est aussi absurde que d'examiner scrupuleusement au microscope

une chemise du criminel que celui-ci n'aurait jamais portée, afin d'y découvrir quelque trace du crime. Ni le corps physique ni le corps astral et le corps mental qui sont maintenant lês nôtres n'ont rien de commun avec le corps physique, le corps astral et le corps mental qui furent, au tours de nos incarnations passées, le siège de nos pensées et de nos sentiments. Il est vrai que, sous lês vêtements "corporels" que nous déposons à chaque réincarnation, se cachê toujours le même Ego spirituel, impérrisable, éternel. Mais l'Ego n'a pas l'habitude d'écrire sés secrets intimes sur lês vêtements.

Resumidamente, é este o pensamento reencarnacionista da teosofia, pelo menos o mais ortodoxo. Em contrapartida, o humilde cristão, reconhecidamente contingente, cujos pecados – os de um só corpo e de uma só alma, de uma só pessoa humana, na especificidade única de sua unidade bio-sômato-psíquica dotada de alma, singularidade biológica e espiritual caracterizando uma identidade pessoal – foram apagados pela intervenção divina de CRISTO, propõe, com fé solidamente racional e esperança inabalável, a retomada do mesmo corpo, da mesma identidade material, globalmente preservada apesar das alterações biológicas condicionadas pela faixa etária, na ressurreição final dos mortos.

Em outras palavras, na visão escatológica cristã, após as purificações das imperfeições do amor, atingida a bem-aventurança através de uma única vida biológica e espiritual – Visio Dei – na parusia, com o retorno de CRISTO, deverão reencontrar-se, na vida eterna, a mesma alma e a mesma estrutura bio-sômato-psíquica que foi por ela animada, embora já gloriosamente reformada, na ressurreição final: a mesma pessoa, enfim. Na palavra de SÃO PAULO (1, Cor, 6, 14):

O Espírito que ressuscitou Jesus dará também vida aos nossos corpos mortais.

Onde há religião, aí há esperança, dizia ERNST BLOCH, citado pelo teólogo LEONARD BOFF, que aduz: “E a religião é a expressão sócio-cultural (regima significativa) da fé e da esperança humanas.” Este mesmo princípio-esperança dos cristãos é por nós reconhecido, em última análise, na maioria de nossos irmãos reencarnacionistas, intelectualmente honesto. Deles divergindo doutrinariamente, mas respeitando seu ponto de vista, jamais poderemos deixar de reconhecer e louvar, sobretudo nos kardecistas, sua tendência mística elevada, na preocupação com o sofrimento do próximo e com a perfeição individual, bem como seu acendrado espírito de real caridade, traduzido e multiplicado em incontáveis obras, altamente meritórias.

O ENVELHECIMENTO PATOLÓGICO DO MUNDO

CADA vez mais raramente é-nos possível – aos homens dos tempos modernos – chegar à morte física através das veredas tranqüilas do envelhecimento “fisiológico” (“natural outcome”), no decurso habitual da atribulada existência terrena. Espreita-nos, a cada passo e permanentemente, o somatório da infortunística, das doenças, dos fatores ambientais adversos, dos nóxios sócio-econômicos os mais variados e degradantes – ditando-nos, sobretudo estes últimos, um comportamento cada vez mais anti-biológico, anti-humano, auto-aniquilador, característico dos tempos modernos.

Às vésperas de novo milênio e quase ao final de um século que se caracteriza por uma notável “eficiência tecnológica” (com o endeusamento da razão e o primado absoluto do método experimental e dedutivo), parece termos atingido o clímax do delírio auto-destrutivo. Alienou-se, talvez de maneira irreversível, o homem. Encontra-se enfermo planeta, impregnado de egoísmo, violência e ódio, de que as inúmeras tensões políticas e genocídios não são mais do que a exteriorização sintomatológica. Um simples defeito mecânico ou eletrônico poderá significar o fim da atual humanidade, na negra noite da poluição rádio-ativa total, desencadeada por hidrogênio ou nêutrons...

Encontra-se o nosso velho mundo, infelizmente, sob os cuidados de filósofos cientificistas e tecnocratas, sofrendo os impactos iatrogênicos de modelos terapêuticos sócio-econômicos dos quais se banuiu a justiça e o amor.

Voltam-se contra nós (contra o homem concreto, “aqui e agora”), os grandes “benefícios” de uma ciência que inaugura a plenitude da “era praxeológica”, intervencionista. Como faz notar o filósofo “somatista” T. HANNA (), os proto-mutantes da atual sociedade tecnológica pós industrial conseguiram modificar e controlar o meio ambiente do homem, criando, na realidade, um novo ambiente, muito mais nocivo e agressivo do que aquele que a natureza nos legou. A simples enumeração de alguns dos principais problemas com que se defronta o homem da sociedade moderna nos dará uma dimensão do caos a que nos levou uma ciência sem ética, altamente intervencionista:

- manipulação do patrimônio biológico e genético;
- manipulação do psiquismo individual e coletivo, através de técnicas de publicidade e de condicionamentos de massa, voltadas para o consumo;
- poluição industrial e nuclear, preparo permanente de guerras de extermínio sub-total ou total;
- crise demográfica, subnutrição, fome;
- desigualdades sócio-econômicas, desníveis de salários e rendas, miséria;
- primado absolutista da novíssima geração de tecnocratas e cientificistas, armados de satélites artificiais, foguetes, mísseis, computadores e instrumentos de automação e cibernética social – buscando “programar” o homem e o mundo...

Seriam esses os “sucessos” e benefícios” das ciências de nossa era praxeológica? Faltou-lhes e falta-lhes, desesperadamente o sentido de uma antropologia reflexiva e responsável – de uma ética.

Com muita propriedade, salienta H. JAPIASSU () que, com exclusão de Deus, tornou-se o homem, a um tempo, objeto da ciência e sujeito da ciência – substituindo-se a Deus e opondo-se à natureza: morte do homem, como conseqüência da “morte” de Deus.

Na realidade, sacrílegos, banimos o Criador e empenhamo-nos em devassar os mistérios da natureza com o objetivo egoístico de manipulá-la, através de uma techné altamente intervencionista, de acordo com os nossos interesses imediatistas e materialistas. Em conseqüência, fruto da alienação de uma ciência a-ética (que chega às raias do “human engineering”), surge o espectro da hecatombe universal, do apocalipse nuclear, após dois ou três milênios de uma cultura ocidental que, a partir do trampolim do “cientificismo” erigido em ideologia, se mostra, já, agora, potencialmente suicida.

Aonde nos levará este dramático “envelhecimento patológico” do mundo, fruto da mentalidade cientificista contemporânea? A outros mundos, a outra humanidade? Na verdade, aos distímicos “mutantes somatizados” da sociedade tecnológica pós industrial, aos “evolucionários-revolucionários” dos tempos atuais, já enfadaram o nosso planeta, a vida terrestre, o próprio homem... Ontogeneticamente míopes e metafisicamente cegos, decretam a “morte” de Deus, da teologia, da metafísica, da filosofia, da moral – no altar da praxeologia tecnocrata-cientificista, que não reconhece mais o espírito: tudo é soma, tudo é corpo, cada vez mais manipulável, em busca da eficiência, votada ao consumo. Talvez por isso, partem, então, em busca de outros mundos, de outros planetas, de outros seres – que fatalmente irão contaminar, manipular, destruir...

TIVERAM seus precursores, os cientificistas-tecnocratas modernos, que se desumanizaram. Seriam herdeiros do naturalismo (filosófico e epistemológico) preparado por KANT, com suas bases epistemológicas para a teoria cientificista do conhecimento – já anunciadas pelo positivismo de LAMARCK E COMTE. Atentos e cegamente obedientes, escutaram bem as trombetas (na realidade pré-apocalípticas) dos corifeus da ciência somática (DARWIN, FREUD, LORENTZ, PIAGET, REICH) e dos filósofos da somatização (MARX, NIETZSCHE, MERLEAU-PONTY, CAMUS, etc), para mergulharem, finalmente, na esquizoidia fenomenológica de HUSSERL E HEIDEGGER, ou no existencialismo doentio de SARTRE... Certamente, também deu sua contribuição negativa à etiopatogenia deste quadro alienatório um grande distímico e angustiado, o doce enamorado de Regina Olsen – KIRKEGAARD, o “cristão-existencialista” que, com o NIETZSCHE, de Lou Salomé e Cosima Wagner, compõem a dupla patológica mais notável de filósofos “para o futuro”, incompreendidos dentro de sua auto-reconhecida, como salienta T. HANNA (), “Unzeitgemässheit”...

Já se distinguem, entretanto, na algaravia do mundo moderno, algumas vibrantes vozes de protesto contra os “dogmas” da antiga e doentia filosofia, que oscilava entre o racionalismo pragmático e a esquizolalia dos vetustos mestre alemães. Ainda recentemente – março de 1978 – o jovem e controvertido filósofo francês, ANDRE GLUCKMANN, “rebelde da geração de 1968” e ex-comunista da linha maoísta, assim se expressava ():

“O raciocínio matemático aplicado à filosofia, de parte de Hegel, Marx e Nietzsche, criou ilusões que só foram abaladas por Freud, embora nem de longe esse abalo tivesse impedido o fortalecimento do Estado totalitário moderno e seu produto odioso que é o controle de mente humana e o Gulag”.

Prosseguia o filósofo, convalescente, ainda, de duvidosa e recente “conversão”:

“A filosofia antiga ensinava a aceitar a própria morte, enquanto as ideologias modernas ensinam a aceitar a morte dos outros. Em seu nome, tudo é justificável, e os homens perdem toda sua importância. É urgente deixar de pensar com a ajuda de modelos do século XIX, e de começar a pensar por conta própria, diante dos problemas do século XX. A partir da Revolução Francesa – que fez principalmente reforçar a máquina do Estado – os homens como que perderam a estima pelo saber. O prestígio do filósofo cedeu lugar ao prestígio do cientista. Os mestres pensadores que surgiram / mais tarde, autores da “ciência social”, tornaram-se fabricantes de todas as verdades. O que eles diziam nunca chegou a ser verificado. A razão pela qual eles eram mestres nunca foi investigada, nem suas idéias foram devidamente examinadas.”

Finalizava, de maneira incisiva:

“Todos os esforços da filosofia, nos últimos séculos, levam a alguma forma de controle, e ela própria se exime de culpa diante das monstruosidades que criou. Como Guilherme de Orange, olhando de longe a carnificina de Verdun, ela diz: “não desejei esses resultados”. Diretamente culpada ou não, a filosofia produziu Marx, que engendrou o Gulag, criou Hegel, que santificou o Estado, gestou Fichte, que preparou o nacionalismo e formou Nietzsche, que avalizou o nazismo”.

Quanto a este último filósofo, comentaríamos que seria difícil discernir, em sua obra, a exata contribuição do Treponema pallidum, na configuração do quadro de paralisia geral progressiva, da loucura final – a mesma infecção luética de que padeceram MAUPASSANT, HEINE, BAUDELAIRE, MUSSET E VERLAINE – transparecer nitidamente, em suas manifestações psíquicas, em algumas páginas do “Ecce Homo”...

Dir-se-ia, em suma, que o homem moderno, micro-partícula cósmica dotada de alma, consciência e livre arbítrio, deste último abusou, optando por navegar sem bússola e sem Deus, entregando-se completamente ao império do “princípio da incerteza” (HEISENBERG), na busca suicida da entropia final... que já se pode vislumbrar, hoje em dia, na perspectiva da guerra total e da poluição nuclear.

GERONTOLOGIA E GERIATRIA

A LUTA pela sobrevivência do homem no planeta – especificamente, contra o inevitável envelhecimento que conduz à morte biológica – naturalmente se confunde com a própria história da medicina preventiva e curativa, com todo o imenso acervo terapêutico tradicional e primitivo – aí incluídas a magia e a religião – como também com os inúmeros recursos terapêuticos modernos, propiciados pela explosão tecnológica, de que se pode beneficiar a medicina dos dias atuais.

A doença, o sofrimento físico e moral – condicionados pela voluntária e alienante ruptura do homem com o Criador, consigo próprio e com o meio ambiente, por ele manipulado – vêm acompanhando a humanidade desde os tempos pré históricos.

Se com a dor foi inaugurada a reflexão filosófica do homem mais primitivo, durante colocado ante a evidência da precariedade e limitação catastrófica de sua vida biológica, verdade é também que com ela nasceu à compaixão e a solidariedade do grupo, sempre em luta os mais variados nóxios ambientais, em prol da preservação ou recuperação da saúde do indivíduo – comportamento instintivo também observado em certos grupamentos animais, como os das focas, elefantes e gorilas ().

Ao longo de milênios de evolução cultural, passando pelas práticas mágicas, preces e encantamentos, danças rituais e sacrifícios expiatórios, chegou-se, gradativamente – do mago ou feiticeiro ao sacerdote, do alquimista ao médico todos, em menor ou maior escala, impregnados da centelha divina que sempre abrigou o coração humano: o amor ao próximo, a fraternidade, à disposição heróica ao auxílio, nunca absolutamente ausentes, através dos tempos, ante a dor, a doença, as catástrofes, as guerras e a morte, nos progressivos estágios culturais da humanidade. Com esta, certamente, progrediu a nobre arte, o “divinum opus” – a medicina. No decurso do seu progressivo processo de institucionalização na cultura humana, a partir de raízes chinesas, hindus, babilônicas e egípcias, as pílulas e poções foram gradativamente, no evolver dos séculos, substituindo os rituais sacrificiais e as práticas mágicas. As ousadas trepanações e toda a gama de intervenções cirúrgicas, as mais variadas, passaram a fundamentar-se no “observatio et ratio”, nos albores do método científico inaugurado por ARISTOTELES e cristalizado na medicina de HIPOCRATES, no panteísmo da medicina grega – logo extravasada em Roma e Alexandria.

Já em etapas posteriores, tanto na medicina árabe como na monástica, era evidente a preocupação com a longevidade, com a dilatação do tempo médio da vida humana – a mesma preocupação, basicamente, da gerontologia moderna. O mesmo homem que se frustrou ante a torre de Babel e busca “compensar-se” poluindo com mãos e pés a Lua, denodadamente ainda procura, hoje em dia, a “pílula” ou “vacina” que lhe assegure o adiamento, sine die, do seu retorno ao nada – incapaz de encarar a morte como “vida”, como vere die natalis...

Na realidade, a preocupação dominante da cultura atual, neste aspecto, na medida em que se encontra limitada por imposições sócio-econômicas alienizantes, não se prende tanto à pessoa do longevo quanto à pluridimensional problemática da “explosão” populacional dos gerentes, nos tempos atuais...

De fato, em países como os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha Ocidental, Rússia, Espanha, França e Grécia, já assumem particular relevância problemas de natureza sócio-econômica, em função da significativa rapidez com que vem aumentando o percentual da população com mais de sessenta e cinco anos de idade. Conforme dados fornecidos por H. M. HODKINSON (), havia na Inglaterra, em 1901, aproximadamente 1,7 milhões de pessoas com mais de sessenta e cinco anos de idade, representando cinco por cento da população total – contra 5,3 milhões em 1951 (onze por cento), o que se deveria, sobretudo, ao decréscimo da taxa de mortalidade infantil e média, bem como aos modernos recursos na prevenção e tratamento das moléstias infecciosas.

P. C. AFFONSO FERREIRA, ilustre geriatra patricio, Secretário da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, em recente e magnífico trabalho () vem fornecer-nos uma visão geral de fenômeno do aumento do percentual de envelhecimento no mundo, conforme os quadros demonstrativos abaixo (GUILLENLERRA, 1975):

O mesmo autor, citando dados coligidos por WEDDERBURN, em 1975, diz-nos que “na Inglaterra e País de Gales.... “

Já nos Estados Unidos conforme a mesma fonte, (ROSSMAN, 1974) “em números absolutos...”

Dados mais recentes, de 1977, permitiam calcular que dez por cento da população dos Estados Unidos (aproximadamente 22 milhões de pessoas) tinham sessenta e cinco anos ou mais anos de idade. No mesmo país a expectativa de vida era calculada em torno de setenta e sete anos, calculada a partir da data de nascimento. As pessoas com sessenta e cinco anos de idade (survivors) poderiam contar viver mais quinze anos, as de setenta e cinco, mas nove – em média (a). Do confronto dessas cifras com a expectativa média de vida na Índia – por volta de 35 anos, em média (b) – ressalta a importância dos fatores sócio-econômicos na longevidade.

Também no Brasil tem crescido o número de idosos – acima de sessenta anos de idade. Dados oficiais nos informam de que haveria no país, em 1970, quatro milhões de idosos, contra 5,4 milhões em 1972, numa população total superior e cento e cinco milhões de habitantes – prevendo-se, para 1980, a cifra de 6,5 milhões.

Lamentavelmente – para um país jovem e potência emergente – continuam esses idosos, em sua imensa maioria, marginalizados pela Previdência Social, a pesar de o atual governo e os nossos homens públicos terem, ultimamente, envidado esforços para o aprimoramento da assistência aos idosos, em nosso meio. A pensão vitalícia para os inválidos e para todos que hajam contribuído para a Previdência Social pelo menos durante um ano, a dilatação do limite e de idade para admissão aos serviços públicos, bem como a concessão de aposentadoria integral aos que voltam a trabalhar – são alguns aspectos que atestam os progressos assinalados.

SEM DÚVIDA, o quadro geral que vimos de expor é bastante a explicar o crescente interesse dos estudos gerontológicos, em todo o mundo, sobretudo a partir de 1951, quando NATHAN SHOCK fundou a Associação Internacional de Gerontologia. A “Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia” nasceu, entre nós, em 1961, fundada por ROBERTO SEGADAS, tendo como seu primeiro presidente o ilustre mestre DEOLINDO COUTO, de quem tivemos a honra de ser aluno, nos bancos escolares do Instituto de Neurologia da Praia Vermelha, da Faculdade Nacional de

Medicina da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro). É seu atual presidente o ilustre colega A. C. SILVA SANTOS, e integra, desde 1970, a “Federação Latino0Americana das Sociedades de Gerontologia e Geriatria”, que abrange instituições da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

Desenvolvem-se, correlatamente em todo o mundo, os estudos de geriatria (NASCHER, 1909) e gerontologia básica, visando tanto ao esclarecimento, aconselhamento e preparo psicológico para o processo de envelhecimento, como às tentativas para retardá-lo, numa linha de profilaxia e reabilitação. Fundações, universidades, hospitais, médicos, enfermeiras e assistentes sociais, dedicam-se aos problemas do geronte, de maneira intensiva e especializada, atentos às peculiaridades da fisio-patologia humana nas faixas etárias mais avançadas. Enfatiza-se o problema das “enfermidades múltiplas” no senescente, sobretudo de cariz degenerativo, como:

- artrose
- osteoporose
- catarata
- surdez

NEURO-PSIQUISMO SENIL

“- Doutor, é caduquice ou doença?”

(A.)

“A velhice é, por excelência, o domínio do psicossomático”

(SIMONE DE BEAUVOIR)

“There is a major need for providers of health care to educate people that there is a difference between disease and gold age, and that much can be done for the former to improve the latter.”

(G. D. COHEN)

AS DIFICULDADES que envolvem o estudo das manifestações neuropsíquicas do geronte radicam, em grande parte, na complexidade anátomo-funcional das estruturas nervosas superiores e das manifestações propriamente orgânicas (organic brain syndrome), como também no característico pleiomorfismo dos variados quadros psicológicos característicos, até certo ponto, da senescência dita fisiológica, obviamente progressiva – gerando dificuldades diagnósticas paralelas e proporcionais. Por outro lado, integrando o quadro de “isolamento global” da pessoa de idade avançada, avultam os óbices a comunicação do geronte com seus familiares e com seu próprio médico, também não absolutamente imune, este último, aos numerosos preconceitos, mitos e incompreensões de que estão eivadas as relações do geronte com a ambiência – na saúde e na doença.

Em nossa experiência pessoal, na grande maioria dos casos, o idoso “caduco”, “gagá” ou “esclerosado” é pura e simplesmente uma pessoa idosa doente, como outra qualquer, em faixa etária diversa da do observador – apenas e lamentavelmente marginalizada, incompreendida, mal analisada (clínica e psicologicamente) e maltratada (na dupla acepção) pelos familiares e pelos médicos desinformados. Alguns destes – felizmente uma minoria – ante as notórias dificuldades em colher-se a anamnese correta do paciente senil e com ele estabelecer o indispensável rapport,

optam pelo inidôneo e bem mais cômodo expediente da anamnese indireta, através de interrogatório dos familiares ou “amigos” que, freqüentemente, por ignorância ou interesse doloso, distorcem a realidade clínica. Passa-se, assim, da prática geriátrica para a da pseudo-pediatria ou... veterinária. E estabelece-se a empatia, freqüentemente lucrativa, não com o paciente senil, mas com sua ambiência... Converte-se, assim, a senilidade, na most over or misdiagnosed condition () – tanto para leigos como para médicos.

NA REALIDADE, talvez caiba culpa maior ao próprio cérebro humano – que avaramente, sobretudo quando senescente, não nos revela senão ínfima parte de seus maravilhosos segredos, de suas complexas relações com a senso-percepção, a representação, a consciência, o psiquismo, a alma e o espírito.

De fato, é este órgão, que tem recebido verdadeiro culto da latria, de todas as cepas de materialistas (cientistas “somatizantes” e filósofos “cientifizantes”) – prodigiosamente complexo, mesmo quando encarado do ponto de vista puramente anatômico. Para fins práticos, diríamos ser maravilhosamente “impensável”. Não obstante, este hermético substrato anatômico já se encontra sob a mira da ciência moderna, sobretudo dos sociobiologistas – pseudo-cientistas, para muitos – e dos “magos” da biofísica molecular, CARL SAGAN (), entre outros.

Com a metodologia similar à que se vem aplicando ao estudo da “informação genética”, adaptam-se, hoje, ao estudo dos neurônios e das sinapses os modelos computacionais de criatividade humana e os “estados” mentais. É o que resumidamente, nos informa S. MASCARENHAS ():

“Admitimos que cada sinapse de um neurônio funciona como uma chave eletrônica num computador, capaz de duas posições (sim e não, aberta e fechada), isto é, um bit por sinapse. Calculando-se em média no ser humano, por exemplo, 1.000 sinapses por neurônio (oscila de 1.000 a 10.000), como temos, em média, cerca de dez bilhões de neurônios no córtex (o cerebelo tem outros tantos 10 bilhões, mas suporemos que o cerebelo não tem funções cognitivas ou de memória programável, para esta discussão), podemos contar, no mínimo, da ordem de 10 trilhões de bits programáveis no homem.

Para se ter uma idéia do que isso significa, vamos fazer algumas comparações com um computador digital moderno (1978). Como o volume do cérebro humano é da ordem de mil centímetros cúbicos, a densidade de bits é muito alta (dez trilhões de bits em 1.000 centímetros cúbicos resultam em 10 bilhões de bits por centímetro cúbico). Esta é uma densidade de informação cerca de dez mil vezes/ maior que a de um computador moderno. Contudo, a velocidade de processamento de informação, isto é, a taxa de bits processados por unidade de tempo, é relativamente pequena no cérebro humano. O cérebro humano é capaz de processamento da ordem de 5.000 bits por segundo. Um computador moderno é capaz de processar bilhões de vezes mais rapidamente do que nós. Entretanto, nosso cérebro tem sabidamente um desempenho melhor, em geral, do que qualquer computador atual.”

Recordemos que o bit (binary digit) é a unidade standard de informação, correspondendo a uma alternativa binária simples, como “sim-não”, “zero-um”, “verdadeiro-falso”.

Por outro lado – imergindo na vertigem do infinitamente grande nos domínios do infinitamente pequeno... – façamos notar que, se à época do nascimento contamos com cerca de 10 bilhões de neurônios no córtex – células nervosas que se renovam – perdemos, em média, após os trinta e cinco anos de idade, cerca de cem mil células nervosas por dia, vale dizer, 36,5 milhões de neurônios cada ano – um bilhão em trinta anos aproximadamente...

Não seria de estranhar-se, pois, que este desgaste celular contínuo, aliado ao fato de que, como hoje sabemos, grande parte dos indivíduos, após os vinte e um anos de idade, já são portadores de sinais de aterosclerose – não seria de estranhar-se, dizíamos, que essa somatória de fatores resultasse, com o passar dos anos, em exuberante sintomatologia clínica, tanto neurológica quanto psicológica, com distúrbios de comportamento correlatos vinculados a disfunção cerebral.

A verificação das variações de peso e volume do encéfalo na idade avançada – isto é, da atrofia cerebral – com redução progressiva do número de neurônios, poderia levar-

nos à hipótese simplista de que esta diminuição “populacional” bastasse a explicar todas as alterações do neuropsiquismo senil. Perdemos, na realidade, a partir dos trinta anos de idade, cerca de trinta e seis milhões de neurônios, em dez anos – sobretudo os da zona precentral, pós-central e temporal superior do cérebro, áreas nobres, relacionadas a atividade motora e sensitivo-sensorial.

Hoje sabemos, contudo, que embora diminua o peso do cérebro ao longo do tempo de vida, dos vinte aos oitenta anos de idade limita-se a cerca de 19,7% a perda de células, não sendo esta diminuição populacional celular suficiente para explicar toda a complexa sintomatologia da idade avançada – exceto, talvez, em determinados casos de demência senil, quando poderia ocorrer maior perda de neurônios ().

As últimas pesquisas no campo da fisiopatologia da insuficiência cérebro-vascular própria do envelhecimento apontam à importância maior das alterações metabólicas e enzimáticas (anidrase carbônica, acetil-colinesterase, etc.) quando confrontadas com as puramente morfológicas, v.g., redução da massa encefálica, diminuição dos espaços cerebrais extracelulares, deposição de lipofucsina. Assim poderiam resumir-se as referidas alterações metabólicas:

- diminuição do fluxo sanguíneo cerebral, com isquemia e hipóxia
- diminuição do consumo cerebral médio de oxigênio, redução da respiração celular, diminuição da produção de ATP e aumento da glicólise anaeróbica
- declínio da atividade enzimática, com diminuição das respostas pós-sinápticas

Acrescente-se que o fluxo sanguíneo, ao nível da micro-circulação cerebral, dependerá de mecanismos de vasodilatação e vasoconstrição, fenômeno que, por sua vez, têm regulação química, relacionando-se, basicamente, às variações de H⁺ e K⁺ nos espaços intracelulares e às de pH – a acidose conduzindo à vasodilatação e a alcalose, à vasoconstrição.

PIETRO DE NICOLA, Diretor do Instituto de Gerontologia e Geriatria da / Universidade de Pavia, na Itália, assim comenta a importância das alterações circulatórias no envelhecimento ():

“No adulto normal, o fluxo hemático cerebral é de, aproximadamente, 800 ml por minuto, que correspondem a 15-20% da massa sanguínea total, ou seja, uma quantidade notável, no sentido relativo ou absoluto. Em um velho perfeitamente são e normal, não deveriam existir modificações significativas do fluxo hemático cerebral. Contudo, mesmo na ausência de uma insuficiência cérebro-vascular declarada, verifica-se, no decorrer do envelhecimento, diminuição progressiva do fluxo hemático cerebral, que pode alcançar valores de 20-30%. Uma interrupção do fluxo hemático de 15 a 20 segundos pode conduzir ao aparecimento de convulsões; em torno de 2 a 4 minutos, aparecem lesões irreversíveis”.

O conjunto destas observações e pesquisas já nos permite concluir que o envelhecimento cerebral é, em última análise, uma disfunção metabólica, como, recentemente, nos afirmou, em São Paulo, o Prof. W. MEIER-RUGE (), de Basiléia, após brilhante conferência sobre aspectos experimentais e farmacológicos os envelhecimento, em curso de neurologia e psiquiatria geriátrica, da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (Secção de São Paulo), em abril de 1978. Conforme suas palavras, na ocasião, a teoria da diminuição populacional celular como causa única das alterações neuropsíquicas do senil seria apenas an old story...

De qualquer forma, são importantíssimas as alterações somáticas do encéfalo na senescência, influenciando, obviamente, de maneira significativa, na alteração da eficiência fisiológica. Além da já citada redução do peso médio do cérebro, a partir do pico máximo situado entre os 20-30 anos, com rápida curva descendente, idêntica nos dois sexos – observam-se as seguintes alterações histológicas:

- diminuição gradual dos corpúsculos de NISSL
- retração do corpo celular

- pigmentação celular
- degeneração grânulo-vacuolar
- alterações neurofibrilares de ALZHEIMER

- as duas últimas encontradas no encéfalo de alguns gerontes psicologicamente normais (ANDREW, 1956 – GELLERSTEDT, 1932).

DEIXAREMOS à margem o estudo dos distúrbios propriamente psiquiátricos na senescência (neuroses, psicoses), apenas citando-os, conforme a sistematização de MAYER-GROSS, SLATER e ROTH () – distúrbios afetivos e quadros psicóticos:

- depressão atípica
- depressão pseudo-demencial
- depressão com turvamento da consciência
- depressão com doença física crônica e incapacitante
- depressão reativa
- depressão orgânica
- mania ou hipomania
- neuroses
- parafrenia tardia
- demência pré-senil e senil
- doenças de ALZHEIMER, PICK, JAKOB, CREURZFELDT

Abrangem os três últimos tópicos as formas mais graves, vinculadas a alterações orgânicas significativas, de natureza degenerativa ou arteriosclerótica, de evolução crônica e grandemente incapacitantes.

No que respeita às neuroses, diríamos que não há quadro neurótico específico desta faixa etária, sendo encontradas síndromes de angústia e de depressão, quadros fóbico-obsessivos, alcoolismo, etc.

Em nossa experiência pessoal – ao longo da prática da clínica médica, num enfoque eminentemente psicossomático – não cremos – com o perdão dos “freudistas” ortodoxos, na especial relevância dos mecanismos de frustração e relação ao objeto amoroso e sublimação da libido represada, como determinantes patogênicos

condicionantes do quadro neurótico senil. Acreditamos que o lento evoluir do processo senil, com a progressiva perda de – às sucessivamente novas realidades do senescente, tanto à sua própria disfunção biológica quanto aos objetos externos de satisfação, facilitando-lhe a elaboração de mecanismos de renúncia ou troca, de caráter compensatório.

Por outro lado, as restrições impostas pela velhice (motoras, circulatórias, sexuais), geralmente coincidem com menores aspirações e menores solicitações do meio ambiente, facilitando-lhe a “homeostase psíquica” e a adaptação geral à nova ambiência social e ao novo contexto familiar, onde aparecem a nora, o genro, os netos – na maioria dos casos, fontes de gratificação emocional.

Evidentemente, cumpre distinguir os neuróticos que envelhecem, geralmente já objetos de maior tolerância familiar e social, dos velhos que se tornam neuróticos. Na segunda categoria, cremos, terão singular relevância como fatores determinantes externos as perdas súbitas e irreparáveis, como a morte de parentes, perda de bens, podendo determinar quadros depressivos agudos.

Na realidade, julgamos que, embora sejam comuns as neuroses na idade avançada, em regra dispõe o processo involutivo psicológico, de mecanismos fisiológicos de auto-compensação ou regulação, diminuindo o impacto emocional dos processos, privações e vicissitudes que poderão ir-se acumulando ao longo dos anos.

Se, por um lado, tem o geronte menor capacidade de comportamento eficiente em situações novas estressantes – donde a importância dos nócios psicológicos externos na deflagração de neuroses senis – por outro lado, acham-se diminuídas suas capacidades para o pensamento abstrato de conceitos novos, como já fazia notar BURDACH, em 1819.

Se por um lado, existe a lentidão operacional, de desempenho, com maior tempo necessário para o reconhecimento do observado e para escolher e controlar as respostas (WALDORF, 1963) – por outro lado, conservam-se as capacidades mentais “cristalinas” (CATTEL, 1943) – o que explicaria o fato de que “os hábitos

estabelecidos com o tempo em um campo particular, já tornam desnecessária a “percepção criteriosa para a operação/ com sucesso”().

A habilidade de perceber novas relações, diminuída também na senescência (capacidade “fluida”) vem fatalmente compor o quadro de alterações psicológicas nesta fase etária, contribuindo para a característica “interiorização” e rigidez afetiva e conceitual do geronte – aspecto que, a nosso ver, lhe dariam maior e “fisiológica” proteção contra grande número de agentes patogênicos neurotizantes.

DIFICULDADES de sistematização nosológica já espontam à tentativa de analisar-se de maneira global, os aspectos ditos psíquicos do envelhecimento. Suas variações estarão relacionadas tanto ao individuo quanto às diversas funções psíquicas, propriamente:

- inteligência
- capacidade de memorização
- capacidade de aprendizado
- habilidade em resolver problemas.

Doutra parte, esbarramos como o problema, por nós já assinalado, de necessidade de estabelecer-se um critério cronológico para o envelhecimento – o neuro-psíquico, em particular. Como, jocosamente, registra D. PERESTRELLO (), “velho haveria sempre de ser aquele que tem mais dez anos do que nós...” já que “a idade é uma senhora muito caluniada...”

Arbitrariamente – até certo ponto – distinguem alguns gerontologistas, no evoluer global da existência humana, uma fase juvenil – até / os quinze ou vinte anos de idade – em que o desenvolvimento biológico e os aspectos comportamentais teriam regulação genética, e outra, a fase adulta, inaugurando a deterioração progressiva e cumulativa das funções bio-psicológicas, com reflexos no comportamento, paralelamente ao desgaste progressivo, anátomo-funcional, de cérebro humano. Vários pesquisadores, particularmente D. B. BROMLEY (), Liverpool, salientam que é sobretudo nesta fase adulta que se evidencia a precariedade de critérios biológicos precisos para poder-se caracterizar a progressão do envelhecimento. Teremos, então, que contentar-nos com a elasticidade inerente ao critério cronológico, num período

vital aparentemente imune ao controle genético – exceção feita, talvez, para a menopausa. Estabelecer-se-iam, assim, algo arbitrariamente, as seguintes faixas etárias (D. B. BROMLEY ()):

- fase adulta inicial
- meia idade
- fase de retraimento
- velhice

Comentamos, linhas atrás, à voil d’oiseau, certos critérios biológicos, mensuráveis ao nível das diversas funções dos órgãos e sistemas da economia. Deixaremos à margem outros critérios sociais (“status”, acervo de tradição e função do geronte, etc.) de relevância não menor para a correta avaliação psicológica do envelhecimento – para tentarmos, finalmente, delinear os principais aspectos neuro-psíquicos do processo.

NO CONTEXTO familiar, dificilmente se poderia exigir da entourage do senecto – mesmo hígido – aquela atitude fundamental que deveria constituir-se na regra áurea do relacionamento do médico com o mesmo: tratá-lo fisicamente como criança e mentalmente, como adulto, imperativo da fragilidade anátomo-funcional do geronte e de seu freqüente amadurecimento mental, à custa de suas capacidades mentais “cristalizadas”, que discutiremos adiante. Pelo seu alto grau de dependência física, a raiz, sobretudo, da surdez, da deficiência visual, das dificuldades de deambulação, das artroses, do parkinsonismo, etc. – em muito o paciente senil semelha a criança, sujeito, como esta, à incompreensão, à reclusão domiciliar, as quedas e diversos acidentes. Por outro lado, a simples desproporção entre a capacidade física – freqüentemente evidenciada nos mais simples cuidados de higiene auto-pessoal e alimentação – e a capacidade mental, preservada em vários aspectos, poderá impelir, com extrema facilidade, estes pacientes às tão comuns síndromes depressivas reacionais – que, aliás, soem responder bem ao tratamento adequado. É o que através dos anos, temos observado, tanto em nossa clínica privada como na prática hospitalar – reflexos, talvez, da auto-estima ainda preservada, na pessoa idosa, apesar das diversas manifestações incapacitantes, das quais sobressai, de maneira relevante, a deterioração da memória.

Se a esse quadro peculiar associarmos a extrema inabilidade emocional observada em alguns senectos – freqüentemente exteriorizada na incontinência de lágrimas ou na explosão verbal – melhor entendermos as dificuldades que tem, de regra, o praticien, ao tentar estabelecer o absolutamente indispensável rapport, a necessária empatia com seu paciente.

Nossa passada experiência didática – ensinando propedêutica médica na Faculdade de Ciências Médicas de Santos – bem como a atual na Preceptoría de Clínica Médica (curso para residentes e internos) da Santa Casa da Misericórdia de Santos, demonstra-nos a lamentável tendência, de grande número e médicos recém-formados, em minimizar a importância da anamnese e supervalorizar os dados fornecidos pela propedêutica armada, pelos exames, laboratórios – v.g., exames cintilográficos (medicina nuclear), rádio-imuno-ensaios, etc. – solicitados, ad nauseam, para gáudio do empresário hospitalar – e desespero da Previdência Social – seguida de acurado exame físico do paciente. A “queixa principal”, a “história da doença atual”, o registro dos hábitos e condições de vida, dos antecedentes pessoais e familiares, o approaching psicológico, a análise dos fatores sócio-econômicos e culturais – enfim, todos os elementos absolutamente indispensáveis a um estudo dinâmico integral do enfermo, são deixados à margem, freqüentemente, pela nova geração médica, despreparada para redigir “observações clínicas”, contaminada pela mercantilização, sem treinamento no observatio et ratio, sem cultura geral de base humanística e muito menos técnica propedêutica, magnetizada pelo cientificismo da tecnologia moderna.

Evidentemente, são facilmente previsíveis os resultados desastrosos, para o paciente-pessoa, de semelhante atitude médica. No caos especial do paciente geronte, maiores os riscos, maiores as dificuldades técnicas, pois além de sua natural dependência, tem ele, freqüentemente, extrema dificuldade em solicitar ajuda ou auxílio técnico especializado, médico – como também em expor, ao interrogatório anmnéstico, sua problemática patológica, em termos de cronologia, localização e extensão, bem como de intercorrências e circunstâncias.

Já à simples abordagem do paciente senil deve o médico exceler em sua arte, tais as dificuldades que enfrentará. Dizem os árabes que “perguntar bem é saber muito”.

Lembrar-se-ão, sobretudo os jovens facultativos, que nem toda pessoa idosa gosta de ser tratada por “tio”, “vovô” ou “vô”; que nem todo velho é surdo; que o interrogatório prolixo cansa o paciente; que, freqüentemente, é tão importante, para ele, a descrição detalhada das características de sua evacuação, quanto a interposição ou intervenção de familiares ou acompanhantes ao expor suas queixas...

Deverá o médico, obrigatoriamente, respeitar a personalidade do paciente senil, vendo-o como uma unidade bio-psico-sômato-sócio-econômica dotada de alma, como pessoa – procurando despistar, por outro lado, com habilidade, prudência e descrição, os diversos conflitos familiares que geralmente o cercam. Sua própria rigidez conceitual, expressa na tradicional “teimosia do velho” (compensação, talvez, ao sentimento de diminuição da auto-estima ou reação às diversificadas pressões familiares), aliada à difusa acentuação dos traços, de sua personalidade – são bastante já a dificultarem, enormemente, a relação médico-paciente, como também a deflagarem tempestades domésticas, comumente observadas em grupamentos familiares de nível sócio-econômico e cultural mais elevado, quando ocorrem as contestações ao geronte sage ou savant, ainda lúcido, auto-determinado em seu amadurecimento.

Meditará o clínico nas sábias palavras de BACON (), quando da anamnese de seu paciente senil:

“É mais fácil extrair a verdade do erro que da confusão”.

E com esta última deverão, sobretudo os jovens internos e residentes, contar quase sempre, como nos diz a experiência pessoal, em suas tentativas de relacionamento profissional com os idosos – armando-se de paciência e argúcia clínica, condições absolutamente necessárias ao estabelecimento de diagnóstico correto e terapêutica adequada, Lembrar-se-ão de que poderá haver, de parte do próprio paciente, a minimização de importantes sinais e sintomas – “Bem, que posso esperar na minha idade?” – assim como a ausência de descrição, ou simples menção, de certas afecções, como depressão, déficits locomotores, visuais e auditivos, distúrbios urinários e da potência sexual. ().

Ocorrem-nos as palavras lapidares de T. PADILLA ():

“La anamnesis es la base fundamental y insustentable del diagnóstico. Es la parte del examen clínico a la que nunca se debe escatimar tiempo y la que exige mayor ciencia y experiencia del médico”.

COMO parecem indicar os estudos e pesquisas de D. B. BROMLEY (), verifica-se, no campo específico das chamadas “capacidades mentais”, que, enquanto umas se mantêm constantes ou se aprimoram, com o envelhecimento, outras se deterioram ou declinam, conforme, se relacionem a níveis de conhecimento, experiência e treinamento – ou, simplesmente, a habilidade inatas. Segundo o mesmo autor, estariam no primeiro caso as chamadas “capacidades cristalizadas” (cultura geral, vocabulário, bom-senso), e no segundo, as “capacidades fluidas” (memória, raciocínio espacial, imaginação criativa, aprendizado). Conclui o gerontólogo que o puro e simples critério cronológico não poderia constituir-se em bom parâmetro para aferirem-se as capacidades ou desempenhos psíquicos do geronte, que mais dependeriam da natureza da tarefa – vis-à-vis sua inteligência nata e a experiência adquirida ao longo dos anos.

Em 1971, nos Estados Unidos, foi publicado interessantíssimo estudo longitudinal compreendendo o acompanhamento de indivíduos, inicialmente hígidos, dos 71 aos 82 anos de idade – durante um período, pois, de onze nos. Foram estas as conclusões, referidas por G. D. COHEN ():

These healthy men showed no fall in intelligence quotient at age 82 as compared to 71. Further analysis of the findings revealed that no significant changes occurred with the tests on information, comprehension, arithmetic, similarities, or digit span, while statistically significant improvements actually took place with the vocabulary, picture arrangement, and sentence completion tests.

Finaliza o autor, chefe do centro de estudos de saúde mental dos idosos do National Institute of Mental Health, em Maryland:

Again, the above studies support the point that mental or intellectual changes in the elderly should raise questions about disease, rather than being dismissed as normal aging.

SE JÁ frisamos as características de “estado fronteiroço” do senescente, do ponto de vista anátomo-funcional em geral, tornaremos a enfatizá-lo do ponto de vista neuro-psíquico, quando se torna extremamente difícil o discrimine diagnóstico entre alterações psíquicas senis (fisiológicas) e manifestações psíquicas senis com substrato orgânico (psicopatológicas), caracterizando a organic brain syndrome – em que dominam o quadro clínico as alterações hemodinâmicas cerebrais, com deficiente perfusão sanguínea e de oxigênio, aumento da resistência cérebro-vascular, redução difusa da massa encefálica, etc.

Não nos deteremos nos quadros clássicos de demência arteriosclerótica ou senil, que mesmo o leigo “diagnostica” – evidentes, até certo ponto, através da exuberante sintomatologia comportamental, a atestar a base orgânica do processo. Reportamo-nos às dificuldades diagnósticas quando o quadro clínico se compõe, apenasmente, do sutil e progressivo declínio das capacidades mentais, de par com incipientes e freqüentemente mal definidas alterações do humor básico (timia), do pensamento e do comportamento do geronte.

Teriam esses quadros – incipientes, sutis, lentamente progressivos – base orgânica ou psicológica? Tratar-se-ia de um “psicótico-orgânico” ou de um “não psicótico orgânico”? (). Até que ponto se poderia configurar, apenas, mera acentuação dos traços caracterológicos do idoso, ou uma psicopatía senil incipiente?

Exemplifique, ainda na mesma linha expositiva, com as alterações discretas da personalidade (distímias transitórias, hipobulia, ambivalência, crises de sonolência excessiva, hipomnesia ocasional, ligeira deterioração do pragmatismo, certo desleixo

quanto a cuidados alimentares e de vestuário, etc.) – nenhuma delas, per se, necessariamente patológica, a rigor, e até mesmo quando confluentes.

Evidentemente, a resposta correta a estas questões só poderá ser encontrada através de minuciosa propedêutica neuro-psicológica, geralmente da alçada do “médico da família” ou clínica-geral, que deverá – nunca será demais insistir neste ponto – avaliar com extremo cuidado as informações que partem da ambiência familiar ou profissional do paciente idoso. Mais raramente, poderá tornar-se imprescindível o concurso do psiquiatra, na vigência de problemas médicos-legais especiais. Lamentavelmente, dele costumam socorrer-se, açodada e prematuramente, certos grupamentos familiares – geralmente abastados – em função do nível econômico do geronte, das oscilações das bolsas de valores e de suas próprias necessidades econômicas...

CARACTERIZADA a tão comum síndrome depressiva senil, absoluta prioridade, diagnóstico e terapêutica, deverá ela merecer, face ao risco latente e prevalente do suicídio, na senescência. Referimo-nos à doença, bem caracterizada, e não, obviamente, às distímias episódicas, tão comuns na velhice, manifestadas pela vontade ou desejo da própria morte, da “libertação” da vida presente através da morte natural – sem revolta ou desespero, sem angústia.

A propósito, esposam alguns teólogos a opinião de que, se não foi o homem criado para o sofrimento, lícita e louvável seria a aspiração – sem patologia... – à união definitiva com o Criador (cf. SÃO PAULO, Flp 1, 23), manifestada, na realidade, até mesmo pelos místicos jovens. Má, em si, não haveria de ser a aspiração de um fim às tribulações da vida presente – ensina a moral cristã – se o sofrimento (“testemunho da benevolência divina”) já não puder ser vivenciado como agente santificador ou purificador, antes impulsionando, de maneira insuportável, à doença física ou mental. A qual de nós, clínicos militantes, já não ocorrem, nas longas e frias madrugadas da vigília, nos corredores de hospitais ou no cubículo de uma UTI, os comoventes versos de BOB RICHARDS, na significativa “Oração de um homem velho”? Na realidade, a cada passo pareceu-nos ouvi-los, na muda linguagem do sofrimento de nossos pacientes crônicos e agonizantes – caquéticos, facies hipocrática, dispnéicos, lacrimejando em sudorese profusa:

“- Com licença, doutor, posso morrer?”
Sei que o seu juramento o obriga a lutar
Enquanto uma chama de vida
Em mim perdurar.
Eu sei que você deve usar tudo o que sabe
E a ciência lhe deu.
Você tem marca-passo, oxigenador,
Drogas, sondas, desfibrilador,
Que não deixam meu coração parar
E nem que me falte o ar.
Mas, doutor, já passei dos oitenta...
Minhas crianças cresceram,
Meus amigos morreram,
Minha mulher enterrei.
Trabalhei, amei, sofri.
Vivi muito, vivi...
Quero agora dormir.
Que mais posso querer na minha idade
Senão o conforto de morrer
Com tranqüilidade?
Seus motivos são nobres, eu sei.
Você cumpre em dever.
Mas, leia em meus olhos
E escute em meu coração
O que meus lábios já não podem dizer:
“- Com licença, doutor, posso morrer?”

Nos Estados Unidos – onde 25% dos suicídios ocorrem na faixa etária de sessenta e cinco anos ou mais – L. GLICKMANN e S. A. FRIEDMANN (), de Brooklyn, apontam as quatro mais freqüente causas de auto-extermínio, nos idosos, frisando o aumento deste tendência patológica, no homem, a cada década de vida:

- perda da saúde
- morte da esposa

- aposentadoria
- casamento e/ ou mudança de filhos

Tendo-se em conta a procedência do referido estudo, não caberia, a rigor, estranhar-se a ausência de outros fatores etiopatogênicos ou precipitantes de síndromes depressivas graves, no geronte da sociedade industrializada ocidental: miséria, fome, desemprego, marginalização social, etc.

Aqueles mesmos autores assinalam que, em dois terços, em média, houve prévia consulta a um médico, cerca de seis meses antes do evento fatal. Por outro lado, em aproximadamente um quarto dos casos lançaram mão, os suicidas idosos, de medicamentos sedativos ou tranqüilizantes prescritos pelo seu médico. Duas conclusões que, sem dúvida, encerram precioso conteúdo didático – de sentido profilático, para o clínico militante.

Em nossa experiência pessoal, dois outros aspectos importantes devem ser valorizados, como eventuais fatores precipitantes. O primeiro diz respeito à grande influência da “iatrogenia comunicativa” desencadeada pelos próprios médicos, transmitindo, sem maiores rodeios, “a verdade total e absoluta” (*sic*) aos portadores de doenças incuráveis, sobretudo no caos de neoplasias malignas que evoluem com síndrome dolorosa insuportável. Outro fator relevante seria o não menos impiedoso isolamento que certos grupos familiares impõem ao geronte necessitado de cuidados – no lar e no hospital – abalando sua frágil auto-estima.

Ainda de um ponto profilático, julgamos que nunca será demais enfatizar os riscos que poderá representar a generalizada tendência a minimizarem-se as queixas do paciente senil, deixando os médicos de atribuir-lhes seu correto significado propedêutico. As alterações do sono, por exemplo, tendem a ser minimizadas pelo clínico, quando, na realidade, a insônia, o sono agitado ou muito interrompido, a insônia da madrugada – integrando queixas novas ou recentes na história clínica do geronte – representam importantíssimo dado anamnético. Lamentavelmente, poderá também o próprio médico encontrar-se contagiado pelo mito de seu paciente idoso, além de necessitar de menos horas de sono, deva ser, naturalmente, “fisiologicamente” acometido dos referidos distúrbios, que seriam “próprios” da idade

avançada. Estudos de KAHN, FISCHER e FEINBERG (), correlacionando a idade com a curva total do tempo de sono, nas vinte e quatro horas, não lograram evidenciar alterações significativas do sono, na faixa etária de vinte a oitenta anos de idade. Na realidade, as alterações do sono, no paciente senil, frequentemente inauguram o complexo ansiedade-depressão, porta aberta ao suicídio que poderia e deveria ter sido previsto pelo médico.

A romancista da velhice, SIMONE DE BEAUVOIR (), confirma ter o suicídio muito maior incidência na velhice, sobretudo nos homens. Informa-nos que $\frac{3}{4}$ das mortes voluntárias, na França, correspondem ao suicídio de pessoas idosas, aduzindo os seguintes dados:

- até os 55 anos – 51 entre 100 mil indivíduos
- depois dos 55 anos – 158 entre 100 mil indivíduos

Curiosamente, e até certo ponto paradoxalmente, a mesma autora – que “em fontes fidedignas” somente teria encontrado um caso que ultrapassasse os 105 anos, Antoine-Jean Giovane, natural da Córsega, com 108 anos de idade – contesta a validade dos métodos psicométricos na aferição do psiquismo senil, afirmando, “com base em testes e estatísticas”:

“Quanto mais elevado o nível intelectual, mais fraco e lento o decréscimo do geronte. Se continuar a exercitar a memória e a inteligência, ser-lhe-á possível conservá-las intactas”.

Parece-nos evidente, entretanto, que as referidas faculdades só poderão ser aferidas por métodos psicométricos. Por outro lado – “conservá-las intactas” até quando? Na verdade, cremos caber aqui, uma vez mais, a regra áurea da propedêutica médica “cada caso é um caso”...

FOGE ao âmbito desta exposição o estudo das dificuldades diagnósticas do quadro orgânico cerebral (organic brain syndrome). Ao encerrá-la, entretanto, ressaltaremos alguns critérios diagnósticos simples, acessíveis ao leigo e úteis à

caracterização inicial do referido processo, deixando à margem, naturalmente, a exposição da semiotécnica e semiogênese dos quadros neuro-psicopatológicos senis, que abrangeriam, sobretudo:

- exame das funções motoras
- determinação do nível de estado de vigília
- aferição das funções intelectuais (testes de memória e de habilidade para cálculos – concentration span).
- reografia
- eletroencefalografia
- oftalmodinamografia
- cintilografia e estudo do fluxo sanguíneo cerebral com radioisótopos, etc.

Ainda com base nos relatórios de L. GLICKMAN e S. A. FRIEDMANN (), verificamos que, se o déficit de memória anteceder a depressão, haverá grande probabilidade de tratar-se de processo orgânico. Em caso contrário, é esta a de que a hipomnésia traduza “pseudo-déficit”, por falta de motivação, ou apatia. Ressaltam os referidos autores, entretanto, que a sonolência excessiva ou estupor, bem como a apatia ou letargia, na ausência de medicação tranqüilizante ou sedativa, apontariam o possível fator orgânico, comandado minuciosa exame neurológico do paciente senil. Observa-se, por outro lado, que nos processos orgânicos cerebrais se perdem, em primeiro lugar, as funções cognitivas por último adquiridas na evolução do indivíduo e da espécie (ontogenia e filogenia).

Assim, é a função intelectual, aquisição mais recente, a primeira a deteriorar-se – como a capacidade de pensamento abstrato, geralmente aferida através de testes de similaridade ou de interpretação de provérbios. Segue-se-lhe a memória, a partir da mais recente (lei de RIBOT), com dificuldade iniciais à evocação de fatos ou acontecimentos recentes, triviais, do dia a dia. Vale observar, salientam os autores, que as alterações psíquicas funcionais, em oposição às de base orgânica, não se acompanham, geralmente, de distúrbios de memória: não dependeria, esta, tão intimamente, do nível de inteligência, quanto a capacidade de pensamento abstrato.

É mais freqüentemente esquecido o mês, do que o dia ou o ano, na evocação das datas. Sugere A. P. de FREITAS () poder isto dever-se ao fato de ter o dia relevância singular, específica, como número, data essencial, que marca o comemorativo, como também o ano, encerrando a data. Já os meses, nominais, com denominações diferentes, não numéricas, seriam mais refratários à evocação. (Parece-nos significativo provir esta observação de um geronte extremamente culto e integralmente lúcido, aos 78 anos de idade – que, aliás, reviu o presente texto, pródigo em sugestões...).

Em estágio mais avançado, já se evidencia a alteração da orientação, inicialmente para tempo e lugar (alopsíquica) e finalmente com relação à própria pessoa (autopsíquica).

Instala-se a “demência senil”, em menos de 5% dos indivíduos acima de 65 anos de idade: doença bem definida, e não mera alteração senil, “fisiológica” – convém assinalar.